

José Wellington Lúcio Soares
Francisco Edson Lúcio Soares

Monsenhor José Furtado Cavalcanti

sua história de vida na história de Meruoca





José Wellington Lúcio Soares
Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Educação com ênfase para o Ensino de Jovens e Adultos, realizada no Instituto Federal do Ceará (IFCE) em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor de Geografia. Desenhista, Músico e Artista Plástico. Pesquisador vinculado ao LEGEC - Laboratório de Estudos em Geografia Cultural (UECE) e ao LABOME - Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (UVA). Autor do livro: *Textos, Históricos e Desenhos de Meruoca-CE*, de 2008. Natural de Meruoca.



Francisco Edson Lúcio Soares
Graduado em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialista em Artes Plásticas com habilidades em pinturas de telas, desenhos de caricaturas, artes barrocas e abstratas. Acadêmico de Física(UVA). Autor do livro: *Textos, Históricos e Desenhos de Meruoca-CE*, de 2008. Natural de Meruoca.



José Wellington Lúcio Soares
Francisco Edson Lúcio Soares

Monsenhor José Furtado Cavalcanti

sua história de vida na história de Meruoca

Meruoca/CE

2019



Monsenhor José Furtado Cavalcanti: sua história de vida na história de Meruoca
© 2019 Copyright by José Wellington Lúcio Soares e Francisco Edson Lúcio Soares
Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com
Site: editorasertaocult.com

Conselho Editorial

Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Raimundo Alves de Araújo
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Telma Bessa Sales

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967

S676m Soares, José Wellington Lúcio.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti: sua história de vida na história de Meruoca. / José Wellington Lúcio Soares, Francisco Edson Lúcio Soares. – Meruoca - CE: Sertão Cult, 2019.

144p.

ISBN: 978-85-67960-36-4 - (E-book-pdf)

ISBN: 978-85-67960-35-7 - (papel)

Doi: 10.35260/67960364-2019

1. Biografia - Ceará. 2. Meruoca, Ceará - Monsenhor José Furtado Cavalcanti. 3. História – Meruoca - CE. I. Título.



Este e-book está licenciado por Creative Commons
Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

LISTA DE FIGURAS / 7

AGRADECIMENTOS / 9

PREFÁCIO / 11

APRESENTAÇÃO / 13

1. MERUOCA: UMA VISÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA / 17

1.1 Da Capela à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição na perspectiva dos autores / 29

1.2 Breve história religiosa da Meruoca a partir da biografia de seus vigários / 36

1º - *Monsenhor Diogo José Maria de Sousa Lima* / 37

2º - *Padre Francisco Inácio da Costa Mendes* / 37

3º - *Padre José Silvino Maria e Vasconcelos* / 38

4º - *Padre Custódio Arcanjo de Vasconcelos* / 38

5º - *Padre Manuel de Araújo Feitosa* / 39

6º - *Padre Antonio Candido de Melo* / 39

7º - *Padre Francisco Leopoldo Fernandes* / 40

8º - *Padre Fortunato Alves Linhares* / 40

9º - *Padre José Joaquim da Frota* / 41

10º - *Padre Francisco Leopoldo Fernandes* / 42

11º - *Padre Joaquim Severiano de Vasconcelos* / 42

- 12° - *Padre Joaquim Anselmo de Sales* / 43
- 13° - *Padre Manuel Henriques de Araújo* / 44
- 14° - *Padre Mons. José Aloísio Pinto* / 44
- 15° - *Padre Luis Valfro Franzoni* / 45
- 16° - *Padre João Teófilo Soares Leitão* / 45
- 17° - *Padre José Bezerra Coutinho* / 46
- 18° - *Padre Antonio Regino Carneiro* / 46
- 19° - *Padre José Osmar Carneiro* / 47
- 20° - *Padre Francisco Eudes Fernandes* / 47
- 21° - *Monsenhor José Furtado Cavalcanti* / 47
- 22° - *Frei Luiz Ponciano Celestino* / 47
- 23° - *Padre Manuel Rômulo Rocha* / 49
- 24° - *Padre Francisco Alves Magalhães* / 49
- 25° - *Padre Emanuel Franklin Leitão Junior* / 51
- 26° - *Padre João Paulo Aguiar Bezerra* / 51
- 27° - *Padre Fábio Soares Duarte* / 52

2. A HISTÓRIA DE VIDA DE MONSENHOR JOSÉ FURTADO CAVALCANTI / 55

- 2.1 Vida escolar em Viçosa do Ceará / 56
- 2.2 A ida para o seminário / 57
- 2.3 Serviço militar / 58
- 2.4 Ordens menores e maiores / 59
- 2.5 Ordenação sacerdotal / 59
- 2.6 A chegada à Meruoca / 60
- 2.7 A família de José Furtado / 63
- 2.8 A morte de dona Maria Alves / 67
- 2.9 O Jeep do padre / 67

- 2.10 Contribuições para a educação dos meruoquenses / 68
- 2.11 Contribuições para a saúde dos meruoquenses / 70
- 2.12 Sua residência, a casa de todos / 72
- 2.13 Construção das torres da igreja matriz / 72
- 2.14 A Fazenda Gameleira / 72
- 2.15 Patronato Dom José, a inspiração de Monsenhor Furtado / 73
- 2.16 Dona Margarida, a irmã do padre José Furtado / 74
- 2.17 A promoção de padre para monsenhor / 77
- 2.18 O patrimônio da paróquia de Meruoca / 77
- 2.19 O primeiro centenário da paróquia de Meruoca / 78
- 2.20 A última década de vida / 79
- 2.21 Últimos dias de vida de Monsenhor Furtado / 81
- 2.22 Rodovia estadual CE 440 – 240 / 83
- 2.23 A elevação de Meruoca à categoria de Município / 84

Palestina do Norte / 90

São Francisco / 90

Santo Antônio dos Camilos / 91

Santo Antônio dos Fernandes / 91

Anil / 91

Sede / 91

2.24 Alcântaras: o outro fascínio de Monsenhor Furtado / 95

2.25 Batizados e Casamentos realizados por Monsenhor Furtado entre 1948 a 1996 / 98

3. MONSENHOR FURTADO: história em fotografias e depoimentos / 99

3.1 Trecho do diário escrito por Monsenhor Furtado no dia 24 de janeiro de 1988, época em que ele completou seus 40 anos como vigário de Meruoca / 117

3.2 Lembranças, Depoimentos e Memórias / 120

Dona Ritinha / 123

Zé Tarcísio / 124

Chico Luiz / 125

Zé Augusto / 125

Jandira Brandão / 126

Tia Lili / 128

Tio Alberto / 129

Tereza Martins / 130

João Soares / 130

Zé Ferreira / 131

Fátima Custódio / 132

Edson Martins / 132

Joaquim Silva / 135

Elza Trajano / 136

Gorete Sampaio / 136

3.3 Crônica ao Padre Menino / 137

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / 141

Lista de figuras

- Figura 1 - Indígenas da Meruoca / 17
- Figura 2 - Forma de Comunicação indígena / 18
- Figura 3 - O primeiro contato / 19
- Figura 4 - A chegada do casal de brancos / 20
- Figura 5 - Capela primitiva antes da chegada de Sebastião no povoado / 22
- Figura 6 - A Meruoca do séc. XVIII: a religiosidade as margem de um rio / 30
- Figura 7 - A “Beruoca” do século XVIII / 31
- Figura 8 - Sítio São José, a herança da ocupação serrana / 31
- Figura 9 - A religiosidade como ascensão para o sítio São José / 32
- Figura 10 - São José: o povoado marcado pela presença da religiosidade / 32
- Figura 11 - A Igreja, o rio e o povoado: reflexos do desenvolvimento / 33
- Figura 12 - A Meruoca em ascensão socioespacial / 33
- Figura 14 - O berço da sociedade Meruoquense / 34
- Figura 15 - A Tecnologia chegou à Meruoca / 35
- Figura 16 - A contribuição de Mons. Furtado à Meruoca / 35
- Figura 17 - O catolicismo na Meruoca / 36
- Figura 18 - Atual Igreja Matriz de Meruoca / 36
- Figura 19 - José Furtado e seus irmãos, Luiz Gonzaga (e esposa), Margarida e Mariana (e esposo) / 64
- Figura 20 - Dona Maria Alves e familiares / 65
- Figura 21 - Dona Maria Alves / 65
- Figura 22 - Dona Maria Alves e familiares / 66
- Figura 23 - Dona Maria Alves, José Furtado e familiares / 66

- Figura 24 - Dona Maria Alves, José Furtado, familiares e amigos / 66
- Figura 25 - Antigo Ginásio de Meruoca / 70
- Figura 26 - Fachada externa do Patronato Dom José / 74
- Figura 27 - Dona Margarida / 75
- Figura 28 - Dona Margarida e crianças de sua família / 75
- Figura 29 - Fátima, Monsenhor Furtado, Ursulita, Agesilau, Margarida e Irmã Diomar / 76
- Figura 30 - Fátima Custódio, Mons. Furtado e Maria da Paz / 82
- Figura 31 - Túmulo onde está sepultado Monsenhor Furtado / 83
- Figura 32 - Lei que definiu o nome da Rodovia que liga Sobral a Meruoca / 84
- Figura 33 - Morro do Caiado - Santo Elias / 85
- Figura 34 - Pedra do Bocão - área urbana da Meruoca / 85
- Figura 35 - Cachoeira Véu de Noiva - Sítio Pintos - São Bento / 86
- Figura 36 - Pedra do Frade - Santo Antonio dos Fernandes / 86
- Figura 37 - Cachoeira do Quebra - Sítio Quebra - Meruoca / 86
- Figura 38 - Pedra do Bento, em Anil / 87
- Figura 39 - Cachoeira Buraco da Velha - Sítio Sobradinho/Lages / 87
- Figura 40 - Mapa do Município de Meruoca / 90
- Figura 41 - Área urbana da Meruoca / 92
- Figura 42 - Centro da cidade inundado pelas cheias ocorridas no riacho Itacaranha em 1974 / 92
- Figura 43 - Av. Luiza Távora - Meruoca (1983) / 93
- Figura 44 - Avenida John Sanford no ano 2019 / 93
- Figura 45 - Rua Mons. Furtado no ano de 1983 / 94
- Figura 46 - Rua Mons. Furtado no ano de 2019 / 94
- Figura 47 - Praça da Santa no ano de 1983 / 94
- Figura 48 - Praça da Santa no ano 2019 / 95

Agradecimentos

A construção desta obra só foi possível graças às contribuições de pessoas que acreditaram na importância deste documento histórico para os meruoquenses. Dessa forma, ressaltamos a cultura meruoquense como algo que às vezes parece-nos estar distante, porém, próxima até demais, pois o que falta mesmo é iniciativa, atitude e perseverança para que ela seja restabelecida através de seus contextos e pessoas como Monsenhor José Furtado, que muito fez por Meruoca. Para nós autores foi um grande desafio, mas que aos poucos foi sendo fortificado através das amizades e atenção que os amigos e colaboradores (diretos e indiretos) nos proporcionaram ao longo das pesquisas, entrevistas, conversas e diálogos que realizamos.

Agradecemos o apoio e atenção dos professores e amigos Dr. Otávio José Lemos Costa, Dr. Nilson Almino de Freitas, Dr. Raimundo Freitas Aragão e ao Prof. Paulo Emílio de Andrade pelas colaborações e discussões que muito contribuíram para a confecção desta obra, resultante do projeto/Tese de doutorado intitulado(a) de *Geografia Vernacular: dimensionando a paisagem geossimbólica da Meruoca*, que tem como orientador o Professor Dr. Otávio José Lemos Costa e Coorientador o Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas, sendo desenvolvido(a) por José Wellington Lúcio Soares enquanto doutorando do Curso de Pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual do Ceará (UECE), através do apoio da Fundação Cearense de Apoio a Pesquisa (FUNCAP) enquanto agência de fomento, que parcialmente apoiou também esta obra.

Agradecemos também, de maneira especial, aos apoiadores que contribuíram diretamente para a confecção e tiragem dos exemplares, foram eles: Francisco Olímpio Frota Mont'Alverne (Dr. Olímpio), Maria Moreira Sales (Dona Gorete), Maria de Fátima Custódio Martins, Hoswaldo Hugo Santos Soares e Andréia Arcelino Alves.

Prefácio

O objetivo desta obra é relembrar a História de vida de Monsenhor José Furtado Cavalcanti, porém, para que o leitor compreenda o porquê, como e para que ele chegou à Meruoca, é fundamental apropriar-se do contexto histórico do lugar. Para isso, recriou-se o cenário histórico utilizando-se de desenhos para melhor situar o leitor, pois figuras, desenhos e fotografias também são formas textuais que descrevem, demonstram e apresentam algo. Não obstante, descreve-se também, de forma resumida, a biografia de todos os Vigários que passaram por Meruoca através do regime de Paroquiato. Ressalta-se que não foram somente esses, pois outros também passaram, só que através do regime de Curato e Capelania. Mas a descrição ficou mesmo apenas no primeiro regime, pois foi para isso que Monsenhor José Furtado chegou à Meruoca.

A intenção dos autores foi de contribuir com o conhecimento e enriquecer a história de Meruoca. São eles: José Wellington, estudioso da Fenomenologia e Pesquisador da Geografia Cultural no âmbito da Paisagem Vernacular e das Geossimbologias. É um exímio artista plástico, músico e desenhista. Além de ser um incansável homem na busca de aprendizados e conhecimentos. O Francisco Edson, artista nato das artes plásticas com especializações em pinturas de telas e desenhos de caricaturas. Autor da estátua de São Vicente de Paulo, que está na entrada do cemitério municipal de Meruoca, e a de Monsenhor Furtado que se encontra ao lado da igreja matriz de Meruoca. Os dois são irmãos e autores do Livro **Textos, Históricos e Desenhos de Meruoca-CE**, escrito em 2008.

Esta obra, intitulada de Monsenhor José Furtado Cavalcanti: sua história de vida na história de Meruoca, está dividida em três partes, sendo que no **capítulo 1** teve-se o cuidado em recriar a história de Meruoca a partir do cenário religioso que contempla a existência da pequena capela de palha que, em seguida, serviu de referência para o surgimento do povoado São José às margens de um riacho que tempos depois viria a ser chamado de “riacho Itacaranha”. Em seguida tem-se a biografia de alguns vigários que passaram em Meruoca através do regime de Paroquiato. Ressalta-se que não foram todos, mas aqueles que permaneceram por

mais tempo evangelizando, catequizando e contribuindo para o bom desenvolvimento de Meruoca. O capítulo termina com anexos referenciados por figuras desenhadas na perspectiva dos autores que demonstram as fases da capela até chegar à atual Igreja, porém, as duas últimas são fotografias.

O **capítulo 2** é o objetivo principal dessa obra, pois é onde está toda a trajetória de vida de Monsenhor Furtado. Inicia-se com a descrição sobre sua infância e adolescência em Viçosa do Ceará, sua trajetória de estudos e vocação desde sua ida para o seminário até as atuações como padre, tanto em sua terra natal, Viçosa do Ceará, quanto nas cidades por onde passou. Menciona-se também sua família (pai, mãe, irmãos), o serviço militar, últimos dias de vida, suas obras para com os meruoquenses, e sua importante contribuição para a elevação de Meruoca a categoria de Município.

Na parte que fala sobre a criação do Município, os autores tiveram o cuidado em levar o leitor ao entendimento de que a Meruoca é apenas um dos municípios que compõem a Serra da Meruoca. Na sequência aparece o município como território político que é composto por pequenas localidades, sítios e distritos, dentre eles a cidade.

O **capítulo 3** traz a história de Monsenhor Furtado em forma de anexos. E para finalização do capítulo tem-se alguns depoimentos relatados por pessoas que conviveram ao lado de Monsenhor Furtado. Objetiva-se com isso, agregar valores a tudo que foi pesquisado e descrito sobre a personalidade desse grande homem. Por último, há uma crônica que descreve a chegada, a convivência, as contribuições e a importância que José Furtado Cavalcanti possui para Meruoca.

Andréia Arcelino Alves

Apresentação

De modo geral, escrever sobre assuntos como este passam a ser mais valorizados na medida em que o uso de fotografias ou desenhos se fazem presentes, pois levam o leitor a adentrar, sentir e interagir com o mundo das materialidades a partir do visual enquanto percepção, mesmo que esteja bem distante de sua realidade. Consideramos a fotografia e o desenho como formas de registro legítimo que valorizam situações, capazes de criar e recriar representações sobre algo que existe ou existiu em determinados momentos e ocasiões.

A utilização da fotografia passou a ser mais frequente após a Primeira Guerra Mundial, possibilitando fazer revelações significativas a respeito dos mortos e seus funerais. Esses momentos passaram a ser registrados através de fotografias que, posteriormente, tornaram-se relíquias históricas, evidenciando, sobretudo, a memória daqueles que viveram durante o período de extremo conflito. Isso nos faz evocar experiências vividas usando-se de imagens como representações visuais que reestabelecem aspectos que o tempo não conseguiu apagar.

Trazendo esse contexto para o assunto ora mencionado no título dessa obra, perceberemos que as imagens retratadas nos possibilitarão reformular mudanças que ocorreram nas interfaces da Meruoca e daqueles que contribuíram para tais finalidades. Assim, redefinimos através de recortes espaciais os modos com que os meruocenses tornaram-se meros espectadores de um mundo próprio a partir de três momentos, a saber: **o antes, o durante e o pós** Monsenhor Furtado, tornando-se assim materialidades diante de seus aspectos reais.

Apropriar-se da imaginação através daquilo que se vê ou percebe a partir de uma fotografia ou desenho é o mesmo que se apropriar das coisas, dos objetos, dos lugares e dos sujeitos que interagem entre si. Aquino (2011, p. 2) explica que “[...] a experiência de ver antes de ir a um destino é um comportamento recorrente, pois cria um caminho ao avesso, permite primeiro ver as imagens e depois o lugar”. Por esse motivo, entendemos que demonstrar alguma coisa através de desenhos ou fotografias é o mesmo que se aproximar da essência das coisas ligadas

às realidades que geram situações apreendidas pelas técnicas, porém, mostram situações que nos levam a reconstruir eventuais temporalidades recorrentes ao nosso modo de ver, perceber e compreender o que está sendo retratado. Foi isso que Rouillé (2009) escreveu sobre a imagem, destacando a fotografia:

[...] ela fabrica um mundo. [...] é a produção de um novo real, no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação, de alguma coisa do real dado [...]. Nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar. [...] é resultado de um processo de criação, seus códigos técnicos, culturais, estéticos e ideológicos fazem parte de um sistema que precisa ser desmontado para que se possa compreender como seus elementos se articulam (ROUILLÉ, 2009, p. 72-77).

É importante entendermos que ao analisar uma determinada imagem, ela poderá não estar mostrando suas principais características em um primeiro momento, pois o processo de criação da imagem, intencionalmente, pode não possibilitar a percepção sobre alguma coisa, por exemplo: o tipo climático, o vento, a dinâmica das coisas que estarão ao seu redor. Outro exemplo é a forma como as pessoas costumam aparecer nas fotografias, quase sempre de sorriso estampado no rosto, ou mesmo fazendo pose.

Isso não significa dizer que aquilo que a fotografia está mostrando é a realidade, pois pode haver outros contextos por trás do que está sendo mostrado. A ideia aqui é deixar claro que tanto a fotografia quanto o desenho são apenas maneiras de se representar algo que foi capturado por uma lente fotográfica ou confeccionado por certo artista em um determinado momento. Queremos com isso chamar atenção para a necessidade de se analisar as imagens utilizadas nessa obra de modo que sejam percebidos seus contextos e suas épocas.

É notório que as coisas acontecem melhor quando se tem ajuda de alguém, ou nesse caso, quando é indispensável à participação de alguém para que algo venha a se concretizar. Assim sendo, mencionamos aqui algumas personalidades que também contribuíram para o desenvolvimento de Meruoca e que não devem ser esquecidas pelos meruoquenses, pois além de Monsenhor Furtado, surgem também as figuras de *Gregório da Cunha Freire*, *José Eustáquio dos Santos*, *João Batista Silveira*, *Cosme Cavalcante de Vasconcelos*, *Gabriel Francisco de Sales*, *Raimundo Davi dos Santos*, *Oswaldo Soares de Oliveira*, *José Maria Albuquerque*, *Carlos Marques dos Santos*, *José Davi do Nascimento*, *Francisco Mendes de Mesquita*, *José Maria Roberto*, *José Mendes de Araújo*, *Antonio Ricardo do Nascimento*, *Francisco Sanford Frota*, *Miguel Arcanjo Alves*, *Manoel Rodrigues do Nascimento*, *Wildson*

Lobo Sanford Frota, Irineu Coutinho de Aguiar, Marina Trajano Ximenes, Moacir Donato de Araújo, Francisco José Florêncio, Francisco Vilebaldo Mendes Abreu, João Pio Fernandes, José Mendes de Souza, Paulo Evilásio dos Santos, Raimundo Fernandes de Souza, Francisco Geralberto Carneiro, Maria da Conceição Cavalcante de Alcântaras, Francisco Olímpio Frota Mont’Alverne, José Augusto Florêncio, José Rodrigues do Nascimento, João Coutinho de Aguiar Neto, Tarcísio Sampaio Sales, Vicente Soares Filho, Maria Aglaís Albuquerque, Rogério Marques dos Santos, José Olimar Carneiro e Dona Cleide Dias, dentre outros. Todas estas personalidades tiveram suas parcelas de contribuições para o desenvolvimento de Meruoca.

Aqui deixamos nossos agradecimentos, como meruoquenses e autores dessa obra, a essas personalidades e seus familiares, pois suas colaborações também permitiram-nos adentrar nas interfaces do contexto histórico-geográfico da Meruoca. Esperamos, com isso, que o leitor perceba a figura imagética de Monsenhor Furtado como um grande homem, guerreiro e apaixonado por esse lugar que escolheu para ser sua casa, seu lar, seu espaço de lazer e de vida eterna.

Por fim, desejamos uma boa leitura, de modo que se adquiram bons conhecimentos sobre o contexto histórico da Meruoca, a personalidade e o caráter de Monsenhor José Furtado, sendo isso uma das virtudes que o fez e fará ser sempre lembrado como amigo, pai, conselheiro, “médico”, “psicólogo”, professor, padre, irmão. Portanto, reconhecemo-lo como um incansável lutador pelas causas dos meruoquenses, pois como costumava dizer: “Sou Padre, somente padre, eternamente Padre!”

Os autores

1. Meruoca: uma visão histórico-geográfica

Desbravando os sertões, margeando o leito dos rios e subindo para as áreas mais elevadas da região, os primeiros colonizadores brancos chegaram ao que hoje corresponde aos municípios de Sobral e Meruoca, possivelmente, seguindo os caminhos deixados pelos índios Tapuias/Reriús que habitavam a serra que emoldura o hoje conhecido como rio Acaraú. A princípio esses indígenas não perceberam as reais intenções dos colonizadores que era de se apropriar das terras em que viviam há gerações. Logo vieram os jesuítas, cuja missão de catequizar e evangelizar, na verdade, tinha como propósito “adestrar” os povos que habitavam na região.

Figura 1 - Indígenas da Meruoca



Fonte: F.E.L. Soares, 2015

Segundo Aragão (1999), o termo “Adestrar” era a forma usada pelos jesuítas quando se referiam ao tratamento dado aos indígenas, pois para estes religiosos, aquelas pessoas agiam como animais selvagens. Esses jesuítas vieram da serra da Ibiapaba e das áreas próximas a Santana do Acaraú. A missão deles era promover e estabelecer aldeamentos em toda a região serrana, e esses aldeamentos eram incentivados pelos padres da Companhia de Jesus, que inicialmente habitaram as áreas próximas onde hoje está localizada a cidade de Meruoca.

Figura 2 - Forma de Comunicação indígena



Fonte: F.E.L.Soares, 2008

Chefe da Companhia de Jesus, falecido em 27 de maio de 1717, o Padre Ascenso Gago inicialmente foi o responsável por dinamizar estes processos, que foram sendo fortalecidos com o passar dos tempos. Sob seu comando, a Companhia de Jesus instalou-se na região denominada por ele de serra dos Tapuias, que posteriormente passou a ser chamada de Serra da “Beruoca”. Sobre os primeiros contatos com os indígenas, Ascenso Gago redigiu em 1695 uma Carta Ânua relatando que, de acordo com Aragão (1999), “[...] para chamar a atenção dos nativos foi necessário atear fogo no mato, o que deu bom resultado, haja vista que logo no dia seguinte, apareceram dois tapuias, portando tacape, arco e flecha [...]” (ARAGÃO, 1999, p. 19).

Figura 3 - O primeiro contato



Fonte: F.E.L.Soares, 2008

Na ocasião, Ascenso Gago descreveu também as dificuldades e as condições de vida que foram sendo encontradas nas tribos indígenas da Serra dos Tapuias. Segundo ele, a aproximação estava sendo difícil, pois os indígenas estavam se mostrando bravos e violentos. Não aceitavam contato algum. De acordo com Aragão (1999), Ascenso Gago escreveu que:

[...] em 1963, viajamos da serra da Ibiapaba, acompanhado de 15 índios Tabajaras, seguindo a margem esquerda do rio Acaraú, tendo feito na ocasião o primeiro contato com os índios Tapuias/Reriús que já habitavam a serra da Meruoca. O encontro deu-se no sopé da serra. (ARAGÃO, 1999, p. 19).

Nesta carta constava também a chegada de um casal de brancos, que foram considerados os primeiros habitantes não indígenas a fixar residência nas terras que mais tarde vieram a ser chamadas de povoado São José, de propriedade de Ambrósio Francisco de Oliveira e Tereza Maria da Conceição. Na ocasião, o casal foi orientado pelo Padre Miranda a construir a primeira capela no pequeno povoado. Tal capela tinha estrutura de taipa, era coberta de palha de palmeira e ficou conhecida na época como capela de Nossa Senhora da Conceição do Sítio São José (NASCIMENTO, 2015).

Figura 4 - A chegada do casal de brancos



Fonte: F.E.L.Soares, 2008

Esse casal chegou à serra da Meruoca por volta do ano de 1724, tendo construído também a primeira residência de alvenaria e um pequeno engenho que servia para a produção de mel da cana-de-açúcar e rapadura. Nos arredores do engenho, cultivavam-se plantas medicinais e criavam-se animais de pequeno porte, como galinhas e porcos. A mão-de-obra ficava a cargo dos indígenas já domesticados e de alguns escravos que foram trazidos pelo casal, possivelmente das regiões próximas a Pernambuco, (SOARES; SOARES, 2008).

De acordo com Araújo (1979), foi o sargento-mor Leonardo de Sá o primeiro povoador branco do vale do Acaraú e da Serra da Meruoca, vindo de Pernambuco por volta dos anos 1670. Devoto de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, é considerado o primeiro missionário leigo da região do vale do rio Acaraú, de onde foi um dos primeiros povoadores. Uma de suas medidas iniciais foi incentivar a instalação de aldeamentos e a aproximação com os indígenas da Serra (ARAGÃO, 1999).

Em 1724, Leonardo de Sá passou a posse das terras da Meruoca para o coronel Sebastião de Sá Barroso em forma de sesmária, que segundo Araújo (1979), media

cerca de duas léguas. Junto com sua esposa, a Sra. Cosma Ribeiro Franca, o coronel construiu residências nos arredores da capela de Nossa Senhora da Conceição, nas proximidades do riacho Itacaranha, como forma de contribuir e incentivar o povoamento da região. De acordo com Nascimento (2015), Sebastião de Sá era:

Homem branco, mas não era português, e sim de outra região da Europa, hoje denominada de Checoslováquia. Coronel muito rico, pois possuía muitas propriedades em toda a ribeira. Convivia com várias mulheres, mas não casava com nenhuma. Ninguém tinha coragem de enfrentá-lo, mas Pe. Martinho chegou a região, o obrigou a se separar da índia Madalena Saraiva, com quem já tinha dois filhos, e casar-se com Cosma Ribeiro Franca, cabocla, com quem também vivia em concubinato. (NASCIMENTO, 2015, p. 39).

Posteriormente, o casal Sebastião de Sá Barroso e Cosma Ribeiro Franca passou a doar porções de terras para famílias que chegavam à região. Estas famílias recebiam as terras tendo como uma das exigências realizar povoamentos e residir na região, sendo necessário explorar a natureza e produzir através da agricultura e da criação de animais. Aragão (1999) explicou que:

Os proprietários das primeiras fazendas de gado no sertão da ribeira do rio Acaraú procuravam também possuir sítios na serra da Meruoca, mercê de sua temperatura mais amena e onde se podia produzir mel de cana, a rapadura, farinha de mandioca, o algodão e frutas variadas. A própria topografia da serra que dificultava lavou- ras mais ambiciosas, os recursos naturais, invernos rigorosos entre- meados com períodos de seca, a mistura de três raças humanas com predominância da nativa e bastante divergentes entre si, fizeram com que a evolução fosse lenta e não atingisse um progresso mais rápido como desejavam os portugueses desbravadores (ARAGÃO, 1999, p. 27).

Sebastião de Sá doou meia légua de terras, cem vacas e uma engenhoca que servia para a fabricação de mel e rapadura. As escrituras da posse patrimonial eram concretizadas a partir da benção do padre da capela, nesse caso, na época, quem fez isso foi o padre José Teixeira Miranda (primeiro padre da Meruoca), sendo a forma de oficializar a doação da terra. No caso da doação da área referente à atual sede da Meruoca, esta ocorreu oficialmente em 21 de setembro de 1727. Nessa época, a região já era habitada pelos povos nativos e pelos missionários catequizadores.

Inicialmente, Meruoca fora chamada de povoado São José, localizando-se exatamente nas imediações do riacho Itacaranha e da capela Nossa Senhora da

Conceição. O termo “Itacaranha” é uma denominação herdada dos indígenas, que significa “pedra roída”. A construção da primitiva capela, antes da chegada do casal de brancos (Sebastião de Sá Barroso e Cosma Ribeiro Franca), ocorreu na área que posteriormente passou a corresponder ao povoado São José, sendo assim orientada pelo padre José Teixeira Miranda.

Figura 5 - Capela primitiva antes da chegada de Sebastião no povoado



Fonte: F.E.L.Soares, 2008

Nessa época, as áreas que correspondem hoje às localidades de Floresta, Palestina do Norte, Sítio Monte, Santa Úrsula e São Rafael já eram habitadas por núcleos de povoamento que se formavam nos arredores de riachos e pequenas capelas. Silva (1992) esclarece que “[...] a capela, de modo geral, representava a materialização ideológica das doutrinas católica difundidas entre a população” (SILVA, 1992, p. 79). Nesse período, o povoado São José contava com uma quantidade próxima de 40 residências e cerca de 30 famílias habitando suas limitações. Essas famílias eram numerosas e chegavam a ter de 10 a 15 pessoas. As faixas etárias variavam entre 1 e 70 anos, além da quantidade de mulheres grávidas que havia. Não existiam métodos contraceptivos, sendo comum crianças morrerem ainda no parto, pois este era feito nas próprias casas por mulheres conhecidas como “parteiras”. Na época, isso era costume frequente em toda a Meruoca.

Sobre a capela que deu origem à Meruoca, como foi afirmado anteriormente, a construção deu-se ainda no início do século XVIII, em torno do ano 1708. Era coberta por palhas de palmeira babaçu e suas paredes eram de taipa. Sua área

aproximava-se dos 70m² e nos seus arredores havia apenas um espaço composto por algumas casas construídas ao lado do riacho Itacaranha, pois era onde havia muita fartura d'água, peixes e uma variedade de árvores frutíferas. Era também um lugar de belezas exuberantes. Havia também um pequeno cemitério localizado na frente da capela, bem na margem esquerda do riacho Itacaranha, que na época era chamado de “rio das moscas”. Havia também um cruzeiro de madeira que simbolizava o catolicismo e a presença dos Jesuítas no lugar. A figura 6 mostra como era a Meruoca e a localização da capela nessa época.

A partir dos anos 1710, período no qual vivera em Meruoca o padre “Matinhos” (João de Matos Monteiro, que atuou entre 1710 e 1724), o pequeno povoado começou a receber melhores aspectos estruturais e sociais, sendo que houve a reconstrução da capela, dessa vez deixando também portas nas laterais e ampliando seu espaço, porém, os falecidos eram enterrados na frente ou nos arredores da capela. Nessa época o povoado recebeu a denominação de “Beruoca” pelo padre Ascenso Gago e a capela passou a ser coberta de telhas e as paredes erguidas com tijolos trazidos das regiões de Sobral, Massapê e Coreaú, mas o piso continuou sendo de chão batido. Essas melhorias aconteceram através de ajuda dos povos da região orientadas pelos padres jesuítas. Não se sabe o real motivo, mas o cruzeiro que havia à frente da capela foi retirado (ver figura 7).

Durante o séc. XIX, o povoado passou a ser chamado de Sítio São José, influenciado pela presença dos padres evangelizadores Diogo José Maria de Sousa Lima e Francisco Inácio da Costa Mendes. Estes realizaram reformas na fachada principal, utilizando alvenaria, a cal e cimento, além de terem colocado novamente o cruzeiro de madeira à frente da capela, permanecendo o piso de chão batido. Ressalta-se que a elevação da paróquia de Meruoca ocorreu em 1879, “por força da lei provincial nº 1.799, de 10 de novembro de 1879” (COELHO, 1999, p. 20) (ver figura 8).

No início do século XX, chega à Meruoca o padre José Silvino Maria e Vasconcelos. Durante o período que esteve à frente da paróquia (1900 até 1906), a capela passou a ser construída em formato de igreja, com portas e janelas ao lado, além de três na parte da frente. O cruzeiro foi reformado, construiu-se nova fachada e colocou-se uma cruz de madeira na parte mais alta da igreja (ver figura 9).

As famílias que habitavam o povoado eram, geralmente, numerosas e os problemas de saúde, como pneumonia, diarreia, febre amarela e até rubéola eram considerados, na época, doenças incuráveis, mas que se faziam frequentes na vida

dos indivíduos, sendo esse um dos motivos pelos quais havia muitas mortes no povoado. As habitações ao redor da igreja eram cobertas de palhas de palmeira e as paredes preenchidas com barro e argila retirada das margens dos riachos da região. As doenças intestinais e de pele eram comuns nas crianças e idosos devido às más condições de higiene e sanitárias em que viviam.

Na época, as paredes da igreja não eram pintadas e tinham tonalidades próximas do branco gelo devido ao uso da cal na preparação da massa para o reboco. Havia três portas e três janelas na parte superior da fachada principal, além de cavidades em formato arredondado sobre elas. Nos lados direito e esquerdo havia três portas e três cavidades na parte superior, em formato de círculo. Isso era para facilitar a entrada de ar e servia também como decoração externa. O cemitério permanecia na frente da igreja. Nesse período, construiu-se a primeira ponte de alvenaria sobre o riacho Itacaranha para facilitar o acesso de quem morava do outro lado. O padre na época foi Custódio Arcanjo de Vasconcelos, que permaneceu de janeiro de 1906 até abril de 1912 (ver figura 10).

Durante os anos de 1913 até 1916, estiveram em Meruoca alguns padres que pouco tempo passaram e quase nada fizeram em termos de mudanças na igreja. Primeiro veio o padre Manuel de Arcanjo Feitosa, que permaneceu de maio de 1913 até dezembro do mesmo ano. Depois foi o padre Antônio Cândido de Melo, este ficou de janeiro de 1914 a abril do mesmo ano. Na sequência, veio o padre Francisco Leopoldo Fernandes, que permaneceu de abril de 1914 até janeiro de 1916. Este último ainda chegou a realizar algumas mudanças nas imediações da igreja e nas áreas onde estavam se instalando os povoados nos sítios.

Havia por parte desse Vigário uma preocupação quanto às pessoas que moravam nas áreas distantes do povoado São José. Após isso, chegou o padre Francisco Fortunato Alves Linhares, que permaneceu de janeiro até julho de 1916. Ele não durou muito na paróquia, afirmando que trabalhar na Meruoca era “muito dificultoso”, pois havia “muita resistência das pessoas em relação à religiosidade”.

A partir de 1916, com a presença do padre José Joaquim da Frota, que permaneceu de julho daquele ano até janeiro de 1918, o povoado foi sendo ampliado também para áreas mais distantes. Assim, as famílias passaram a desenvolver novas culturas, como a criação de animais e o cultivo de algumas hortaliças, como cebolas e coentros. Foram reconstruídas as portas da igreja e uma nova passagem sobre o agora chamado de riacho Itacaranha ou rio das pedras. O cemitério foi transferido de lugar, não sendo mais permitidos sepultamentos nas áreas próxi-

mas à igreja. O cruzeiro foi restaurado e a fachada superior externa da igreja recebeu reboco e melhorias na parte estética, dessa vez com visual e com pintura na cor cinza (ver figura 11).

Em janeiro de 1918 chega novamente o padre Francisco Leopoldo Fernandes, com a missão de garantir os interesses da Igreja. Este padre permaneceu no povoado até maio do ano de 1921. Encontrou algumas áreas onde estavam ocorrendo conflitos entre os habitantes e os proprietários de terras nos lugares conhecidos hoje como Anil, Sítio Mato Grosso, Caranguejo, São Damião e Socorro. Na época, havia proprietários de terras que cultivavam nos pontos mais íngremes e acidentados da Meruoca, entretanto, negavam a presença e a proximidade dos catequizadores e colonizadores acreditando haver pretensões pelas terras, plantações e até roubar crianças e as adolescentes.

Naquela época, a igreja recebeu reformas, como pinturas das paredes internas e externas, piso de cimento e concreto. Foram reconstruídas as bases das torres e reformou-se a fachada externa, revitalizando o cruzeiro com alvenaria e recolocando nova cruz de madeira na parte superior do templo. Construiu-se nova ponte sobre o leito do riacho Itacarânia, dessa vez com estrutura de cimento e ferro armado. Ressalta-se que não havia energia elétrica e os momentos sagrados eram realizados durante o período diurno, entretanto, se houvesse necessidade em realizar algo à noite, juntavam-se os candeeiros, lampiões e lamparinas para iluminar o espaço sagrado, o que era coisa rara (ver figura 12).

O padre Joaquim Severiano de Vasconcelos, que permaneceu de maio do ano de 1921 até setembro de 1923, não conseguiu fazer muito, pois sua passagem foi marcada por conflitos e ameaças proferidas pelos proprietários das terras da Meruoca. Este padre tinha costume de expulsar os proprietários das terras e posteriormente fazer a distribuição de terrenos para aqueles que não tinham sequer onde morar. Nessa época era comum encontrar famílias morando nas furnas e/ou embaixo das estruturas rochosas, hoje conhecidas como pedra da baleia (na cidade), pedra do bocão (na cidade), furna dos morcegos (na cidade), pedra do bento (em Anil), pedras dos furnões (próximo ao açude Jenipapo) e também nos pedrões do Sítio Socorro, dentre outras.

O padre Joaquim Anselmo de Sales, esteve de setembro de 1923 até outubro de 1928 à frente da igreja local. Ele contribuiu para que houvesse reformas na fachada, construção da casa paroquial e do Cine Dom José (atual salão paroquial), estes localizando-se do lado esquerdo da igreja, que permaneceu com a mesma estrutura física. O grande diferencial nesse período foi a chegada de um gerador

movido a óleo diesel para iluminar a igreja e partes de seu entrono. Esse gerador era manipulado por um funcionário escolhido pelo padre dentre várias pessoas da comunidade, sendo necessário apenas conhecer algumas letras e os horários a partir da posição do sol, pois havia horário exato para seu funcionamento. Nessa época, foram colocados alguns postes de madeira nas margens da estreita rua próxima à igreja, atualmente conhecida por rua Mons. Furtado, e em ruas onde estava havendo ascensão de núcleos povoados, como foi o caso da rua da palha e da rua dos búfalos.

Entre outubro de 1928 e outubro de 1930, imaginava-se colocar uma cruz de madeira em cada base das torres, mas a ideia foi reconsiderada, colocando-se apenas uma de ferro na parte central superior da fachada da igreja e um sino de porte médio, que fora trazido de Portugal através da missão evangelizadora liderada pelo padre Manoel Henriques de Araújo. Durante sua estada em Meruoca, este padre reconstruiu novamente as bases das torres, elevando os pilares que faziam as sustentações e deslocando o sino para a base esquerda, já que este servia para fazer as chamadas para os momentos sagrados, realizados a partir das orientações temporais estabelecidas pela posição do sol ou da lua. Novamente retirou-se o cruzeiro que havia na frente da igreja e redefiniu-se o território, demarcando-o com uma cerca (ver figura 13).

De novembro de 1930 a janeiro 1931, o padre José Aloísio Pinto esteve à frente das missões evangelizadoras, mas não permanecendo por muito tempo, pois, dentre outros motivos, foi obrigado a se retirar devido a problemas de saúde gerados pelo frio da região. Para seu lugar chegou o padre Luis Valfro Franzoni, que também não ficou por muito tempo. Segundo consta nos relatos históricos e religiosos da Meruoca, o provável motivo da saída desse padre pode ter sido devido à sua não adaptação à região, além de ter também sofrido com ameaças oriundas dos donos de terras, especialmente aqueles do distrito de Palestina e da localidade de Floresta. Este padre permaneceu de janeiro a outubro de 1931, ficando em seu lugar, durante quase dois meses, um interventor escolhido pela Diocese de Sobral.

Entre outubro de 1931 e agosto de 1934 esteve em Meruoca o padre João Teófilo Soares Leitão. Este encarregou-se de ampliar a estrutura física da igreja, construindo inicialmente o patamar, a calçada nas laterais e batentes. Foi também reconstruído o cruzeiro e reestruturada a ponte do riacho Itacaranha. Nessa época era comum ocorrerem fortes chuvas que inundavam as áreas próximas ao povoado e destruíam a ponte, que tinha partes que eram feitas com madeira e cipó. Isso impossibilitava o deslocamento das pessoas que moravam do outro lado do riacho.

Esse padre redefiniu as áreas do entrono da Igreja e adjacências do riacho. Fez doações e readquiriu as terras que não tivessem ocupadas. Redesenhou a es-

pacialidade do povoado, dando ênfase a algumas áreas que deveriam ser ocupadas pelas famílias que desejassem colaborar com o desenvolvimento também nos sítios. Foi ele quem definiu um novo lugar para os sepultamentos. O cemitério foi transferido para cerca de 300 metros de distância da igreja, exatamente onde localiza-se atualmente. A figura 14 mostra a igreja dessa época.

Após este período, chega o padre José Bezerra Coutinho, que permaneceu de agosto de 1934 até outubro de 1935. Este Pároco trabalhou muito em prol da evangelização, no entanto, não conseguiu fazer muito pela mudança estrutural do povoado, pois logo foi substituído pelo padre Antônio Regino Carneiro, que chegou com a missão de apaziguar e mediar os conflitos entre nativos e donos das terras doadas pela paróquia. Dessa vez foi necessário restabelecer a ordem e construir novos espaços que servissem de apoio às famílias e que fossem acessíveis a todos.

No que diz respeito à igreja, este padre foi responsável pela construção de novas tribunas na parte superior e uma escada interna para dar acesso à parte superior e facilitar o uso do sino. A estrutura interna do templo permaneceu sem grandes modificações, enquanto que na parte externa houve renovação da pintura e algumas reformas nas habitações localizadas nos arredores da igreja. Além disso, houve a criação da 1ª Banda de Música de Meruoca e do Jornal “Folha Paroquial de Meruoca”. Houve também, nesse período, a construção da capela de Santo Antônio dos Camilos. Este padre permaneceu em Meruoca de fevereiro de 1936 a agosto de 1937. Ressalta-se que de novembro de 1935 a janeiro de 1936 atuou também como vigário interino em Meruoca.

Na sequência, veio o padre José Osmar Carneiro. Pouco conseguiu fazer, pois permaneceu de setembro de 1937 até agosto 1938, dando assim abertura para a chegada do padre Francisco Eudes Fernandes, que logo tratou de realizar reformas na parte interna da igreja matriz, retirando, em 1942, as tribunas que existiam no interior, além de ter fechado as janelas que ficavam nas laterais. Neste período, foi reconstruído o salão paroquial, a calçada principal e o Cine Dom José foi desativado. O cruzeiro foi reformado e a igreja passou a contar com uma estrutura de som localizada na parte superior, mais precisamente no lado esquerdo, despertando curiosidades e se tornando o principal assunto dos meruoquenses naquela época. Mas o maior burburinho naquele período começou com a construção da calçada, pois quando as estruturas foram cavadas, surgiram diversas ossadas humanas, ainda oriundas do antigo cemitério que existiu nos arredores da antiga capela. Padre Eudes, como era chamado, permaneceu de janeiro de 1938 a dezembro de 1947. A figura 15 mostra como era a igreja dessa época.

O ano de 1948 ficou marcado pela chegada do padre José Furtado Cavalcanti. Junto com ele, registra-se o início de uma nova fase de desenvolvimento em Meruoca, pois foi o sacerdote que mais tempo permaneceu como líder do catolicismo local (de 25 de janeiro de 1948 até 30 de março de 1996) e coube a ele a mediação dos inúmeros conflitos que ocorriam na época. Nesse período, José Furtado encontrou Meruoca com algumas áreas desprovidas e excluídas do desenvolvimento regional, a exemplo da região compreendida hoje por Anil, que durante muito tempo foi considerada como lugar de moradia de indígenas não catequizados, e muito menos civilizados, pois sua localização era de difícil acesso, estando a uma distância significativa em relação à então área urbana de Meruoca.

Durante esse período, procurou integrar certos espaços, interligando-os diretamente às atividades religiosas, complementando-os com alguns serviços de abrangência social, como saúde e educação, pois considerava que a maior parte da sociedade local não sabia sequer compreender as palavras e muito menos escrever e ler. Assim, mesmo sem possuir especialização, o vigário procurou atuar na área da saúde, oferecendo consultas à população local orientadas por seus amigos médicos. Quando os sintomas aparentavam ser de risco, logo José Furtado procurava fazer o encaminhamento para os verdadeiros médicos. Além disso, supria as carências da comunidade local atuando também como psiquiatra, advogado, psicólogo e professor. Logo suas habilidades passaram a ser reconhecidas por todos.

Promoveu também construções de residências nos povoados através de mutirões sociais, assim como um pequeno centro de saúde em Meruoca. Foi também responsável pela construção das torres na parte superior da igreja matriz, reconstruindo também as calçadas laterais, a fachada principal e promovendo a colocação, em cada torre, de uma cruz de ferro, além de novas pinturas nas partes internas e externas. Diversos casamentos e batizados foram realizados por ele, pois acreditava que, dessa forma, passaria a agregar valores católicos à cultura local. À medida em que promovia certas realizações, fazia doações de pequenas áreas de terras para as famílias construírem casas e utilizar nas atividades agrícolas, na época prática comum em toda a serra da Meruoca.

No período do Padre Furtado, foi reinstalado energia elétrica na parte interna da igreja e novamente retirado o cruzeiro, além de ter sido reformado o patronato e reconstruída a ponte sobre o riacho Itacaranha, dessa vez reforçando-a e deixando com mais segurança. A figura 16 mostra como era a igreja e suas imediações nessa época.

Após 1996, esteve em Meruoca o padre Caetano de Souza, mas apenas como colaborador e por pouco tempo. Depois dele veio o padre Demontier, também como colaborador, assim como o padre Galdino. Depois de idas e vindas de pa-

dres, foi a vez de Frei Luiz Ponciano Celestiano (o frei Almeida), que permaneceu até meados dos anos 2000. Coube a ele a difícil tarefa de substituir Mons. Furtado.

Apesar do desafio, frei Almeida procurou realizar melhorias nas estruturas físicas da igreja matriz, no salão paroquial e no patronato. Sua contribuição ficou marcada pelas reformas e pinturas que realizou nas partes interna e externa da igreja, assim também como reformas no patamar, nas portas, nos bancos e no sistema de som. De 07 de maio de 2000 até o início de 2002, a paróquia de Meruoca ficou sob responsabilidade do padre Manuel Rômulo Rocha, mas devido ao curto período, não conseguiu promover grandes realizações. Contudo, contribuiu com algumas reformas na parte superior das torres da igreja, nas pinturas interna e externa, além de refazer o telhado. Ressalta-se que esse sacerdote trabalhou mais direcionado para as capelas das áreas rurais de Meruoca.

Padre Francisco Alves Magalhães, eterno afilhado de Monsenhor José Furtado, esteve à frente da paróquia de Meruoca entre os anos de 2002 e 2008. Nesse período, reformou a estrutura física da igreja, sendo feita também nova pintura nas paredes, melhorias no forro e no teto, substituindo as telhas de argila por telhas industrializadas. Suas contribuições estiveram, em grande parte, também espalhadas pelas capelas dos sítios e distritos, sendo complementadas pelas ações desenvolvidas pelo padre Emanuel Franklin Leitão Júnior, entre os anos de 2008 e 2015.

Padre Emanuel mudou a estética da parte interna da igreja, alterando também a cor externa, dessa vez atribuindo aspectos e tonalidades na cor cinza, além de ter promovido a reforma do patamar e da parte de trás do templo. Nesse período havia uma árvore, um juazeiro, que fora plantada por Mons. José Furtado na frente do patamar da igreja matriz. Por ocasião das mudanças de estruturas em torno da matriz, foi retirada e, em seu lugar, construído um novo cruzeiro, dessa vez de ferro, resgatando a cultura dos antigos sacerdotes que passaram por Meruoca (ver figura 17).

Padre João Paulo iniciou suas atividades na paróquia de Meruoca em 2016 onde permaneceu até o final de 2018. Contribuiu muito para o crescimento espiritual e vocacional dos meruoquenses. Suas atividades estiveram também voltadas para as capelas dos sítios e distritos. O atual pároco de Meruoca é o padre Fábio Soares Duarte, tendo ele assumido a paróquia em janeiro de 2019. A figura 18 mostra a atual Igreja Matriz.

1.1 Da Capela à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição na perspectiva dos autores

Aqui, a imagem enquanto paisagem construída e idealizada pelos autores, foi considerada como evolução do pensamento e do lugar, ampliando significados

ao que foi proposto mostrar a partir das formas visíveis que o tempo histórico ofereceu para a ocasião. Estas figuras foram reproduzidas como forma de mostrar os reflexos do real através de um conjunto de sensações experimentadas e vivenciadas pelos meruoquenses que, de certa forma, conviveram, interagiram ou interagem com o espaço em evolução.

As figuras abaixo mostram fases da Meruoca a partir da primeira capela até a atual igreja matriz. Para isso, ela foi reproduzida cuidadosamente em forma de desenhos, baseando-se em relatos, depoimentos e registros encontrados na Paróquia de Meruoca e na Diocese de Sobral, além de fotografias que dão conta do atual cenário, todo o contexto histórico-geográfico que envolve Meruoca. Na visão dos autores, a Meruoca iniciou-se através da tríade relacional entre o observador, a realidade e o espaço ocupado e construído ao longo do tempo, entretanto, as criações, as formas e os sentidos que foram atribuídos nas figuras poderão ir além daquilo que se pretende mostrar. É provável que isso venha a variar de leitor para leitor e de observador para observador, pois dependerá da maneira como ocorrerá a interpretação através dos conhecimentos. Ver figuras a seguir.

Figura 6 - A Meruoca do séc. XVIII: a religiosidade as margens de um rio



Fonte: F.E.L. Soares, 2018

Figura 7 - A “Beruoca” do século XVIII



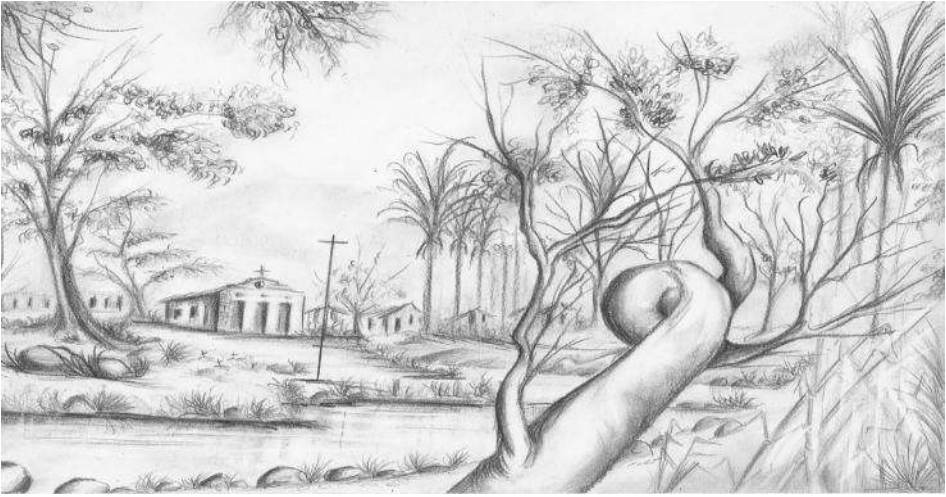
Fonte: F.E.L.Soares, 2018

Figura 8 - Sítio São José, a herança da ocupação serrana



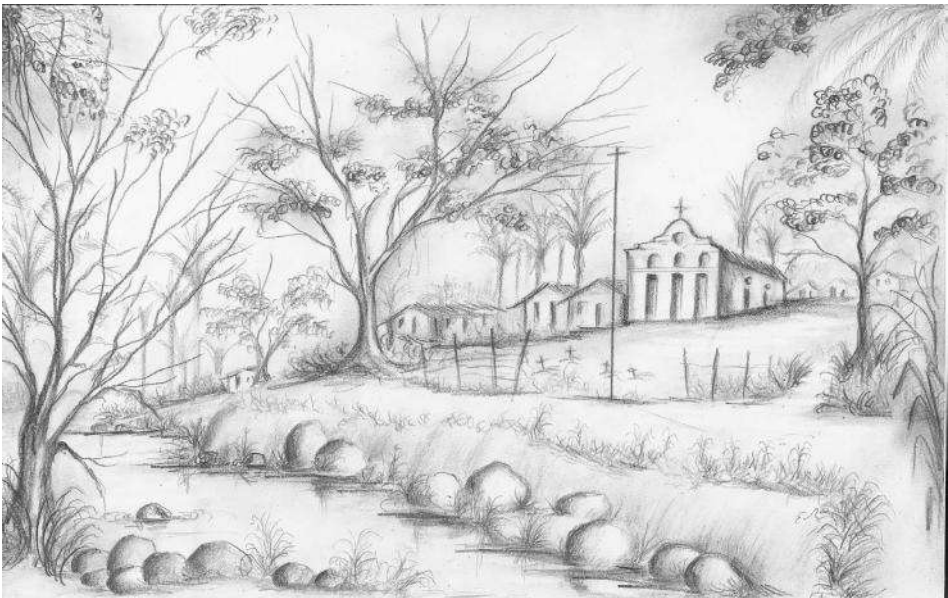
Fonte: F.E.L. Soares, 2018

Figura 9 - A religiosidade como ascensão para o sítio São José



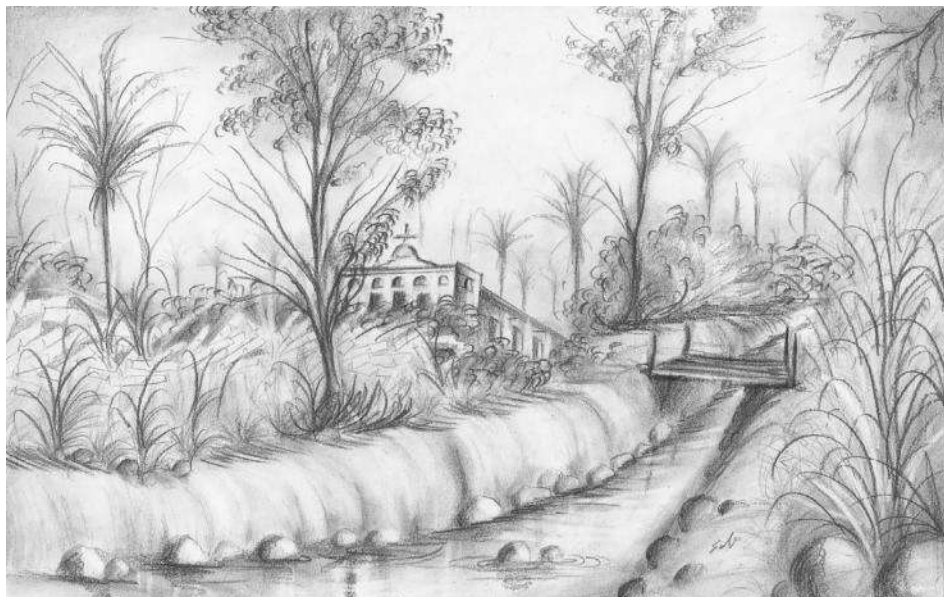
Fonte: F.E.L.Soares, 2018

Figura 10 - São José: o povoado marcado pela presença da religiosidade



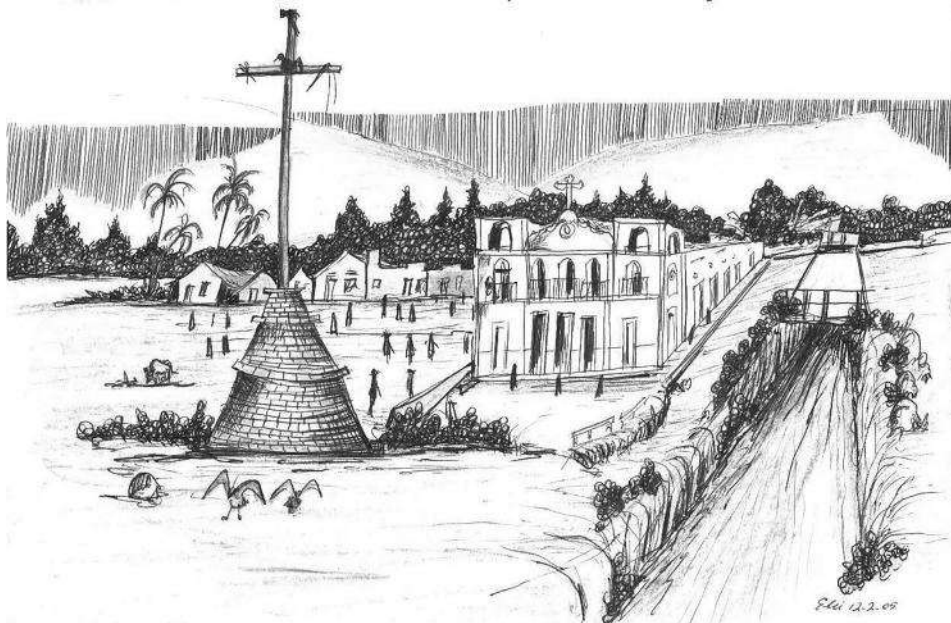
Fonte: F.E.L.Soares, 2018

Figura 11 - A Igreja, o rio e o povoado: reflexos do desenvolvimento



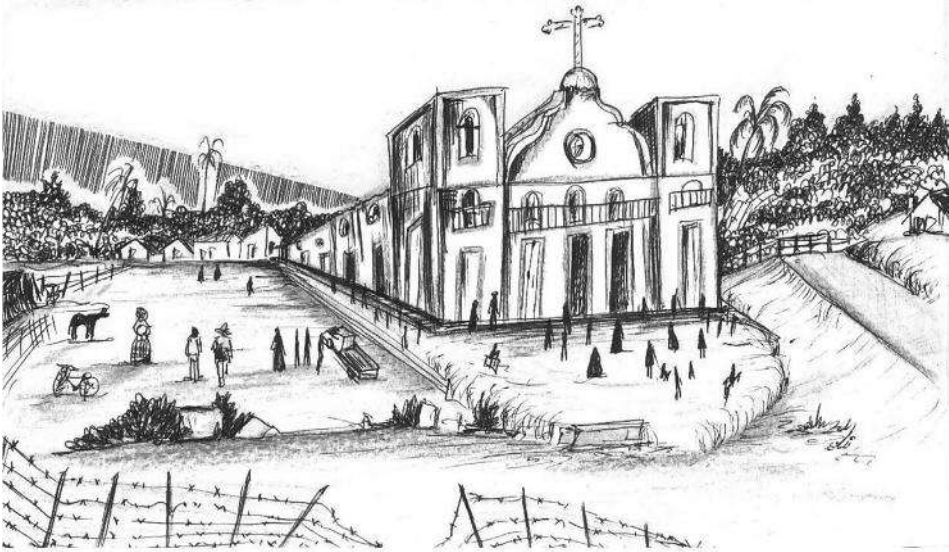
Fonte: F.E.L. Soares, 2018

Figura 12 - A Meruoca em ascensão socioespacial



Fonte: F.E.L. Soares, 2012

Figura 13 - A religiosidade demarcando território. A vida na cidade



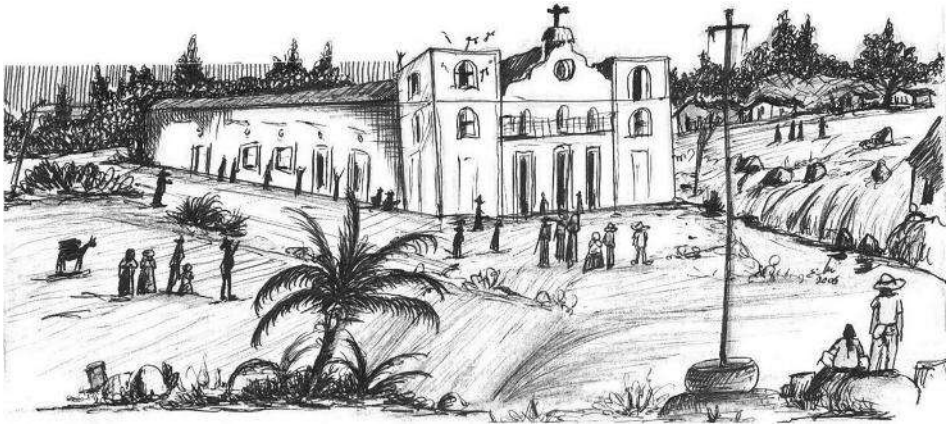
Fonte: F.E.L. Soares, 2012

Figura 14 - O berço da sociedade Meruocuense



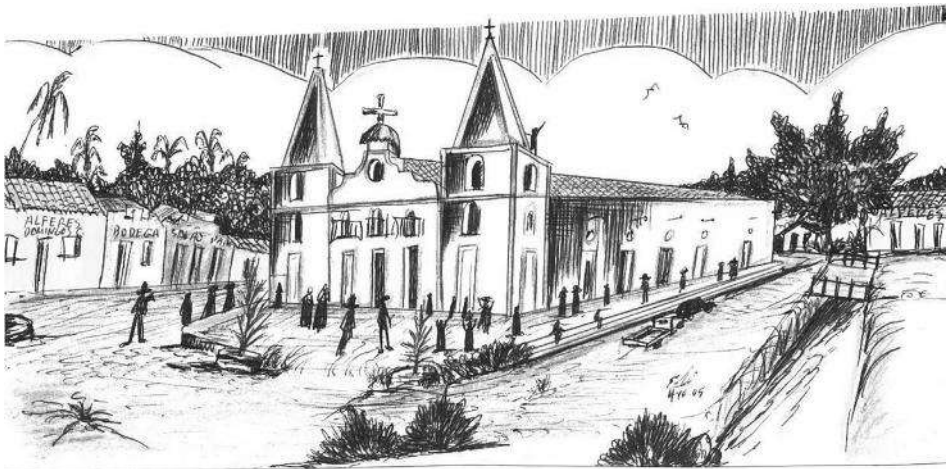
Fonte: F.E.L. Soares, 2012

Figura 15 - A Tecnologia chegou à Meruoca



Fonte: F.E.L. Soares, 2012

Figura 16 - A contribuição de Mons. Furtado à Meruoca



Fonte: F.E.L. Soares, 2012

Figura 17 - O catolicismo na Meruoca



Fonte: Soares, 2016

Figura 18 - Atual Igreja Matriz de Meruoca



Fonte: Soares, 2018

1.2 Breve história religiosa da Meruoca a partir da biografia de seus vigários

De acordo com o contexto histórico religioso de Meruoca, o primeiro padre foi José Teixeira Miranda, que viveu em Meruoca no início do séc. XVIII. Em seguida veio João de Matos Monteiro (o Pe. Matinhos), que permaneceu de 1710 a 1724, porém, não constam registros oficiais nas pastas da Paróquia de Meruoca. Por

isso, optamos em descrever apenas os Vigários que mais tempo permaneceram, especificamente, no regime de Paroquiato.

1º - *Monsenhor* **Diogo José Maria de Sousa Lima**

Filho do Capitão José Rodrigues Lima e de Úrsula Balbino de Souza Lima. Diogo José nasceu em Sobral no dia 07 de junho de 1829. Estudou Teologia no Seminário de Olinda, sendo ordenado sacerdote em 04 de julho de 1852. Logo depois, celebrou sua primeira missa na igreja matriz de Santana do Acaraú.

Por quase uma década, trabalhou na Diocese de Sobral como sacerdote, tendo como missão inicial substituir os vigários de Santana do Acaraú e Coreaú (antiga Palma). Foi convidado, através de carta escrita por Dom Luís Antônio dos Santos, a aceitar uma das paróquias de Fortaleza, isso no ano de 1872. Na ocasião, recusou o convite alegando que precisava permanecer em Sobral para prestar assistência a seus familiares. A seguir, em 4 de fevereiro de 1880, solicitou assumir a posição de vigário na paróquia da Meruoca, sendo empossado no dia 29 do mesmo mês.

Nos 17 anos que esteve à frente da paróquia de Meruoca, promoveu diversas melhorias estruturais tanto na igreja matriz quanto nas capelas espalhadas pela serra. Em 1887, realizou reformas na antiga capela do Coração de Maria, no sítio Capim, atualmente conhecido como sítio Floresta. Na matriz, restaurou o teto, colocando forro de madeira e novas telhas. Construiu as tribunas e o arco que existe na parte interna da igreja, próximo do altar.

Devido seus exemplares serviços prestados na paróquia de Meruoca e adjacências, foi nomeado em 03 de maio de 1897 vigário da paróquia de Sobral, onde sucedeu o seu sobrinho, o então padre José Tupinambá da Frota. Permaneceu na função até 10 de fevereiro de 1909, falecendo em 30 de julho daquele ano (ARAÚJO, 1979).

2º - *Padre* **Francisco Inácio da Costa Mendes**

Natural de Boa Viagem, filho de Inácio Mendes Guerreiro e Joana Gomes da Silva, nasceu em 14 de maio de 1842. Aos 25 anos de idade, em 30 de novembro de 1867, foi ordenado sacerdote em Fortaleza, sendo nomeado vigário de Boa Viagem logo no ano seguinte. Sua posse ocorreu no dia 05 de abril de 1868, permanecendo na função até 13 de janeiro de 1879, quando teve de abdicar por problemas de saúde. Em 1881 foi transferido para o Maranhão, onde presidiu a paróquia de Codó até meados de 1882.

Quando retornou ao Ceará, foi nomeado vigário na paróquia de Camocim, em 05 de outubro de 1884, permanecendo até 22 de outubro de 1895, quando assu-

miu a paróquia de Ibiapina. Mais uma vez por problemas de saúde, com menos de cinco meses, foi obrigado a renunciar em 20 de março de 1896.

Restabelecida sua saúde, assumiu a paróquia da Meruoca em 18 de junho de 1897, quando foi nomeado vigário, tomando posse no dia 11 de julho, permanecendo até 10 de junho de 1900, quando veio a falecer. Devido ao seu precário estado de saúde, o padre Costa Mendes, como era chamado, pouco conseguiu fazer por Meruoca (ARAÚJO, 1979).

3º - Padre José Silvino Maria e Vasconcelos

José Silvino nasceu em Santana do Acaraú em 08 de julho de 1846. Era filho de José Ferreira Vasconcelos e Maria Ferreira de Vasconcelos. Sua ordenação sacerdotal ocorreu em 30 de novembro de 1870 e, em janeiro de 1871, foi nomeado para assumir a paróquia de Santo Antônio de Aracatiaçu. No dia 18 de outubro de 1879, foi empossado sacerdote na paróquia de Uruburetama, onde permaneceu até 30 de junho de 1885.

Antes de assumir a Meruoca, atuou como vigário cooperador da paróquia de Sobral a partir de 17 de agosto de 1889. Com o falecimento do padre Costa Mendes, José Silvino foi nomeado seu substituto em Meruoca no dia 13 de junho de 1900, permanecendo até 20 de janeiro de 1906. Faleceu em Sobral no dia 28 de fevereiro de 1916 (ARAÚJO, 1979).

4º - Padre Custódio Arcanjo de Vasconcelos

Filho de José Firmino Vasconcelos e de Bárbara Especiosa de Maria, nasceu em 16 de janeiro de 1878 em Santana do Acaraú. Sua ordenação sacerdotal foi proferida em 29 de setembro de 1901 por Dom Jerônimo Tomé da Silva. Passou seus anos iniciais de sacerdócio na Bahia, onde foi vigário da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do novo mundo entre 1894 e 1905. De volta ao Ceará no final de 1905, logo foi nomeado vigário da Meruoca, em 20 de janeiro de 1906. Na época havia relação paroquial entre Meruoca e Alcântaras. Construiu em 1906 a Capela de São José, na localidade de Ventura, e a de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Alcântaras, no ano de 1908 (ARAÚJO, 1979).

Durante seu paroquiado em Meruoca, ocorreu a criação da freguesia de Maspapê, no ano de 1911, sendo que para isso concordou que boa parte do norte da serra da Meruoca, especificamente a localidade de Meruoquinha, fosse cedida ao território da recém criada paróquia. Segundo Araújo(1979),

Padre Custódio era muito desapegado dos bens terrenos e algumas vezes displicente no cumprimento de seus deveres. É tanto que na

visita que Dom Emanuel da Silva Gomes fez a Meruoca, de 23 a 28 de julho de 1912, fez a seguinte advertência por escrito: “Encontramos a matriz meio em ruínas e algum tanto desorganizada. Os livros de assentamentos de casamentos e batizados em notável atraso. Não encontramos livro do tombo pelo só agora” [...] (ARAÚJO, 1979, p. 132).

Devido a essas atitudes e à falta de compromisso com a paróquia de Meruoca, foi exonerado do cargo em 10 de abril de 1912, continuando sua missão sacerdotal na sua terra natal, Santana do Acaraú, onde permaneceu de 1916 a 1919, quando faleceu de ataque cardíaco.

5º - Padre Manuel de Araújo Feitosa

Natural de Arneiroz, um dos municípios cearenses localizados na microrregião do Sertão de Inhamuns, veio ao mundo no dia 08 de dezembro de 1886. Padre Manuel era filho de Leonardo Alves Feitosa e de Maria Jardimina Alves Feitosa. Sua ordenação sacerdotal ocorreu em 30 de novembro de 1912 através de Dom Manuel da Silva Gomes, na cidade de Fortaleza. Foi nomeado vigário coadjutor de Massapê no dia 07 de fevereiro de 1913. Na ocasião, recebeu atribuição para atuar, de forma interina, também na paróquia de Meruoca, onde assumiu no dia 18 de maio daquele ano, dando início a um curto paroquiado que se estendeu por pouco mais de sete meses, já que fora nomeado para assumir a paróquia de Uruburetama em 1914, onde permaneceu até 15 de dezembro de 1916.

No período em que esteve encarregado da paróquia de Meruoca, continuava a residir em Massapê, onde prestava relevantes serviços juntamente com o padre Antônio Cândido de Melo, porém, visitava quinzenalmente a cidade serrana. Passava boa parte de seu tempo tentando colocar em dia todos os documentos relacionados aos bens da paróquia. Sua última passagem por Meruoca ocorreu em 31 de dezembro de 1913. Faleceu em 28 de dezembro de 1945, em Farias Brito, antiga Quixará (ARAÚJO, 1979).

6º - Padre Antonio Candido de Melo

Antonio Candido nasceu em Ibiapina no dia 03 de outubro de 1878. Era filho de José Ferreira de Melo e de Josefa Soares de Melo. Sua ordenação sacerdotal ocorreu em 30 de novembro de 1905 e, em 1906, foi nomeado coadjutor na paróquia de Santana do Acaraú. Foi então nomeado como primeiro vigário da paróquia de Massapê em 22 de junho de 1911, ano em que houve a criação dessa paróquia, permanecendo por lá até agosto de 1916.

Durante sua passagem como vigário de Massapê, atuou também como responsável pela paróquia de Meruoca, na ocasião exerceu o cargo de forma interina por um período que se estendeu de 06 de janeiro a 14 de abril de 1914. Após isso, passou a residir em Sobral, onde ocupou o lugar de secretário do bispado. Em janeiro de 1918 foi nomeado vigário de Ibiapina, sua terra natal, onde permaneceu até o dia de sua morte, 09 de março de 1947 (ARAÚJO, 1979).

7º- Padre Francisco Leopoldo Fernandes

O filho de Manuel Josino Pinheiro e Francisca Maria Fernandes nasceu em Solonópole em 12 de dezembro de 1885. Matriculou-se no seminário de Fortaleza no dia 03 de março de 1900, alcançando o presbiterado em 06 de fevereiro de 1910. Atuou como cooperador na paróquia de Iguatu até 24 de março de 1911 e, em seguida, foi nomeado vigário da paróquia de Brejo Santo.

Após esse período, mais precisamente em 12 de dezembro de 1912, foi transferido para a paróquia de Ibiapina, onde permaneceu até 06 de março de 1914. Em 14 de abril de 1914 foi designado para ocupar o cargo de vigário na freguesia da Meruoca, onde permaneceu até 25 de janeiro de 1916. Foi ele quem construiu o altar do Coração de Jesus, designado por ele como “Apostolado da Oração” (ARAÚJO, 1979). Na ocasião, colocou também três portas principais na matriz e acrescentou os quadros nas paredes dos corredores laterais, que referenciam a Via-Sacra. Ainda hoje estão expostos.

De acordo com Araújo (1979, p. 136), “Com a criação da Diocese de Sobral, foi nomeado primeiro cura da Catedral durante o período de 24 de julho de 1916 até 02 de fevereiro de 1919”. No período de 28 de julho de 1918 a 02 de maio de 1921, exerceu por várias vezes função interina na paróquia da Meruoca. Foi também vigário da paróquia do Patrocínio, em Sobral, durante o período que se estendeu de 08 de maio de 1921 até 31 de dezembro de 1929. Esteve como vigário nos anos 1930 nas paróquias de Camocim e Tianguá, e no início de 1931 foi transferido para a Diocese do Crato.

Teve também uma rápida passagem em Minas Gerais, onde foi vigário em Margarida e Chalé, as duas pertencentes à Diocese de Caratinga, cujo bispo era Dom Carlotto Távora (ARAÚJO, 1979). Seu retorno ao Ceará ocorreu em 1935, escolhendo Crato como o lugar para fixar sua moradia, mas em 1946 transferiu-se para Fortaleza, pois sua saúde carecia de cuidados médicos. Seu falecimento ocorreu em 24 de maio de 1953.

8º- Padre Fortunato Alves Linhares

Sobralense, filho de Vicente Alves Linhares e de Folismina Idalina Linhares, nasceu no dia 14 de outubro de 1869. Estudou no seminário de Fortaleza por volta

de 1887, tendo recebido seu Presbiterato no dia 30 de novembro de 1892. Exerceu a função de vigário cooperador interino na paróquia de Maranguape durante o período que se estendeu de 06 de fevereiro de 1893 até 16 de maio de 1894 e, em seguida, foi transferido para Sobral com missão de auxiliar o então pároco padre Vicente Jorge de Souza. Auxiliou também o padre Diogo José de Lima e o padre José Tupinambá da Frota (ARAÚJO, 1979).

Sua passagem em Meruoca ocorreu como vigário interino entre 21 de janeiro de 1916 até 28 de julho do mesmo ano. Embora residisse em Sobral, não mediu esforços para que fosse iniciada a construção da estrada que liga Sobral à Meruoca, que segundo Araújo (1979, p. 138) “[...] foram gastos na época 608 contos de réis e foi inaugurada em 31 de outubro de 1918”.

Era professor por vocação e profundo conhecedor dos aspectos históricos e geográficos, pois lecionava tais disciplinas no seminário e no antigo Ginásio Sobralense. Uma de suas maiores contribuições para Sobral foi à fundação do externato São Luís, onde permaneceu como diretor de 1907 até 1925. Problemas na visão o acompanhavam desde sua infância, porém, ao final de sua vida, atingiu um alto grau de cegueira. Mesmo assim, continuava a celebrar missas na capela do Rosário e, às vezes, aos domingos, na capela de Santo Antônio. Foi então que no dia 08 de dezembro de 1960 faleceu aquele que ficaria conhecido pelos sobralenses como Mons. Linhares (ARAÚJO, 1979).

9º- Padre José Joaquim da Frota

Natural de Santana do Acaraú, nascido em 20 de março de 1885, José Joaquim era filho de Miguel Francisco Carneiro da Frota e de Maria Pia de Araújo. Iniciou seus estudos primários em Camocim, finalizando-os em Ipu. Em 1904 decidiu matricular-se no seminário de Fortaleza, onde passou a residir e a estudar, visando sua ordenação. No ano de 1906 transferiu-se para a Bahia, mas só foi ordenado sacerdote em Maceió (Alagoas) em 21 de dezembro de 1951, através da benção de Dom Manuel de Oliveira Lopes (ARAÚJO, 1979).

Seu retorno ao Ceará ocorreu em 1916, sendo logo nomeado para ser vigário de Meruoca. Foi então empossado no cargo em 29 de julho de 1916, estendendo-se até 18 de janeiro de 1918, quando foi designado para assumir a paróquia de Massapê. Foi ele o responsável pela construção do novo cruzeiro em substituição ao antigo, que ficava na frente da igreja da Meruoca.

No entorno da igreja, construiu uma calçada e coloriu as paredes externas, no entanto, seu período como vigário da Meruoca durou pouco mais de um ano e meio. Após esse período, foi empossado na paróquia de Massapé, no dia 02 de

fevereiro de 1918, onde permaneceu durante 15 anos, sendo que esse período foi interrompido pela sua inesperada morte, ocorrida no dia 03 de julho de 1933 na cidade de Sobral (ARAÚJO, 1979).

10° - Padre Francisco Leopoldo Fernandes

Pela segunda vez voltou a ficar à frente da paróquia de Meruoca, dessa vez como padre interino. Na época, foi em substituição ao Padre José Joaquim, que havia sido transferido para a paróquia de Massapê. Nessa ocasião, Francisco Leopoldo ocupou o cargo de sacerdote a partir de janeiro de 1918, finalizando em 02 de maio de 1921 (ARAÚJO, 1979).

11° - Padre Joaquim Severiano de Vasconcelos

Nascido em Santana do Acaraú em 07 de agosto de 1872, o filho de Vicente Severiano de Vasconcelos e Maria da Glória Lourenço matriculou-se no seminário de Fortaleza em 07 de março de 1888, recebendo seu Presbiterato em 30 de novembro de 1895. Entre 1903 e 1905 foi auxiliar o padre Antônio Tomás, em Acaraú, pois esse, além de ser seu primo, ainda não se encontrava em boas condições de saúde.

Em 25 de março de 1906 foi convidado a assumir a paróquia de Ibiapina, onde permaneceu até 13 de dezembro 1921. Foi ele que construiu a capela de São José, hoje conhecida como a matriz de Ubajara, além de ter participado diretamente da benção inicial da então matriz de Mucambo (ARAÚJO, 1979).

Atuou como vigário em Santana do Acaraú de 13 de dezembro de 1912 até março de 1915, quando transferiu-se para Fortaleza com a designação de lecionar no seminário. Segundo Araújo (1979, p. 140) “[...] foi chamado por Dom José Tupinambá da Frota para fazer parte da Diocese de Sobral em 1918. [...] foi nomeado como o primeiro diretor do Colégio Diocesano fundado em 1919 onde hoje funciona a Santa Casa de Misericórdia de Sobral.”

Assumiu interinamente a paróquia de Meruoca de 02 de maio de 1921 até 18 de setembro de 1923, em substituição ao padre Leopoldo Fernandes, que havia sido designado para ser vigário na paróquia de Sobral. Após esse período, foi designado vigário em Messejana, onde permaneceu de 1924 a 1931.

Com a saúde debilitada, impedindo que exercesse plenamente suas funções, no dia 06 de janeiro de 1932 resolveu internar-se no Leprosário de Canafístula, em Fortaleza, com a missão de capelão da igreja para confortar os doentes, que na época sofriam preconceitos e eram excluídos, de certa maneira, do contexto social (ARAÚJO, 1979).

Na verdade, quem estava internado nesse ambiente não apresentava boas condições para estar no convívio social, pois muitas das doenças eram na época incuráveis e transmissíveis. Foi lá que Joaquim Severiano conseguiu levar sua profissão sacerdotal ao extremo, vindo a falecer no dia 13 de fevereiro de 1940.

12º - *Padre Joaquim Anselmo de Sales*

Nascido em Meruoca no dia 29 de janeiro de 1908, era filho de Francisco Pereira e Maria Madalena Rodrigues. Ordenou-se sacerdote em Sobral, no dia 31 de março de 1923, e foi nomeado como vigário de Meruoca em 18 de setembro de 1923, tendo sua posse ocorrido somente no dia 23 do mesmo mês e ano. Suas incumbências iniciais foram diversas, pois conhecia bem de perto o convívio dos meruoquenses. Procurou de imediato reabilitar as associações religiosas e, em 14 de outubro de 1923, fundou a Congregação da Doutrina Cristã. Na sequência, buscou fundar também a Associação da Adoração Contínua, isso em 06 de janeiro de 1924, enquanto que a Liga da Boa Imprensa passou a existir a partir do dia 30 de março, também de 1924 (ARAÚJO, 1979).

Em 16 de setembro de 1924, fundou a Congregação Marianas de Moços e a Pia União dos Filhos de Maria, que anos depois foram retomadas por Monsenhor José Furtado Cavalcanti. Foi nessa época que Meruoca recebeu a visita apostólica de Dom Bento Lopez, embaixador do Papa Pio XI, que veio acompanhado pelo então secretário Dom Lourenzo Lumini e do Cura da Sé, em Sobral, padre José Gerardo Ferreira Gomes. Criou também, em 28 de janeiro, a Associação dos Santos Anjos, destinada às crianças.

De acordo com Araújo (1979), os meruoquenses devem gratidão ao Padre Joaquim Anselmo, pois seus trabalhos não se limitavam apenas aos afazeres religiosos. Foi ele quem inaugurou a primeira fase da energia elétrica de Meruoca, que havia sido inicialmente conseguida apenas com recursos advindos das atividades desempenhadas na própria paróquia. Tal energia era gerada a partir de um motor, que era movido a óleo, além do dínamo.

Os meruoquenses viviam a expectativa de ver a luz elétrica que iria iluminar, inicialmente, as áreas do entrono da igreja matriz e seu interior. Foi então que no dia 10 de janeiro de 1927, para a alegria do povo, chegou luz elétrica na casa paroquial. Segundo Araújo (1979, p. 143) “[...] foi em 06 de fevereiro, durante a celebração da primeira missa do Padre Manuel Henrique, *que também era filho de Meruoca*, que foi inaugurada a instalação elétrica na matriz.” As obras de Joaquim Anselmo não pararam por aí, foi ele quem fundou o Cine Dom José, inaugurado em 08 de maio de 1927.

Araújo (1979) nos revela que, dentre tantas coisas, mas por motivos sentimentais que não se sabe ao certo quais foram, o padre Joaquim se retirou da paróquia de Meruoca bastante magoado devido a alguns boatos que estavam desabonando sua reputação sacerdotal. Isso correu em 29 de Outubro de 1928, tendo viajado para Recife (Pernambuco), onde permaneceu por certo tempo. Depois passou a residir definitivamente em Joinville, Santa Catarina, onde não foi mais possível saber sobre sua vida.

13º- *Padre Manuel Henriques de Araújo*

Mais um natural de Meruoca, nascido em 10 de dezembro de 1897, era filho de Rafael Henriques de Araújo e Ana Pessoa da Costa Araújo. Matriculou-se no seminário de Fortaleza em 1917. Recebeu o Presbiterato em Sobral no dia 30 de janeiro de 1927, celebrando sua primeira missa em Meruoca no dia 07 de fevereiro daquele ano.

Iniciou sua atuação como professor do seminário diocesano e capelão da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. Foi nomeado vigário de Meruoca em 28 de outubro de 1928, permanecendo no cargo até 31 de outubro de 1930. Manuel Henrique foi nomeado vigário de Camocim em 1930, onde permaneceu até 31 de dezembro do mesmo ano.

Depois disso, foi transferido para a paróquia de Viçosa do Ceará, e no início de 1945 assumiu a paróquia do Patrocínio, em Sobral, onde permaneceu até 31 de dezembro de 1948. Em 11 de janeiro de 1949 foi empossado na Paróquia de Massapê, sendo que em abril de 1958 foi agraciado com o título de Monsenhor pela Santa Sé em Sobral. Seu falecimento ocorreu em Meruoca, no dia 03 de novembro de 1973 (ARAÚJO, 1979).

14º - *Padre Mons. José Aloísio Pinto*

Natural de Sobral, onde nasceu em 05 de maio de 1906, era filho de Antônio Rodrigues Pinto e Francisca Alice Rodrigues. Ingressou no seminário de Fortaleza em 13 de março de 1921, onde iniciou os estudos teológicos em 1925. Recebeu seu presbiterado na cidade de Sobral em 01 de dezembro de 1929. Começou sua vida sacerdotal prestando serviço educacional como professor no seminário e como secretário do Bispado. Esteve encarregado da Paróquia de Meruoca de 01 de novembro de 1930 a 27 de janeiro de 1931 e, em 19 de julho do mesmo ano, assumiu interinamente a paróquia de Acaraú, onde permaneceu até 19 de junho de 1932. Em 01 de fevereiro de 1934 assumiu a direção do Ginásio Sobralense, cargo que ocupou por aproximados 32 anos, até 17 de dezembro de 1966. Foi agraciado

com o título de monsenhor pela Santa Sé de Sobral (ARAÚJO, 1979). Monsenhor Aloísio faleceu em 1990.

15º- Padre Luis Valfro Franzoni

Nascido em Serle, província de Brescia, na Itália, em 24 de abril de 1883, era filho de Luiggi Franzoni e Eugênia Badei. Pertencia à ordem dos padres Franciscanos Capuchinhos. Seu presbiterado foi concedido em Milão no dia 14 de março de 1908. Seu nome religioso era Frei Doristeu de Serli. Em missão no Brasil, enviado como missionário capuchinho, desembarcou em Belém do Pará em 09 de novembro de 1912 e, durante 10 anos, esteve em peregrinação missionária pelos estados do Norte-nordeste brasileiro, especificamente no Maranhão, Pará e Ceará (ARAÚJO, 1979).

As suas missões no Ceará ocorreram inicialmente em Sobral, no ano de 1922. Nesse período fez a solicitação à Santa Sé pedindo dispensa da ordem dos Capuchinhos com o objetivo de integrar-se ao clero secular da Diocese de Sobral, sendo que isso foi conferido em 22 de novembro do mesmo ano. Esteve com a missão de vigário encomendado em Guaraciaba do Norte, em 1923, e em 27 de julho do mesmo ano foi empossado na paróquia de Ipueiras. De 20 de fevereiro de 1926 a dezembro de 1927 foi vigário interino de Santa Quitéria. Em 01 de janeiro de 1930 assumiu a paróquia do Patrocínio, de Sobral, permanecendo até 31 de dezembro de 1935. Nesse período, foi designado para prestar assistência religiosa na Meruoca, de 28 de janeiro a 11 de outubro de 1931. A seguir, assumiu a missão de capelão na Santa Casa de Misericórdia de Sobral, onde veio a falecer em 21 de abril de 1958.

16º- Padre João Teófilo Soares Leitão

Nasceu no dia 05 de março de 1904, em Independência, Ceará. Era filho de Leônidas Linhares Godinho e Ana Rufina Soares. Estudou no seminário de Fortaleza em 1922, onde recebeu o Presbiterato em 30 de maio de 1931. Foi nomeado vigário de Meruoca em 12 de outubro de 1931, permanecendo nessa função até 21 de agosto de 1934. As suas ações como chefe da paróquia de Meruoca ficaram evidentes tanto na própria Meruoca quanto em Alcântaras e Massapê.

Em 1932 construiu os patamares e as calçadas da Matriz de Meruoca e reconstruiu a capela de Alcântaras. Fundou também o Externato Paroquial Dom José, em 08 de fevereiro de 1932 e, de 03 de julho a 31 de dezembro de 1933, prestou assistência religiosa na paróquia de Massapê. Sua morte, envolta em mistérios,

ocorreu em 21 de agosto de 1934. Seu corpo encontra-se sepultado na parte lateral direita da igreja matriz de Meruoca (ARAÚJO, 1979).

17º - *Padre José Bezerra Coutinho*

Natural de Capistrano, o filho de João Pedro Coutinho e Maria José Bezerra Campelo nasceu em 07 de fevereiro de 1910. Recebeu o Presbiterato em Sobral no dia 03 de dezembro de 1933. Foi nomeado vigário da cidade de Massapê em 01 de janeiro de 1934, tomando posse no dia 06 de janeiro do mesmo ano, onde permaneceu até 31 de outubro de 1935.

Na condição de vigário da paróquia de Massapê, viu-se na obrigação de assumir simultaneamente a paróquia de Meruoca em 26 de agosto de 1934, pois estava havendo carência de vigários na Diocese de Sobral, permanecendo nessa condição até o início de outubro de 1935. De acordo com Araújo (1979, p. 148), “em 23 de outubro de 1935 assumiu a paróquia de São Benedito, onde permaneceu até 06 de agosto de 1956, pois fora nomeado para assumir a função de bispo auxiliar na Diocese de Sobral”. Com a morte de Dom José Tupinambá da Frota, ocorrida em 25 de setembro de 1959, foi eleito vigário capitular, permanecendo nessa função até 28 de janeiro de 1961. Residiu em Fortaleza até o início dos anos 1980. Desde então, não se obteve mais notícias desse padre.

18º - *Padre Antonio Regino Carneiro*

Nasceu em Meruoca no dia 20 de janeiro de 1909, sendo filho de José Firmino e Ana Maria do Espírito Santo. Estudou no seminário de Sobral e cursou Filosofia e Teologia em Fortaleza. Sua ordenação ocorreu em Sobral no dia 21 de setembro de 1935, vindo a assumir interinamente, em 02 de novembro do mesmo ano, a paróquia de Meruoca. Em 02 de fevereiro de 1936 foi efetivado como vigário de Meruoca, onde permaneceu até 24 de agosto de 1937.

Seu paróquiado durou apenas um ano e meio, mas suas realizações ficaram marcadas como promissoras, a exemplo da criação da primeira banda de música de Meruoca e da fundação do Jornal “Folha Paroquial”. De acordo com Araújo (1979, p. 149) “[...] construiu a Capela de Santo Antonio dos Camilos cuja pedra fundamental benzeu a 28 de setembro de 1936”.

Além disso, promoveu a reforma da igreja matriz, colocando piso novo com mosaicos, além da construção da escada que dá acesso ao coro, e fundou a Cruzada Eucarística em 27 de maio de 1937. Foi também vigário de Tamboril de 25 de agosto de 1937 até 01 de outubro de 1942, ano em que foi nomeado para assumir a paróquia de Viçosa do Ceará. Seu falecimento ocorreu em novembro de 1988.

19º - Padre José Osmar Carneiro

Filho de Francisco Alves Carneiro e de Tereza da Conceição Carneiro, nasceu em Massapê no dia 12 de julho de 1912. Após ter estudado o curso de Humanidades no seminário de Sobral, foi estudar Filosofia e Teologia em Fortaleza, mas a conclusão desses cursos ocorreu em Olinda no ano de 1936, sendo que seu Presbiterato foi concedido em Sobral no dia 06 de dezembro do mesmo ano (ARAÚJO, 1979).

Em 1937 foi nomeado professor do seminário de Sobral, assumindo provisoriamente a paróquia de Meruoca em 01 de setembro de 1937, permanecendo até 06 de agosto de 1938. Em 07 de fevereiro de 1940 foi nomeado Reitor do Seminário de Sobral, onde permaneceu até 17 de dezembro de 1949. Em 1951 foi nomeado vigário geral da Diocese de Sobral, onde recebeu o título de Monsenhor. Seu falecimento ocorreu de maneira repentina em 02 de novembro de 1965 e seu corpo foi sepultado no Cemitério São José, de Sobral.

20º - Padre Francisco Eudes Fernandes

Nasceu em Meruoca no dia 19 de setembro de 1910. Era filho de Vicente Fernandes Rodrigues e Maria Fontenele Fernandes. Sua ordenação sacerdotal ocorreu em Sobral no dia 21 de Setembro de 1935. Foi nomeado vigário de Aracatiaçu em 09 de novembro de 1935, onde permaneceu até 31 de dezembro de 1937, período em que foi transferido para a paróquia de Meruoca, tendo tomado posse no dia 09 de janeiro de 1938. Sua permanência estendeu-se até 31 de dezembro de 1947, período que antecedeu a chegada de Monsenhor Furtado à Meruoca.

Durante esse período, realizou muitas ações na paróquia de Meruoca, a exemplo da reforma do altar-mor e dos altares nas laterais da matriz. Inaugurou também a segunda fase da iluminação elétrica pública em 15 de dezembro de 1939. Proferiu a bênção do novo altar-mor em 17 de março de 1940. Retirou as tribunas que havia na parte superior da matriz em outubro de 1942 e reorganizou a congregação Mariana em 31 de maio de 1943. Realizou a construção da primeira Capela de Santo Antônio dos Fernandes, que recebeu a bênção de Dom José em 20 de julho de 1940. Francisco Eudes também atuou como vigário de Ibiapina, Coreau e Chaval. Seus últimos dias como vigário foram em Martinópolis, lugar onde faleceu (ARAÚJO, 1979).

21º - Monsenhor José Furtado Cavalcanti

Sobre Monsenhor Furtado, ver capítulo II.

22º - Frei Luiz Ponciano Celestino

Sucessor de Mons. Frutado, chegou à Meruoca em abril de 1996 e ficou até maio de 2000. Como pároco, deu continuidade aos trabalhos pastorais e missio-

nários iniciados por José Furtado. Além de ser frade franciscano, era também ordenado padre. É um grande pregador da palavra de Deus. Em Meruoca, fez grandes amizades, e sempre que pode retorna para rever seus amigos e desfrutar um pouco do clima e das belas paisagens da Meruoca.

Luiz Ponciano Celestino, nome religioso: Frei Almeida, OFM, membro da Província Franciscano de Santo Antônio do Brasil. Filho de Antônio Gomes Celestino e Maria Ponciano Celestino. Nascido aos 28 de março de 1955, em Maracanaú, CE. Iniciou seus estudos em 1971 no Seminário Seráfico Nossa senhora do Brasil, em Messejana, Fortaleza-CE. Realizou o estudo científico no convento de São Sebastião, na cidade de Parnaíba-PI. Em 1999, migrou para a Ordem dos Frades Menores, iniciando com o postulante no Convento de Nossa Senhora das Dores, bairro Otávio Bomfim, Fortaleza-CE. No ano de 1980, entrou para o Noviciado no Convento de Santo Antônio, na cidade de Ipojuca-PE. Na sequência, no ano de 1981, iniciou Filosofia e posteriormente Teologia, no instituto de Teologia do Recife (ITER). Desenvolveu atividades profissionalizantes perpétua-solene em 8 de dezembro de 1985, na Igreja do Convento de São Francisco, capela que leva o nome de Nossa Senhora das Neves, em Olinda-PE.

Foi ordenado Diácono no dia 8 de dezembro de 1986, na Igreja de Nossa Senhora, em Boa Viagem-CE. Realizou estágio diaconal na Paróquia de Santo Antônio, em Campo Formoso-BA, assim também como na prelazia de Óbidos-PA, na região que compreende ao baixo amazonas. Foi Ordenado presbítero no dia 23 de dezembro de 1987, na Igreja matriz de Nossa Senhora da Boa viagem- CE. Logo após ser ordenado, iniciou sua vida missionária nas obras sociais franciscanas, no estado da Bahia, especificamente em Salvador. Depois disso foi transferido na condição de Sacerdote para a Paróquia e Santuário de São Francisco das Chagas, em Canindé-CE, onde permaneceu durante 13 anos.

Foi também nesse período, a pedido do Exmo. Dom Walfrido, Exmo -Bispo da Diocese de Sobral, que foi nomeado para a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Meruoca, assim como para servir também na Paróquia de Alcântaras, que na época ainda era capela. Durante esse período, pastoreou também na Diocese de Quixadá entre abril de 1996 e maio de 2000. Após esse período, retornou à cidade de Canindé, onde permaneceu até outubro de 2004. Depois foi transferido para Mossoró-RN, Ilha de Cairu-BA e Aracaju-SE. Atualmente, encontra-se de licença até dezembro de 2020 para cuidar de sua mãe, pois esta conta com seus 94 anos de idade. Mesmo assim, ainda desenvolve algumas funções na paróquia de Nossa Sra. de Fátima, em Boa Viagem, e também no santuário de Canindé, a pedido dos confrades.

23º - Padre Manuel Rômulo Rocha

Natural de Marco-CE, nasceu em 26 de fevereiro de 1959. O filho de José Ribamar Rocha e de Eugênia Castro Rocha começou seus estudos no Colégio Educandário São Manuel, em sua terra natal, e em seguida no Centro Educacional São Manuel. Na sequência foi estudar no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, em Sobral. Seu segundo grau foi realizado no Colégio Estadual, mas concluído no Colégio Sobralense.

Ingressou no Seminário Diocesano São José em 31 de janeiro de 1977. Coursou Filosofia e Teologia no Seminário Provincial de Fortaleza a partir de 1979. Após a conclusão dos cursos superiores, recebeu seu Diaconato em 17 de dezembro de 1983 na catedral de Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Sobral, concedido por Dom Walfrido Teixeira Vieira. Sua ordenação presbiterial aconteceu na matriz de São Manuel, em Marco, no dia 15 de dezembro de 1984, também das mãos de Dom Walfrido, então Bispo Diocesano. Celebrou sua primeira missa em sua terra natal, no dia 16 de dezembro de 1984.

Em 1985 foi nomeado vice reitor do Seminário São José. Na época, exercia também o cargo de vigário na paróquia de Massapê. Em 25 de janeiro de 1988 foi nomeado pároco em Martinópolis-CE, onde realizou reformas na casa paroquial e conseguiu adquirir um veículo para os afazeres da paróquia. No dia 26 de janeiro de 1987 foi enviado para servir à paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Reriutaba-CE. Em 1989 fez uma rápida experiência no Convento dos Frades Franciscanos Menores-OFM, em Pernambuco, mas permaneceu apenas seis meses.

No dia 10 de junho de 1989 foi empossado como vigário da paróquia de Bela Cruz e, no dia 11 de fevereiro de 1990, foi nomeado pároco de Coreaú, onde construiu o altar de Bom Jesus dos Passos, além de ter realizado reformas na casa paroquial. Na sequência, foi nomeado novamente pároco de Bela Cruz, em 25 de fevereiro de 1996. Reformou então a sacristia, o presbitério e o forro da matriz. Em 07 de maio de 2000 foi então nomeado para servir à paróquia de Meruoca, onde permaneceu até janeiro de 2002 conseguindo nesse pouco tempo reformar o presbitério em granito e colocar bancos novos na igreja matriz, além de ter também adquirido um carro para os afazeres da paróquia. Já no dia 03 de fevereiro de 2002, foi então transferido para Marco, sua terra natal, onde deu continuidade às reformas na matriz que vinham sendo feitas por Mons. Waldir. Atualmente é pároco de Morrinhos.

24º - Padre Francisco Alves Magalhães

Nasceu em 12 de janeiro de 1970 no Sítio Flores, em Alcântaras-CE. Filho de Gerardo Grigório de Magalhães e Luiza Eliete Magalhães, desde cedo demonstrou

vocação para o sacerdócio. Apesar de ter enfrentado dificuldades para estudar em Alcântaras por ser oriundo de família pobre e humilde, mas com profundo afeto à religiosidade, foi convidado por Monsenhor Furtado a morar em sua casa, foi lá que recebeu inicialmente sua formação humana e os primeiros preparos para ingressar no seminário. Estudou boa parte de sua vida na Escola Monsenhor Furtado, em Meruoca.

Considerava Monsenhor Furtado como um pai, pois viveu toda a sua juventude e adolescência ao seu lado. Estava sempre na companhia de Monsenhor Furtado nas festas das capelas e nos trabalhos da paróquia. Aos 19 anos, ingressou no Seminário Menor de São José em Sobral. Em 1992 ingressou no Seminário Maior Paulo VI, na Diocese de Bragança do Pará, em Belém, o objetivo era cursar Filosofia, realizando-o em 1994. Em 1995, ingressou no Seminário Regional Nordeste I para cursar Teologia no Seminário da Prainha. Em seu currículo, possui licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Concluiu o curso de Teologia em 1998.

No dia 19 de março de 1999 recebeu sua ordenação diaconal das mãos de Dom Aldo de Cillo Pagotto, e no dia 04 de setembro, na matriz de Meruoca, foi ordenado presbítero também pelas mãos de Dom Aldo. Sua primeira missa foi celebrada no dia 05 de setembro, em Alcântaras, sua terra natal. Depois de ordenado, foi atuar como vigário na paróquia de São Sebastião, em Ipu, onde realizou seu estágio diaconal. Sua posse como vigário ocorreu no dia 08 de setembro e, em 23 de novembro 1999, foi então nomeado pároco de Aracatiaçu.

Tomou posse em sua primeira paróquia no dia 04 de dezembro de 1999, onde permaneceu até o dia 17 de fevereiro de 2002, quando foi então assumir a paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Meruoca, sua segunda terra natal. Ali começava a realizar um de seus grandes sonhos e daquele que um dia lhe deu a mão e viu crescer. Ao mesmo tempo em que servia à paróquia de Meruoca, dividia seus afazeres com a direção espiritual do Seminário São José de Sobral, sendo também promotor da Pastoral Vocacional na referida Diocese, onde permaneceu até 11 de fevereiro de 2008.

Depois assumiu o Seminário da Imaculada Conceição de Teologia da Diocese de Sobral, em Fortaleza, na condição de reitor, onde permaneceu até 04 de fevereiro de 2011. Em seguida, foi chamado para servir como vigário na paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio e capelão do Colégio Santana, ambos em Sobral. No dia 22 de agosto de 2011, foi nomeado primeiro pároco da paróquia do Sagrado

Coração de Jesus, em Sobral, sendo que sua posse ocorreu no dia 29 de outubro do mesmo ano. No dia 10 de junho de 2012 foi nomeado reitor do Santuário da Mãe Rainha, em Sobral, sendo também o coordenador do Movimento da Mãe Rainha e do Terço dos Homens na referida Diocese.

Além de sua vasta experiência como sacerdote, possui cursos para formadores de seminário, em Roma, especialização em formação de presbíteros no (Instituto São Tomás de Aquino) ISTA, em Belo Horizonte, e especialização em espiritualidade com os padres carmelitas, dentre outras. Atualmente é vigário na cidade de Frecheirinha.

25º - Padre Emanuel Franklin Leitão Junior

Filho de Emanuel Franklin Leitão e Maria Parente Portela Leitão, nasceu no dia 22 de janeiro de 1977 na cidade de Fortaleza. Iniciou seus estudos aos quatro anos de idade no Colégio Dom Bosco e aos 7 anos de idade foi com a família morar em Sobral, onde pôde dar continuidade aos seus estudos no Colégio Santana, onde permaneceu até a conclusão do segundo grau.

Sua caminhada religiosa foi iniciada aos 14 anos como coroinha na igreja São Francisco, em Sobral. Ao terminar o segundo grau, ingressou no seminário em Fortaleza para dar continuidade à sua trajetória religiosa, onde permaneceu por cerca de dois anos. Logo em seguida foi para Roma, através do Instituto Filhos de Santana, onde permaneceu por 4 anos e 8 meses. Em seguida, retornou ao Brasil, sendo direcionado para Minas Gerais, onde objetivava concluir seus estudos teológicos. De volta ao Ceará, iniciou seu estágio pastoral na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Bela Cruz, e na sequência foi para a paróquia de Ipu, onde permaneceu até sua ordenação sacerdotal que aconteceu em 20 de março de 2006, na catedral de Sobral.

Sua primeira missa foi celebrada no dia seguinte, na paróquia de Ipu, onde assumiu logo em seguida a pastoral de Pires Ferreira. No dia 28 de janeiro de 2008 foi destinado para servir na paróquia de Meruoca, sendo que sua posse ocorreu no dia 03 de fevereiro de 2008. Em agosto de 2009 foi eleito representante do Clero da Diocese de Sobral. Em 2010 foi eleito presidente da Comissão da Regional Nordeste I. No dia 03 de março de 2011, na cidade de Martinópolis, foi eleito coordenador da região pastoral de Meruoca, que é composta por seis paróquias: Alcântaras, Meruoca, Massapê, Senador Sá, Uruoca e Martinópolis. Permaneceu na Meruoca até o final de 2015. Atualmente, é pároco de Hidrolândia.

26º - Padre João Paulo Aguiar Bezerra

Filho de Gaudino Azevedo Bezerra e Rita Aguiar Bezerra, nasceu em Sobral no dia 10 de janeiro de 1985. Coursou as séries iniciais na Escola Leonília Gomes

Parente, em Jaibaras. Os ensinamentos Fundamental e Médio foram realizados, respectivamente, no Colégio Luciano Feijão e no Colégio Sobralense. No dia 01 de fevereiro de 2003 ingressou no Seminário de São José, em Sobral, onde permaneceu por um período de 2 anos no seminário menor. Em 2005 ingressou no curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. No ano de 2008 foi para o Seminário Imaculada Conceição, em Fortaleza, especificamente para a casa de formação dos seminaristas da Diocese de Sobral, tendo cursado Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza.

No dia 19 de março de 2009, na catedral de Sobral, foi instituído ao ministério de leitor, conferido pelo Exmo. Reverendíssimo Dom Antônio Fernando Saborido. No dia 16 de maio de 2011, no seminário da Imaculada Conceição da Diocese de Sobral, em Fortaleza, recebeu das mãos do Exmo. Reverendíssimo Dom Odelir José Magri (MCCJ) o Ministério de Acolito Instituído, e no dia 09 de março de 2012, na Serra do Desterro, em Quixadá, recebeu o rito de admissão às ordens sacras.

Na Catedral de Sobral, fez sua profissão de fé e juramento de fidelidade a Deus e à Santa Mãe Igreja no dia 28 de abril de 2012. No dia seguinte, recebeu ordenação diaconal na Catedral de Sobral, e no dia 01 de outubro de 2012 foi ordenado sacerdote em Jaibaras através da benção do Bispo Diocesano, Dom Odelir José Magri. No ano de 2012 residiu na paróquia de Alcântaras por 11 meses. Dia 30 de dezembro de 2012 retornou a Sobral como vigário paroquial, onde foi batizado e ordenado diácono na qual fez parte em todo o seu período de formação para o sacerdócio. Chegou à Meruoca no início de 2016 e permaneceu até o final de 2018. Atualmente é Reitor do Seminário de Filosofia de Sobral.

27º - Padre Fábio Soares Duarte

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 16 de agosto de 1984, é filho de Francisco Alves Duarte e Maria Soares Duarte. No ano de 1998 viajou em direção à terra natal de sua mãe, Forquilha-CE, local no qual vivenciou os primeiros sinais de sua vocação religiosa. Estudou o primeiro e segundo grau na Escola José Parente Prado (Centro Social), onde concluiu o ensino fundamental. Em 2000, iniciou uma experiência com o grupo vocacional diocesano, e em 2001, ingressou no seminário menor, cursando o ensino médio.

Em 2004 foi enviado para a diocese de Quixadá, juntamente com alguns seminaristas da diocese de Sobral, para cursar Filosofia durante 3 anos. Terminou os estudos filosóficos em 2007 e, em seguida, foi para Fortaleza, onde iniciou o curso de Teologia. Recebeu o ministério de leitor em julho de 2008 na Catedral de Sobral pelas mãos de Dom Fernando Saborido.

Em 19 de março de 2009 recebeu o ministério de acólito. Foi então admitido à ordem sacra Missionário Cambonianos do Coração de Jesus (MCCJ) em 05 de junho deste mesmo ano pelas mãos de Dom Odelir José Magri, então Bispo Diocesano de Sobral. Em 06 de agosto de 2011 foi ordenado diácono, e no dia 31 de janeiro de 2012, foi ordenado presbítero na paróquia de São Francisco de Assis, na cidade de Forquilha, por Dom Odelir José Magri.

Após sua ordenação presbiterial, foi nomeado como vice-reitor do seminário São José, em Sobral, sendo o responsável pela pastoral vocacional diocesana e pelo propedêutico. Em 2011 cursou pós-graduação em teologia no instituto São Tomás de Aquino-(ISTA) em Belo Horizonte. Em 2013, a pedido do Bispo Dom Odelir José Magri, foi com os seminaristas para o seminário maior da Diocese de Sobral, em Fortaleza. No ano de 2014 foi convidado pelo Bispo para fazer uma atualização na área da formação no curso internacional de formadores de seminário em Roma-Itália.

No dia 13 de fevereiro de 2016, em solene liturgia presidida pelo Bispo Dom José Luiz Gomes de Vasconcelos, foi empossado como administrador paroquial da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Sobral, ficando até o dia 11 de janeiro de 2019, período em que foi nomeado para ser pároco da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Meruoca, onde atualmente desenvolve suas funções e atribuições clericais.



2. A história de vida de Monsenhor José Furtado Cavalcanti

O catolicismo sempre esteve presente na vida de José Furtado Cavalcanti. Nasceu em 19 de setembro de 1916 em Viçosa do Ceará, era filho de José Furtado Cavalcanti e Maria Alves Pedrosa Cavalcanti, que o levaram para ser batizado na igreja matriz daquela cidade, pelo padre José Carneiro da Cunha, em 1º de novembro de 1916. Teve como padrinhos o padre José Carneiro da Cunha e Luiza de Mendonça Cavalcanti.

E a matriz de Viçosa manteve-se presente em sua vida desde então, pois era naquele templo que frequentava as cerimônias religiosas acompanhado de seus pais e suas irmãs. Mas sua infância foi marcada pela perda precoce de seu pai, que faleceu em 19 de março de 1923, provavelmente, em decorrência de problemas cardíacos e respiratórios. O fato trágico o aproximou ainda mais da Igreja, onde encontrou conforto.

No ano seguinte, já foi celebrada sua Primeira Comunhão em 1924, sob a orientação da catequista Maria Cristina Silveira. O celebrante da missa foi o padre José Carneiro da Cunha. Sua Crisma foi conferida pelo saudoso bispo Dom José Tupinambá da Frota, também na igreja matriz de Viçosa, tendo ocorrido em 8 de outubro de 1928. Na oportunidade, seu padrinho foi José Joaquim de Carvalho Filho.

A única atividade que fazia frente às tarefas religiosas eram os estudos. Criança dedicada, passava horas sobre os livros. Apesar disso, traços de uma infância comum podiam ser notados em atividades tão próprias de garotos do interior, como atirar de baladeira e matar morcegos, momento em que estava sempre ao lado de algum amigo.

Chegou algumas vezes a dizer para sua mãe e suas irmãs que havia nascido para sofrer em virtude das pessoas carentes e desprovidas de amor, por isso iria “batalhar para ser padre”. Isso era desacreditado por todos que o conheciam, pois tornou-se um adolescente de poucas conversas, mas sempre muito comprometido

com os estudos. Chegou até a sofrer preconceito, pois não costumava sair de casa para atividades que não fossem as da escola e da Igreja.

Por algumas vezes sua mãe chegou a ignorar suas atitudes e obrigá-lo a sair com os amigos para jogar futebol, bila ou brincar de esconde-esconde, mas ele sempre dizia: “Mãe, não faça de minha felicidade e sonho um pesadelo. Estou bem assim! Um dia você irá se orgulhar de mim.” Outra paixão de José Furtado eram os pássaros. Passava horas apreciando o canto das aves de diversas espécies. Adorava ficar só e em contato com a natureza. Suas reflexões o levaram a entender que sua felicidade não dependia de mais ninguém, apenas dele. Bastava que fizesse sempre aquilo que o fazia bem.

Daí em diante, como acólito que era, exercia com prazer as atividades de co-rounha e até zelador da igreja matriz de Viçosa. Foi o começo de tudo. Jovem incomum, se alguém queria encontrá-lo quando não estava em sua casa ou na escola, bastava ir à igreja de Viçosa do Ceará.

2.1 Vida escolar em Viçosa do Ceará

Estudou nas escolas reunidas de Viçosa, pois nesse tempo não existia ainda o grupo escolar. Nessa época, sua professora foi a Sra. Maria da Glória Teixeira Barros (Dona Santinha). Ela tinha grande apreço e estima por ele, pois seu bom comportamento, lealdade e responsabilidade o faziam diferente dos demais em sala de aula. Era tanto que Santinha o chamava de São José. Era um garoto muito sensível e dedicado.

Estudou na escola particular do Sr. João Rodrigues Braga (o João Sacristão). Esse senhor era chamado assim devido ter sido por muitos anos sacristão na paróquia de Viçosa do Ceará. Estudou também no Colégio Santo Antônio, que pertencia ao Professor Bozon. Este senhor veio de Parnaíba para Viçosa no ano de 1933 e, na oportunidade, fundou este colégio com a finalidade de atender e educar os jovens de Viçosa. Porém, tal colégio logo deixou de funcionar.

A vocação de José Furtado era evidente, pois convivia com padres e seminaristas que iam passar as férias em Viçosa. Isso fazia com que sua vontade em servir à Igreja e se tornar um sacerdote só aumentasse. Passou um longo tempo à espera de que surgisse uma vaga no seminário de Sobral, o que só veio acontecer em 21 de fevereiro de 1934. Nessa oportunidade, passou a estudar por conta da O.V.S. (Obra das Vocações Sacerdotais), tendo ajuda de pessoas caridosas que o conheciam, pois estava longe de seus familiares.

2.2 A ida para o seminário

Depois de conquistar uma vaga no seminário, o primeiro desafio de José Furtado Cavalcanti foi chegar a Sobral. O aspirante a sacerdote desceu de Viçosa do Ceará até Granja em um pau de arara. De lá embarcou no trem que fazia a rota Camocim-Sobral. A viagem, longa e cansativa, parecia não ter fim, pois o trem fazia várias paradas para o embarque e desembarque dos passageiros que iam a Sobral para realizar compras, vender ou trocar produtos e animais nos comércios e mercado daquela cidade, maior polo comercial da região noroeste cearense. As agruras da viagem foram minando suas energias e, por várias vezes, chegou a pensar em desistir do sonho de ser padre. Só que sua vocação celibatária e clerical falava mais alto.

Longe da mãe e de seus familiares, buscava sempre honrar os ensinamentos que havia aprendido em casa. Nas férias, costumava buscar repouso em ambientes que lhe transmitissem tranquilidade, de preferência locais que lhe pusessem em contato com a natureza, paixão que conservou desde a infância. A paz que tanto buscava, encontrava no canto dos pássaros e no perfume das flores.

Nas horas vagas e de descanso no seminário, refletia com o olhar voltado para a serra da Meruoca, em uma espécie de flerte que logo converteu-se em verdadeiro amor, talvez pela lembrança das paisagens serranas onde crescera. Ficava encantado com tamanha beleza que se espalhava naquela que parecia ser uma cortina de tonalidade esverdeada, mas apesar da imensa vontade de conhecer a Meruoca, existiam alguns empecilhos, dentre os quais o principal deles, o fato de que era necessário receber ordem da Diocese e do bispo para se deslocar para algum lugar que não fosse nas imediações do seminário em Sobral.

A partir de seu terceiro ano como seminarista, começou a apresentar sinais de problemas de saúde, pois a diferença climática entre Viçosa, que dispõe de um clima ameno que chega a atingir 20°C com sensações térmicas que variam entre 18°C e 19°C durante o ano todo, era bastante discrepante daquele que encontrou em Sobral, região cujos aspectos climáticos são típicos de sertão, onde as temperaturas, muitas vezes, chegam próximas dos 40°C. Isso passou a deixá-lo vulnerável a gripe, rinite e sinusite.

Por algumas vezes chegou a ser hospitalizado para fazer tratamento de pneumonia e bronquite, além de ter convivido por muito tempo com problemas asmáticos. Somava-se a isso a saudade e o distanciamento de sua mãe, sendo que isso muitas vezes lhe trouxe momentos de tristeza e solidão.

Todos estes obstáculos o levaram, muitas vezes, a pensar em desistir dos seus ideais, pois não tinha recursos suficientes para comprar remédios ou buscar consultas médicas. Além disso, ter sido privado de seu pai tão cedo, agravou seus problemas emocionais, mas mesmo assim, buscou perseverar.

Para ele, mesmo as constantes doenças não eram a principal causa de sofrimento. A tristeza maior o acertava em cheio nos momentos em que os familiares de seus colegas seminaristas iam visitá-los. Ouvia sempre os pais de seus colegas proferirem palavras de conforto, segurança, incentivo e orgulho por vê-los batalhando para servirem ao Senhor, e isso acabava, de certa forma, lhe confortando também. José Furtado encarava isso como prioridade para sua vida.

Finalmente, em 25 de março de 1936, José Furtado recebeu, no seminário “menor” de Sobral, a Fita Azul que simbolizava ser filho de Maria, consagrando-o assim como servo do senhor que estava a serviço da virgem santíssima, agora já poderia deslocar-se até a Meruoca nos momentos de férias e descansos. Foi o que fez em algumas ocasiões na companhia do bispo Dom José Tupinambá da Frota.

2.3 Serviço militar

Um dos momentos mais difíceis de sua vida foi quando houve sua convocação para o serviço militar em 1938, pois foi necessário interromper sua trajetória sacerdotal por um período aparentemente indeterminado. Na ocasião, teve de seguir para Fortaleza, pois era onde ficava a base militar responsável por sua convocação, isso no dia 10 de outubro daquele ano.

Já em Fortaleza, na manhã do dia 11, sem muita conversa teve de se apresentar no quartel, onde foi incorporado na composição militar da 2ª companhia, mas através da amizade que fez com alguns integrantes da companhia, conseguiu isentar-se do comparecimento às chamadas diárias, pois não detinha condições financeiras para se deslocar diariamente até o quartel, que ficava longe da casa de um amigo que conhecera na viagem para Fortaleza, junto com o qual ficou hospedado.

Sua vocação sacerdotal logo chamou a atenção dos seus superiores, pois não apresentava as características para a vida militar. Com isso, vários amigos policiais passaram a buscar maneiras pelas quais José Furtado pudesse ficar definitivamente isento do serviço militar, pois começou a demonstrar fraqueza espiritual e emocional que muitas vezes o levaram a permanecer hospitalizado por vários dias. Nessas ocasiões, José Furtado sempre pronunciava a frase: “Nasci para servir o povo, pois fui escolhido por Maria, e não para ser militar”.

O bom disso foi que a ajuda de seus amigos e a situação de desconforto em estar ali fizeram seus superiores optarem em deixá-lo isento do serviço militar, levando-o a ser certificado como reservista de 3ª categoria. Isso permitiu-lhe retornar ao seminário menor de Sobral para dar continuidade aos seus estudos, objetivos, sonhos e ideais.

Permaneceu por mais um breve período no seminário de Sobral, pois teve que seguir em 1939 para o seminário “maior” de Fortaleza, o renomado seminário da Prainha. Essa mudança também lhe ocasionou sérios problemas de saúde, a exemplo do que ocorreu quando mudou de Viçosa para Sobral, mas dessa vez deixou para trás o sertão sobralense, tendo de aclimatar-se ao litoral de Fortaleza.

2.4 Ordens menores e maiores

A colação da sua primeira Tonsura (termo usado para designar o início da vida clerical ou clericato) foi realizada em 29 de março de 1941, proferida pelo Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Gomes. Nessa época ainda não era permitido a ele celebrar certos ritos da Igreja, como por exemplo batizar ou realizar casamentos, mas somente acompanhar os afazeres na companhia dos padres ordenados.

Na sequência, José Furtado foi designado à categoria de hostiário (a pessoa que cuida das hóstias na igreja), sendo que a colação para essa finalidade ocorreu juntamente com a de leitora (a pessoa que cuida da doutrina e das leituras), conferidas pela 1ª e 2ª ordens menores através do Exmo. e Revmo. Dom Antônio de Almeida Lustosa, aos 30 de maio de 1942 reunindo dezenas de pessoas que tinham a mesma finalidade.

Houve também a colação de exorcista (a pessoa que cuida de afastar os maus espíritos) e de acólito (a pessoa que auxilia os ministros ordenados), mais precisamente no dia 27 de novembro de 1942, também na igreja da Prainha. A partir do momento que recebeu o subdiaconato, em 05 de dezembro de 1943, e o diaconato, no domingo do Espírito Santo, em 28 de maio de 1944, proferida pelo Exmo. e Revmo. Dom Antônio de Almeida Lustosa, passou a fazer voto de castidade perpétua, enquanto subdiaconato, e a pregar, batizar e distribuir a sagrada comunhão, dessa vez como diaconato.

2.5 Ordenação sacerdotal

A ordenação Sacerdotal de José Furtado aconteceu em 3 de dezembro de 1944 na cidade de Sobral e foi conferida pelo Exmo. e Revmo. Dom José Tupinambá da

Frota, que era, na época, bispo Conde. Com a sua ordenação, José Furtado recebeu a permissão para administrar os sacramentos, prestar cultos a Deus e realizar missas, além de poder se tornar o chefe do povo santo na paróquia à qual iria ser direcionado pelo bispo.

A oportunidade lhe trouxe a satisfação de retornar à Viçosa, só que dessa vez com a missão de celebrar sua primeira missa, que ocorreu de forma solene no dia 8 de dezembro de 1944. Após sua ordenação, passou a morar novamente em Viçosa do Ceará, mas na ocasião para atuar como cooperador da missão evangelizadora, juntamente com o vigário padre Antônio Regino Carneiro, que anos depois viria a se tornar pároco da Meruoca.

Nessa ocasião, José Furtado permaneceu de dezembro de 1944 a maio de 1945, quando foi nomeado para atuar também como cooperador na paróquia de Granja, auxiliando o padre Manuel Vitorino de Oliveira. Isso ocorreu de maio a setembro de 1945. O grande entrave nesse período foram novamente os problemas de saúde, que passaram a se tornar frequentes em sua rotina de vida, pois teve a infelicidade de adoecer gravemente de *Paratifo*¹, tendo sido levado para a Santa Casa de Misericórdia de Sobral, onde permaneceu internado durante alguns dias.

Depois disso, retornou novamente à Viçosa, onde permaneceu o resto do ano e pôde ser acompanhado de perto por seus familiares e alguns médicos que ele considerava como amigos. Após esse período, já com a saúde em um estado bem melhor, José Furtado foi designado para Massapê, mas dessa vez a pedido do bispo, para substituir o vigário padre Cardoso, pois este precisou ausentar-se das atividades da paróquia por tempo determinado. Isso ocorreu em janeiro de 1946.

De volta à Serra Grande, mas dessa vez para a Cidade de Ibiapina, em abril de 1946, José Furtado foi nomeado cooperador do então monsenhor Antônio Cândido de Melo, permanecendo por lá até maio de 1947 e, após esse período, retornou novamente à Viçosa, permanecendo de junho a dezembro do mesmo ano. Finalmente, José Furtado chegou à Meruoca em 25 de janeiro de 1948 para continuar sua missão evangelizadora e apostólica.

2.6 A chegada à Meruoca

No dia 25 de janeiro de 1948, chegou à Meruoca o padre José Furtado Cavalcanti, que sem mais demora, tomou posse da paróquia. Houve uma grande recepção por parte dos meruoquenses. Os celebrantes da missa de acolhida fo-

1 Doença infecciosa com sintomas muito semelhantes aos da febre tifoide e produzida por bacilos paratíficos, bactérias do gênero *Salmonella*

ram o Mons. Olavo Passos e o Padre Domingos. No início de seu paroquiado, o padre José Furtado encontrou a Meruoca carregada de problemas e com muita dificuldade de relacionamentos entre as pessoas. Na época, aquela comunidade celebrava festas religiosas em devoção a São Sebastião, São José, Coração de Jesus, Nossa Senhora do Carmo, São Vicente de Paulo, além da festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição. Todas eram seguidas de novenários e procissões. Após estes momentos, aconteciam leilões com produtos que eram colhidos nos roçados da própria região, além de uma variedade de animais que eram doados pela população local.

Inicialmente, um dos maiores problemas enfrentados por José Furtado foi acabar com as festas de samba e os caipiras que aconteciam no meio da rua, especialmente nos períodos de realização das festas religiosas. Nessa época, José Furtado tinha ordem da Diocese para conter esse tipo de atividade, pois isso era entendido como contrário às festas religiosas e “iria corromper a sociedade meruoquense”, que estava muito distante das atividades religiosas.

Por volta do ano de 1949, em uma destas tentativas de acabar com estas festas e mesas de jogos que aconteciam nas proximidades da igreja matriz, José Furtado chegou numa dessas mesas, no meio da rua, a derrubou e disse para o banqueiro: “O senhor sabia que tem homem aqui na Meruoca? Se não sabe, é bom ficar sabendo disso! E eu não quero voltar aqui para acabar com esse jogo novamente! Fique sabendo que eu sou um padre da rede rasgada!” E não é que o banqueiro respondeu à sua provocação? Disse o seguinte: “E eu, seu padre, já estou dormindo é no chão [...]”.

Depois de dois anos como Vigário na Meruoca, ainda havia pessoas que perguntavam: “Quando é que esse padre vai embora daqui?” A intenção de José Furtado era mesmo fazer com que os meruoquenses se voltassem para o que ele, particularmente, entendia como certo. Naquele período, as missas eram celebradas somente pela manhã. O Padre celebrava de costas para o povo. Toda a celebração era em latim, sendo oportuno dizer que o terço era rezado todo em voz alta e por todos que estivessem na igreja. Bem no meio da igreja havia uma grade de ferro que separava os altares. De um lado ficava a imagem do coração de Jesus e do outro a imagem de Santa Inês. A finalidade era deixar os homens de um lado e as mulheres do outro.

Quando uma mulher ia à igreja com roupas que não fossem adequadas, logo era ignorada, pois existia uma determinação por parte do bispo de Sobral, Dom José, que dizia ser proibido qualquer mulher permanecer dentro da igreja com roupas de mangas curtas, por ocasião da celebração religiosa e em respeito ao es-

paço religioso. Caso isso acontecesse, logo era solicitado que tal mulher se retirasse da igreja. E deveria ser rápido, pois o padre poderia cancelar a missa e não mais continuar a celebrá-la naquele dia. O padre poderia dar a comunhão somente na boca das pessoas, sendo proibido pô-la na mão dos comungantes.

Como Meruoca tinha capelas também nos sítios e precisava do acompanhamento do padre nas localidades, José Furtado procurou logo adquirir um meio de transporte, e esse foi um cavalo, que veio acompanhado de cela, espora e um chicote. O encarregado da compra foi o Sr. Dico Ribeiro, que sempre estava disponível a prestar favores a José Furtado. O cavalo foi comprado por um valor estimado em cinco contos de reis.

Em uma das visitas que estava realizando aos sítios, “lá pelas bandas do Anil”, ao passar pelo sítio Baixa Grande, encontrou dois homens que também transitavam por lá e, quando o avistaram, disseram: “ [...] há poucos dias saiu um padre de Meruoca podre de rico, e já tem outro pra querer enricar também as custas dos bestas”. Naquela hora, José Furtado olhou para eles e disse: “Repitam o que disseram! Não estou aqui atrás de riquezas!” No mesmo instante, em cima de seu cavalo, puxou o arreio no pescoço do animal, pegou o chicote, cutucou a barriga dele com as esporas e o jogou para cima dos homens, dizendo: “Me respeitem, seus cabras, vocês não sabem quem sou! O meu propósito aqui é outro.” Mesmo assim, tentou dar uma chicotada em um deles, só que não o alcançou, pois “fizeram carreira”.

A chegada de José Furtado Cavalcanti à Meruoca marcou o início de uma nova fase para o desenvolvimento local, pois foi o sacerdote que mais tempo permaneceu como liderança religiosa, conduzindo as distribuições de terras e mediando conflitos na região. Esse período estendeu-se de 1948 a 1996, quando então afastou-se das atividades da paróquia.

Depois de três anos em Meruoca, o padre José Furtado passou a buscar formas para reestabelecer a ordem interna na Igreja, partindo da tentativa de elevar Meruoca à categoria de município, sendo que esse contexto está ligado diretamente ao processo de desenvolvimento que ocorreu em Sobral, sobretudo no séc. XVIII.

Sua chegada nessa Paróquia trouxe alegria e felicidade aos meruoquenses que viviam momentos de tensões, retaliações e inseguranças causadas por um pequeno grupo de posseiros e latifundiários que insistiam em expandir suas posses através de brigas, maus tratos e conflitos que aconteciam muitas vezes com uso de força excessiva e armada.

Ele fez surgir momentos de esperança para um povo que vivia assustado e perseguido por poderosos que se sentiam no direito de se tornarem donos das terras da Meruoca, sendo que José Furtado logo foi abraçado por um povo que carecia de bons cuidados, fazendo assim ressurgir o amor entre eles. Não media esforços para trabalhar ao lado do povo, que clamava por paz e tranquilidade. Logo tratou de dividir seus conhecimentos sacerdotais para fazer o bem a todos, inclusive àqueles que se colocavam contrários às condições impostas pela paróquia, que seguia os comandos da Diocese de Sobral.

Com simplicidade, responsabilidade e sinceridade, José Furtado deu início aos trabalhos de catequização do povo meruoquense, estabelecendo e retomando as ações vinculadas a Pia União, a Congregação Mariana e a Cruzada Eucarística que estavam sem atividades. Essas foram algumas das primeiras ações desempenhadas por ele para aproximar os meruoquenses à Igreja.

Visivelmente fiel aos ensinamentos da Igreja, o padre José Furtado empenhou-se em desenvolver na Meruoca maneiras pelas quais as pessoas se sentissem mais humanas e amadas, passando a ser um exímio protetor dos direitos dos meruoquenses. Não admitia que os meruoquenses fossem desrespeitados, maltratados ou humilhados. Era bom que isso não chegasse ao conhecimento dele, caso contrário compraria a briga, pois “não temia as bravuras dos homens”. Como sempre dizia: “Me respeite e terá meu respeito”.

Fundou a C.B.D. (Comunidade de Base Dirigentes), a J.A.C. (Juventude Agrária Católica), o C.M. (Clube das Mães), e a C.A.I.V. (Comunidade de Amparo à Infância e aos Velhos). A intenção era proteger aqueles que se encontravam às margens da pobreza e excluídos, de certa maneira, da sociedade. A presença de outro sacerdote já não era mais suficiente para eclipsar a imagem memorável que ele já estava representando na sociedade meruoquense, pois sua dedicação e aproximação com o povo se fazia importante naquele momento. José Furtado passou a ser considerado pai, padrinho, médico, professor e construtor. Não media esforço para ajudar ao próximo.

2.7 A família de José Furtado

José Furtado foi o caçula de um casamento que gerou três filhos, sendo as duas primeiras mulheres, Margarida e Mariana, mas sua mãe, Maria Alves Pedrosa Cavalcanti, havia sido casada anteriormente, e desse matrimônio nasceu Luís Gonzaga, esse que era considerado por José Furtado como o irmão mais velho, pois tinha muita afinidade com ele (ver figura 19, José Furtado e seus irmãos). Dona Maria Alves lutou bastante para ver a realização do sonho de seu filho, que de-

monstrava vocação para servir a Deus na condição de sacerdote e evangelizador, como acabou se tornando.

Dona Maria Alves trabalhou duramente para manter a família, mesmo sofrendo a ausência do marido, que havia falecido quando José Furtado tinha apenas pouco mais de seis anos de idade, além da falta do filho, cuja saudade só não era maior do que o orgulho por tamanha importância e serventia a Deus e ao povo. Mas ela se preocupava muito porque seu filho estava morando na “serra do cangaço!” Era assim que ela chamava Meruoca, pois sabia que neste lugar estavam havendo muitos conflitos e era “terra de gente briguenta”.

Figura 19 - José Furtado e seus irmãos, Luiz Gonzaga (e esposa), Margarida e Mariana (e esposo)



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

A pesada rotina de trabalho que fazia parte do cotidiano de Dona Maria Alves para sustentar a família só era intercalada pelos diversos momentos dedicados à oração, que aliviavam a saudade do caçula, com o qual a comunicação era bastante difícil. A mãe saudosa nunca sabia ao certo como o filho estava, nem mesmo onde estava, como ela dizia, se “nas bandas de Sobral ou da Fortaleza, só sei que está na proteção de Deus todo poderoso”.

Apesar da saudade, era com alegria que dona Maria Alves dizia a todos que tinha um filho padre, mas que fazia tempo que este não aparecia em sua casa. Quando José Furtado ia a Viçosa para visitá-la, ambos encenavam um verdadeiro ritual, iniciado por ele, que ao chegar à porta de casa, dizia: “Bom dia, dona Maria Alves!” Ela logo respondia: “Bom dia pra você também! Mas quem é esse buchudinho aí mesmo?”, perguntava sorrindo. Então ele respondia: “Sou eu, mamãe, o Zé Furtado”. Ao que a mãe pedia confirmação, pois o peso da idade já se fazia sentir. O que lhe faltava em visão, sobrava em esquecimento, pois já avançavam

os sintomas do Alzheimer, que fazia com que esquecesse facilmente das pessoas e tivesse dificuldade em lembrar das coisas.

Ela morreu em 09 de abril de 1968, a 12 dias de completar 96 anos de idade. Coisas do destino, nesse dia José Furtado estava em Viçosa, pois havia recebido a notícia de que o estado de saúde dela estava se agravando. José Furtado presenciou o último suspiro de sua mãe e pôde confortar as duas irmãs, que choravam inconsolavelmente. Contudo, por ter estado ausente por tanto tempo, chorava também bastante e, como para afastar a dor, caminhava por toda a casa, recordando os momentos que vivera junto com ela. Tentava disfarçar a tristeza dizendo que a mãe tinha consciência do que ele estava fazendo, da importância de seu trabalho junto ao povo.

Figura 20 - Dona Maria Alves e familiares



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Figura 21 - Dona Maria Alves



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Figura 22 - Dona Maria Alves e familiares



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Figura 23 - Dona Maria Alves, José Furtado e familiares



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Figura 24 - Dona Maria Alves, José Furtado, familiares e amigos



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Dona Maria Alves partiu com o dever cumprido de ajudar os filhos a cumprirem seus destinos. Coube ao filho sacerdote proferir as últimas palavras antes dela ser sepultada: “Eu te absolvo de teus pecados. O Corpo de Cristo guarde tua alma para a vida eterna. Amém! Continua do céu, ó mãe, a rezar pelos teus filhos!”

2.8 A morte de dona Maria Alves

A morte da mãe do padre José Furtado ocorreu numa terça-feira, quando coincidentemente ele estava presente e pôde despedir-se. Nesse dia, fez uma ligação para alguns integrantes da paróquia de Meruoca e disse: “Pessoal, hoje aconteceu a maior tristeza de minha vida: minha mãe partiu dessa para a eternidade!” É interessante perceber como essa fala ressalta a importância de suas atividades frente a paróquia de Meruoca, já que enfatiza uma missão que, diante de casos tão graves quanto o falecimento de sua mãe, não queria deixar em segundo plano. Nesse dia estavam com ele, em Viçosa do Ceará, dona Ritinha e Tereza Martins, pois elas sempre o acompanhavam em suas viagens.

Tomado pela emoção, não resistiu ao ver dona Maria Alves dentro do caixão e chorava muito, sendo consolado por amigos, mas como era um homem de muita coragem, olhou para o corpo da mãe e disse: “Mãe, quero lhe dizer nesse momento que irei honrar até o último dia de minha vida tudo aquilo que você me ensinou e eu escolhi como certo”. Debruçou-se sobre o caixão, passou a mão no rosto dela e em seguida deu-lhe um beijo na testa e disse: “Vá em paz, mãe! Um dia nós nos encontraremos!”

Em sua fala de despedida, desculpou-se com sua mãe por não ter podido estar com ela mais vezes, mas tinha certeza de que ela compreendia que isso não foi possível pela importância da escolha que fez para sua vida.

2.9 O Jeep do padre

Por volta de 1951, José Furtado conseguiu comprar seu primeiro veículo motorizado. Era um Jeep, comprado a prestação, sendo o seu valor total de 30 contos. Para isso precisou que alguém pudesse ser o fiador na negociação, foi então que apareceu o senhor Peri Frota e o ajudou. Sem habilidade na direção, Furtado contou com o auxílio de um morador local, conhecido como “Titela”, que assumiu o papel de motorista do padre.

Além de dirigir, cabia a Titela zelar pela manutenção do veículo. Certo dia, como sempre fazia, o motorista levou o Jeep para lavar no açude São José, que havia sido recentemente construído por iniciativa de José Furtado com ajuda dos meruoquenses². Enquanto Titela cuidava da parte externa do carro, outras duas pessoas limpavam o interior da cabine. Contudo, em um momento de descuido de Titela, não se sabe se acidentalmente ou por brincadeira, um dos ajudantes destravou a marcha do veículo, que acabou descendo na direção do açude, onde havia considerável nível d'água. O que poderia ser apenas um inconveniente acabou se transformando em tragédia, pois nenhum dos dois rapazes, Jessé Gentil Monte, 22 anos, solteiro, e Manoel Messias, menor de idade, conseguiu sair do Jeep e se afogaram nas águas do açude.

Na ocasião, José Furtado estava em Sobral fazendo pregações e palestras em um retiro sacerdotal. Logo após o ocorrido, juntamente com algumas pessoas que chegaram ao local do acidente, Titela tratou de comunicar ao padre que, de pronto, saiu em direção à sede do corpo de bombeiros de Sobral e, de lá, subiu a serra para resgatar os corpos das duas vítimas. Depois de alguns dias do ocorrido, o Jeep foi retirado do açude e levado para fazer alguns reparos e trocas de peças no motor, pois haviam sido danificadas pela água. Mesmo assim, ainda com os serviços de Titela, o padre continuou usando o veículo por um longo tempo.

2.10 Contribuições para a educação dos meruoquenses

Logo que chegou à Meruoca, José Furtado passou a se preocupar com a educação da população local, pois logo constatou o alto índice de analfabetismo e informalidade na oferta de ensino. Quando o padre tentava conscientizar as famílias a respeito do problema, que na época chegavam a ter de 10 a 15 filhos por casal, sempre ouvia a mesma coisa: “Padre, estudar é para quem não tem o que fazer! Meus filhos têm, e a caneta deles é a enxada e a foice. Se eles não trabalharem, não terão o que comer.”

O que poderia soar como desestímulo, pelo contrário, dava novo ânimo ao padre, que não mediu esforços para mudar o pensamento dos pais, pois acreditava que a educação deveria ser prioridade. Na mesma ocasião passou a trabalhar também na conscientização das mulheres sobre a questão dos métodos contraceptivos. Ele reconhecia verdadeiramente que tudo isso ocorria devido falta de conhecimento.

Na época, só existia em Meruoca uma escola pública que funcionava com duas professoras, a senhora “Iza” e a dona “do Carmo”. Elas duas vieram de Itapipoca e

² Atualmente é conhecido como açude do Padre, é aquele que fica ao lado da estrada que vai para o Anil.

estavam em Meruoca desde 1934. Suas contribuições foram importantes para os meruoquenses, o problema é que os esforços das professoras não eram suficientes para atender a toda a população, pois não dispunham de um espaço adequado para essa finalidade e tinham de receber os alunos precariamente em suas próprias casas. Os filhos dos “ricos” tinham professores particulares que iam ensinar em suas residências, mas os pobres não.

Isso motivou José Furtado a comprar uma casa que estava desabitada nas proximidades da igreja matriz. A casa, comprada pelo valor de 3 contos de reis, era de propriedade do senhor Chico Araújo, que residia na localidade de Tapera, no município de Massapê. Esta logo foi demolida e, em seu lugar, foi construído um salão que serviu tanto para encontros e reuniões, quanto para sala de aula nos períodos diurno e noturno. O espaço, que recebeu o nome de Escola Paroquial, ainda hoje existe do lado esquerdo do salão paroquial, mas servindo para outras finalidades.

Depois de algum tempo, através da influência que tinha junto ao então deputado Chico Monte, o padre José Furtado conseguiu verbas para a construção do grupo estadual, escola existente até hoje nas proximidades do sindicato dos trabalhadores rurais de Meruoca. Não se sabe ao certo o porquê, mas a construção demorou cerca de três anos para ser concluída. O terreno, doado pela Igreja, foi devidamente medido pelo padre e o senhor Pedro Pinto. O projeto inicial de construção da escola abrangeu poucas salas de aula, pois a intenção era de oferecer, a princípio, da pré-escola à 4ª série. Havia também no projeto a construção de uma diretoria, secretaria e cantina, além de um pequeno espaço que serviria para o lazer das crianças e dos adolescentes durante os intervalos, e um pequeno playground na parte da frente da escola.

Com as verbas liberadas pelo governo estadual, a escola foi construída através dos serviços prestados, enquanto construtores, do senhor Raimundo Nonato de Oliveira (seu Raimundo Satio) e do Senhor Francisco das Chagas Fonteles, com a supervisão do Senhor Doca Santos. A inauguração ocorreu no ano de 1960, e contou com a presença de diversas autoridades locais que foram recepcionadas em seguida com um banquete oferecido pelo padre na sua própria residência, com destaque para a presença do prefeito da Meruoca na época, Eustáquio dos Santos, além de representantes do deputado Chico Monte, que não pôde comparecer ao evento.

José Furtado criou também o Ginásio de Meruoca, dessa vez com ajuda do Senhor José Davi do Nascimento (o seu Zé Davi), então prefeito de Meruoca na

época, além também da ajuda de diversas pessoas da Meruoca e Sobral, com destaque para o Professor Olimar e Dona Cleide, que foram fundamentais para a educação dos meruoquenses. O Ginásio começou a funcionar no ano de 1968 em um prédio que pertencia à Diocese³ (ver figura 25). Depois, no ano de 1980, com o apoio do prefeito José Mendes de Araújo, foi erguido um novo prédio com o propósito de atender a uma demanda maior de estudantes. Nascia então a Escola Monsenhor Furtado. O construtor encarregado dessa escola foi também o senhor Raimundo Nonato de Oliveira.

Figura 25 - Antigo Ginásio de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular

2.11 Contribuições para a saúde dos meruoquenses

Antes de José Furtado chegar à Meruoca, a população local não tinha acesso aos serviços de saúde de maneira regular. Quando havia oferta, não era suficiente para atender a todos que procuravam tais serviços. Dessa maneira, ao deparar-se com essa realidade, o padre procurou a ajuda de amigos, que na maioria eram

3 Prédio localizado ao lado do posto de gasolina–Reriús

profissionais da saúde que iam à Meruoca fazer alguns atendimentos na sala de sua residência, pois não havia um espaço adequado para tais finalidades. Havia também carência quanto às questões psicológicas e judiciárias, que passaram a ser remediadas pelo próprio padre quando não era possível contar com um profissional específico.

Devido a essas condições, José Furtado passou a presenciar os profissionais (médicos) realizando consultas, e na ausência destes, passou a fazer aquilo que seus conhecimentos permitiam para as ocasiões. Isso com o aval de tais profissionais, desde que fosse para o atendimento de casos mais simples. É tanto que eles mandavam remédios em forma de “amostra grátis”, especialmente para combater verminoses, febre e piolhos, que era comum nas crianças e jovens.

As dificuldades de acesso a Sobral eram extremas, e o deslocamento para lá em busca desses atendimentos era quase impossível para algumas pessoas. Caminhos quase não existiam e o deslocamento era feito nas veredas que ligavam os sítios à estrada que interliga os dois municípios. O transporte de mercadorias, tanto levando para Sobral quanto trazendo de lá, era feito nos lombos de animais. Isso também ocorria quando era necessário fazer o deslocamento de crianças, idosos e deficientes. Muitas famílias viviam em situação de quase isolamento, pois existiam pessoas que sequer haviam saído alguma vez de suas localidades. As áreas de sítios eram quase todas ocupadas por matas fechadas, onde apenas os caçadores e animais selvagens, como cobras e pequenas onças, transitavam. Nessa época, a estrada Meruoca-Sobral não era asfaltada e só existia calçamento em alguns trechos, a exemplo da curva do “S” e de trechos na ladeira da Palestina devido ser acidentada, íngreme e sinuosa.

Por estes motivos, José Furtado fundou um posto de saúde, que se localizava nas proximidades da igreja matriz, no exato prédio onde depois funcionou a rádio Meruoca (chamada de A Voz Meruoquense). Para o funcionamento desse posto, o padre contava com a ajuda de amigos médicos e pessoas de Sobral que trabalhavam voluntariamente e até faziam doações. Conseguiu contratar, em Sobral, um enfermeiro que passou a prestar atendimentos diários no posto de saúde. Ressalta-se que esses atendimentos eram direcionados especialmente para as gestantes, crianças e idosos. Nesse meio, a atuação de algumas pessoas merece destaque, dentre elas a Dona do Carmo, a eterna professora, Pedro Pinto, que além de ter aprendido a aplicar injeção na veia e nos músculos, imobilizava pernas e braços quebrados até que a vítima chegasse ao hospital de Sobral. Nessa época, padre José Furtado era o vigário, o médico, o juiz, o advogado, o psicólogo e o conselheiro.

Finalmente a Meruoca começava a dispor de alguns serviços que antes não eram oferecidos.

2.12 Sua residência, a casa de todos

As portas da casa do padre José Furtado estavam sempre abertas para aqueles que buscassem ajuda. E as necessidades, como pudemos perceber, não eram poucas. As pessoas procuravam o padre para auxílio em todas as áreas, desde a busca por remédios, alimentos, até mesmo para pedir doações de terrenos ou dinheiro para viajar em busca de trabalho em outros lugares. Sobre essas viagens, ele costumava dizer que: “O bom filho retorna à casa do Pai! Não esqueça de sua família, pois o mundo é um livro aberto. Adquiria aprendizados e retorne para desenvolver aqui! Vá com Deus.” A postura do padre José Furtado não despertou a admiração apenas da população da Meruoca, tendo sua fama chegado aos municípios vizinhos. Dentre seus principais admiradores, vale destacar Dom José Tupinambá da Frota. Prova disso foram as constantes visitas que ele fez à Meruoca, e nessas oportunidades, os lugares escolhidos eram quase sempre a casa de José Furtado e o Patronato, fosse para almoçar, conversar ou descansar. A admiração era tanta que Dom José sempre dizia: “Vocês meruoquenses têm aqui um grande padre!” E José Furtado retribuía dizendo: “Dom José, temos aqui o prazer de estar ao lado de um eterno amigo!”

2.13 Construção das torres da igreja matriz

Em 1960, padre José Furtado promoveu várias reformas, tanto na casa paroquial quanto na igreja matriz. Neste período, foram erguidas as torres da atual igreja matriz e realizadas algumas alterações, tanto na fachada principal quanto no patamar e no altar. Além disso, foram feitas melhorias no sistema de som e reformas na calçada lateral, reconstruindo também as tribunas na parte superior, assim como a escada interna que dá acesso ao coro. Reativou também a 1ª Banda de Música de Meruoca e o Jornal “Folha Paroquial de Meruoca” que estava sem circular.

2.14 A Fazenda Gameleira

Nos anos 1980, José Furtado havia comprado uma fazenda nas proximidade de Massapê, a Fazenda Gameleira. Quando não estava na Meruoca exercendo

suas funções clericais ou outros serviços que faziam parte de sua rotina, como consultar e visitar os enfermos, crianças e idosos, era em Gameleira que ele gostava de passar os momentos de descanso e lazer. Passava horas lendo e refletindo deitado na sua rede de tucum, que ficava armada na varanda da humilde residência que havia lá. Gostava também de atender ao povo humilde que morava por lá, pois era comum aparecer alguém para se confessar, ouvir uma palavra amiga ou à procura de algumas consultas. Não parava de chegar pessoas à sua procura, pois estava sempre à disposição a qualquer hora do dia.

É tanto que a Diocese de Sobral, com o aval da paróquia de Massapê, resolveu entregar-lhe a Capela de Aiuá para que pudesse exercer com mais frequência e liberdade suas contribuições àquele povoado, que carecia da presença de um servo do senhor. E para isso ele não mediu esforços e logo aceitou. Agora Aiuá fazia parte da vida de José Furtado, juntamente com a Gameleira. Ao receber tal capela, encontrou-a em um estado precário e desprovida de cuidados. Logo começou a realizar reformas e algumas ampliações, acrescentando uma calçada e alguns batesentes nos arredores, além de refazer a fachada externa e mudar o teto. Colocou também um novo sino para a chamada das celebrações.

A população do pequeno povoado logo percebeu suas intenções e passou a vê-lo como um amigo que havia chegado para contribuir com benfeitorias para o lugar. É tanto que os senhores de idade mais avançada que ainda se encontram lúcidos contam com perfeição como era José Furtado na época. Segundo o Sr. José Francisco, “José Furtado era um homem de coragem e dedicado ao que fazia. Tratava as pessoas como filhos e fazia questão de ir à casa de cada família saber se estavam bem espiritualmente ou se estavam com algum problema de saúde”.

De acordo com a Sra. Maria Raimunda, “a chegada de José Furtado no povoado era sempre motivo de muita alegria, pois além de contribuir para o bem-estar das pessoas, preocupava-se também com a questão educacional e de saúde, isso nos trazia alegria e muita felicidade”. Era comum realizar reuniões com os jovens dentro da capela e passar horas ensinando-os a ler e a escrever. Costumava também levar cestas básicas para fazer doações para as famílias mais carentes. Quando chegava o momento de retornar à Meruoca, o povoado ficava numa tristeza só. Mas sempre ele dizia: “Estou indo dar continuidade à minha missão, mas levando todos vocês no meu coração. Vou, mas volto!”

2.15 Patronato Dom José, a inspiração de Monsenhor Furtado

Antes de ser construído o “Patronato”, havia no mesmo lugar uma casa primitiva que fora construída pelo Padre José Tomás de Albuquerque. Esta casa servia

para as atividades da Igreja (ARAÚJO, 1979). O prédio passou por várias modificações até ser reconstruído por Dom José. Desde então, passou a ser chamado de Patronato São José (conhecido pelos meruoquenses como Patronato Dom José), dirigido pelas irmãs Josefinas. A sua inauguração ocorreu em 19 de fevereiro de 1966 e servia para a realização de várias atividades, dentre elas cursos de formação e retiros, encontros religiosos, catecismo, reuniões paroquiais e outros eventos ligados à Igreja. Era para lá que Dom José sempre ia com os seminaristas passar férias e descaçar, às vezes, nos finais de semana. A presença de José Furtado era indispensável, pois realizava palestras e conversava individualmente com todos os seminaristas que o tinham como um exemplo de vida e dedicação ao que fazia.

Foi também nesse prédio que funcionou o CETRESO (Centro de Treinamento de Sobral), trazido por Dom João José da Mota na intenção de enriquecer cada vez mais a religiosidade em Meruoca. Preservar e conservar esse patrimônio representava o zelo e a dedicação que José Furtado tinha para com a congregação Mariana e a Pia União das Filhas de Maria, das quais ele fazia parte. Atualmente, está ocupado pelas instalações da UAB (Universidade Aberta do Brasil), polo Meruoca. A figura 26 mostra a fachada externa do antigo Patronato Dom José.

Figura 26 - Fachada externa do Patronato Dom José



Fonte: J.W.L.Soares, 2012

2.16 Dona Margarida, a irmã do padre José Furtado

Em virtude da morte de sua mãe, em 1968, dona Margarida, que era uma das irmãs de José Furtado, optou por sair de Viçosa e ir morar na Meruoca ao lado do irmão. Sua presença diante da comunidade de Meruoca foi bem aceita e logo começou a exercer funções ligadas à catequização e religiosidade dos meruoquenses. Era uma pessoa dedicada ao povo e aos afazeres da Igreja. Isso era uma das

Monsenhor José Furtado Cavalcanti

sua história de vida na história de Meruoca

boas virtudes de Margarida, pois gostava de fazer o bem, além de ser muito caridosa e compromissada (ver figuras a seguir).

Figura 27 - Dona Margarida



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Figura 28 - Dona Margarida e crianças de sua família



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Sua sabedoria fazia bem a todos, pois era a professora, a catequista, a amiga e a conselheira. A figura abaixo mostra Dona Margarida ao lado de José Furtado e familiares.

Figura 29 - Fátima, Monsenhor Furtado, Ursulita, Agesilau, Margarida e Irmã Diomar



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Dona Margarida era conhecedora na área da saúde e contribuía bastante com as consultas que José Furtado fazia diariamente. Era ela quem fazia a manipulação dos remédios caseiros. Para isso, possuía um caderno com várias anotações de receitas para serem usadas de acordo com as enfermidades de quem a procurava. Tais remédios eram um alento para aqueles que não dispunham de outros meios para sanar seus males.

Na época, os problemas mais comuns eram impigens na pele e na cabeça, vômito, diarreia, infecção no ouvido, febre, tumores na pele, nervosismo, “ferida braba” (Leishmaniose), dentre outros. Ela costumava escrever a solução em um papel e entregar para as pessoas fazerem em casa. Quando os pacientes não sabiam ler, ela mesma encarregava-se do preparo. As consultas que exigiam remédios industrializados eram realizadas por José Furtado, pois tinha em sua residência uma pequena farmácia que continha vários remédios recebidos em forma de doação.

2.17 A promoção de padre para monsenhor

Como forma de reconhecimento pelos bons serviços prestados à paróquia da Meruoca, no dia 07 de novembro de 1979 José Furtado foi promovido a Monsenhor. Isso não o deixou acima de ninguém, pois como disse: “o que eu queria na minha vida, graças a Deus, alcancei, que era ser padre. O que aparecer de agora em diante, é sobra!” De patente nova, agora sendo chamado de Monsenhor Furtado, suas atribuições só aumentaram, e isso parece que o fez bem, pois passou a trabalhar cada vez mais pelo seu povo. Caso alguém resolvesse perguntar sobre a intensidade de suas atividades e os trabalhos que estava desempenhando, a resposta era sempre a mesma: “Nós só podemos trabalhar enquanto estamos vivos!”

Cada vez mais preocupado com os meruoquenses, resolveu criar grupos comunitários, que segundo ele era uma forma de estabelecer comunicação com as pessoas a partir das especificidades com que a linguagem poderia contribuir para cada momento. Por exemplo, havia o grupo dos jovens, dos idosos, das senhoras, dos senhores e dos casais. Jovens falavam para jovens; idosos para idosos; mulheres para mulheres; homens para homens; casais para casais. Pelo menos uma vez ao mês juntava todos os grupos na igreja ou no salão paroquial para fazer a culminância de tudo aquilo que havia sido conversado no período. Os temas discutidos nas reuniões eram escolhidos por ele, pois fazia o acompanhamento de perto.

Nessa época, o padre Albani contribuiu muito com essas atividades, pois havia chegado à Meruoca para ajudar Monsenhor José Furtado exatamente nas atividades comunitárias. Havia pelo menos dois ou três encontros mensais dos grupos com a presença deste padre. Geralmente acontecia na casa paroquial. Essas contribuições foram importantes para o desenvolvimento de Meruoca.

2.18 O patrimônio da paróquia de Meruoca

A preocupação com a carência habitacional dos meruoquenses, assim como de prover as comunidades mais distantes com capelas onde pudessem ser celebrados os rituais da Igreja, estimularam José Furtado a seguir com a prática de doação de terrenos da Diocese. Contudo, isso despertava a ira de alguns produtores e latifundiários locais, que apesar de ocuparem irregularmente amplas extensões de terras, que em muitos casos não possuíam documentações emitidas pela paróquia, mostravam-se resistentes perante as ações da Diocese.

Os conflitos eram constantes, e apesar das tentativas de apaziguar os ânimos, o padre passou a ser mal visto por estes proprietários ilegais. Contudo, o restante

da comunidade local seguia em apoio ao padre. Isso nos faz reportar o que disse Pedro Pinto (2005): “Eu trabalhei juntamente com o Monsenhor Furtado durante 33 anos, só não fiz apanhar! Ainda bem que o monsenhor contava com a ajuda de muita gente que queria ajudá-lo, mas também tinha alguns que queriam somente atrapalhar e perturbar [...]” (depoimento concedido a Francisco Edson L.S., em 25 de maio do ano 2005).

2.19 O primeiro centenário da paróquia de Meruoca

O ano de 1980 foi marcado pela celebração do primeiro centenário da paróquia de Meruoca. Nesse período, Monsenhor Furtado continuava trabalhando muito, mas já demonstrava o cansaço dos anos intensos de atividades junto à população. Não era mais aquele homem de múltiplas funções, pois já estava demonstrando certas desorganizações em seu cotidiano, mas a preocupação com o povo continuava bastante visível.

No final da década de 80, seu médico particular sugeriu que seria necessário ele ter repouso pelo menos por uma semana a cada mês. O médico orientou que, de preferência, fosse fora da Meruoca, pois se ficasse não teria o descanso necessário. O cansaço era visível, e isso o levou a concordar e aceitar o que o médico havia sugerido. Então passou a fazer viagens para Fortaleza, onde ficava na casa de amigos e familiares. Às vezes ia para Parnaíba ou Teresina, onde fazia uma rápida visita à praia de Luiz Corrêa. Não gostava muito de tomar banho de mar, mas adorava sentar numa cadeira preguiçosa e ficar olhando para o horizonte apreciando a paisagem litorânea que lhe causava admiração. Passava horas observando o movimento das ondas e o passeio das gaivotas sobre as águas do mar.

Quando algo da natureza lhe causava admiração, era comum vê-lo pronunciar a seguinte frase: “Deus, todo poderoso, dai-me sabedoria e discernimento para compreender-te! Como és tão grande, tão perfeito, tão onipotente!”. Costumava dar uma rápida passada também em Viçosa, mas sem demoras, pois a saudade e a lembrança de sua mãe não permitiam que relaxasse como gostaria. Em cada viagem, a constante companhia de Tereza Martins e Pedro Pinto era quase certa. Era dona Tereza quem preparava as refeições e a dosagem dos remédios para ele. Apesar de agradáveis, as viagens pareciam protocolares, pois as encarava como obrigação, porém, o que queria mesmo era estar na Meruoca ao lado de seu povo, pois era onde se sentia bem.

2.20 A última década de vida

Nos anos de 1990, Monsenhor Furtado resolveu não se entregar aos problemas de saúde e disse: “vamos pra frente, a luta continua, não posso deixar Meruoca na solidão. Ela é mais forte que meus problemas.” Nesse período, contou com a ajuda da irmã Diomar, irmã Francisca e irmã Marli, que foram umas incansáveis batalhadoras pelos trabalhos da paróquia de Meruoca. Monsenhor não falava em desistir da paróquia e muito menos entregar as atividades a um sucessor. O seu pensamento era ainda trabalhar em prol da Meruoca, é tanto que algumas pessoas ligadas à Diocese de Sobral chegavam até a aconselhá-lo a afastar-se, pois estava apresentando sinais de cansaço físico e mental para desenvolver tais atividades.

A partir de 1994, a saúde de Monsenhor Furtado começou definitivamente a dar sinais mais visíveis de comprometimento. Em alguns momentos falava para as pessoas que conviviam com ele que já estava chegando sua hora de partir. Seria necessário entregar a paróquia, mas não queria sair de Meruoca. Dizia o seguinte: “Quando eu morrer, se possível for, quero ser enterrado em qualquer lugar da Meruoca, não importa onde seja [...], pois foi aqui que escolhi para viver e é aqui que quero morar eternamente”.

Dona Margarida, que foi sua companheira de lutas desde a morte de sua mãe, encontrava-se internada já há algum tempo em Sobral, vindo a falecer no dia 09 de setembro de 1994. O novo luto chegou para minar ainda mais as forças do velho sacerdote, que devido à saúde fragilizada não teve condições de comparecer ao sepultamento da irmã, em sua terra natal, Viçosa do Ceará, ao lado de seus pais no cemitério municipal.

Nessa época, José Furtado ainda continuava fazendo algumas reformas na igreja matriz de Meruoca. Restaurou o teto, as portas, as pinturas e o altar. Fez algumas mudanças na parte interna e instalou novo sistema de iluminação. O sistema de som também foi restaurado e instaladas novas caixas de som, além da iluminação do altar, que recebeu novas lâmpadas. Orgulhava-se em ver a igreja limpa e bem organizada, pois segundo ele seria lá que moraria eternamente. Nesse tempo já alimentava a ideia de ser sepultado dentro da matriz. Dizia a seguinte frase: “Quando eu morrer, quero que Meruoca me receba de braços abertos, com muita alegria e felicidade. Nada de tristeza nem choro, pois vou morar eternamente aqui, bem perto de todos”.

Em 04 de dezembro de 1994, em pleno período de festejo da padroeira de Meruoca, foi celebrado o aniversário de Ordenação Sacerdotal de monsenhor José Furtado. Houve missa solene para celebrar esse momento que, na ocasião, con-

tou com a presença de vários padres da região, inclusive o bispo diocesano Dom Valfrido. Foi um período em que sua saúde se encontrava muito debilitada, mas a felicidade estava sempre estampada no seu tímido sorriso.

Os padres das paróquias vizinhas, vendo que Monsenhor José Furtado não estava mais conseguindo desempenhar todas as suas atribuições, resolveram dar apoio e participar mais de seu cotidiano, inclusive nos afazeres da paróquia, especialmente na ordem distrital das capelas. Diante disso, vendo que não tinha mais condições suficientes para dar continuidade às atividades da paróquia de Meruoca, no início de 1996 resolveu pedir ao bispo, Dom Valfrido, um período de licença. Na oportunidade, sabendo de suas limitações e consciente do que estava para acontecer, pediu também ao bispo licença para que quando morresse seu sepultamento fosse feito dentro da igreja matriz da Meruoca, o que foi de imediato atendido.

Um dos dias mais tristes de sua vida foi, sem dúvidas, aquele em que se viu obrigado a entregar a paróquia de Meruoca. Isso ocorreu em 30 de março de 1996, ano em que completaria seus 80 anos de idade. Após entregar a paróquia, José Furtado retirou-se para sua nova residência juntamente com Fátima Custódio e Dona Tereza Martins. Era para onde seus amigos e admiradores dirigiam-se quando queriam visitá-lo. Daí em diante, sua vida não foi mais a mesma, pois estava muito debilitado fisicamente. Pouco caminhava dentro de casa e dormia muito. Gostava de sentar em sua cadeira de balanço, que ficava na sala, ou então na cadeira que ficava de frente para a janela do quintal, pois era lá que pedia para ficar admirando seus pássaros, que ao avistá-lo não paravam de cantar. Como disse Fátima Custódio (2019):

Era algo inacreditável, eu não entendia o porquê, parecia algo planejado ou ensinado. Aquilo nos causava admiração e alegria, pois ele passava horas observando e sorrindo de felicidade. Para ele era uma demonstração de gratidão por tudo de bom que fez em sua vida! Quando ele sentava na cadeira para olhar os pássaros dentro do viveiro, esses pareciam conversar com ele. É tanto que no dia de seu falecimento eles não cantaram, ficaram o tempo todo em silêncio, como se soubessem o que estava acontecendo. Todos nós que convívamos com ele ficamos nos perguntando o porquê daquilo, pois foi inacreditável o que aconteceu nesse dia. Foi realmente inexplicável! (Relatos de Fátima Custódio, 2019).

Antes do falecimento de Monsenhor José Furtado, era comum vê-lo sempre de olhos fechados, parecia que estava dormindo, mas sempre atento ao que estava ao seu redor. Pedia proteção, não gostava de ficar só, tinha medo da morte, pois

acreditava que ela estava cada vez mais próxima. Sentia fortes dores e cansaços, mas não queria deixar que soubessem pelo que estava passando. Como explicou Fátima Custódio: “[...] às vezes ele ficava se fazendo de duro, mas por dentro estava sendo mal tratado pelas fortes dores abdominais que o fazia reclamar e chorava desoladamente[...]”. Não queria estar só no momento de sua eventual morte. Monsenhor Furtado era bem sincero no que falava e tinha total consciência de que estava próximo de seu fim. Seus últimos dias de vida na sua nova residência foram muito sacrificantes, pois não esquecia da antiga casa e nem de sua irmã, Margarida. Passava o tempo todo chamando por ela.

Sempre dizia que não queria morrer, mas se isso viesse a acontecer que fosse na sua residência, ao lado das pessoas que sempre conviveram com ele, e de preferência que fosse perto do povo da Meruoca, pois sabia que seu estado de saúde não o permitiria resistir por muito tempo. Por algumas vezes chegou a pedir para que não o levassem para o hospital, pois sabia que se fosse não voltaria com vida. Dizia o seguinte: “Não me leve para o hospital, deixe-me morrer aqui mesmo. É aqui que me sinto bem!”

Quando alguém perguntava para ele se estava sentindo alguma coisa, sempre respondia: “Não, não estou! Não estou e estou! Estou pensando que trabalhei 50 anos nesta paróquia e quando eu morrer parece que nada fiz”. O certo é que suas palavras foram fortes, mas será eternamente lembrado pelos meruoquenses. Dizia também que sua maior tristeza era saber que ainda existia muita gente precisando dele e não estava podendo ajudar. Por várias vezes era visto chorando e dizendo: “Não quero morrer, meu Deus, me deixe cuidar mais do meu povo, eles precisam de mim!”

2.21 Últimos dias de vida de Monsenhor Furtado

Chegamos a 1998, ano que ficou marcado para sempre na memória dos meruoquenses que conheceram de perto a rotina e o cotidiano daquele que se tornou o ícone da religiosidade, do desenvolvimento e do progresso de Meruoca até então. Nesse ano, Monsenhor Furtado completaria 82 anos. As crises asmáticas seguidas dos constantes problemas de garganta estavam impossibilitando que ele ingerisse alimentação por via oral, além do início de um quadro pneumático que só aumentava com o passar do tempo. Em fevereiro de 1998, após uma forte crise de rinite e sinusite, foi necessário levá-lo com urgência para ser internado na Santa Casa de Misericórdia de Sobral. Além de estar sofrendo muito com dores intestinais e sangramentos. Ao sair de casa, mesmo sem querer, falou com muita dificuldade a seguinte frase: “Não deixem a Meruoca desamparada, ela precisa

ser cuidada e amada. Cuidem também de mim e das coisas que estou deixando. Obrigado, Deus, por tudo!”. A figura abaixo mostra Monsenhor José Furtado dias antes de ir pela última vez ao hospital.

Figura 30 - Fátima Custódio, Mons. Furtado e Maria da Paz



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Depois de alguns dias hospitalizado Monsenhor José Furtado não estava mais conseguindo falar, apenas gesticulava. Se esforçava para dizer alguma coisa, mas seu corpo estava muito debilitado. Não comia mais, era alimentado apenas com soro e às vezes um pouco d'água, mas nem sempre isso era bom, pois engasgava e ficava com falta de ar. Segundo o relato de Pedro Pinto, em 2005, ao fazer uma visita ao padre na Santa Casa de Sobral, deparou-se com o médico responsável pelo acompanhamento de José Furtado. Era o Dr. Abdias, que logo disse: “O monsenhor está sofrendo muito, seu quadro é quase irreversível!” “Fomos até o quarto onde estava internado e ao ouvir minha voz, ele respondeu com a voz cansada, quase inaudível, a seguinte frase”: “Pedro, estou oferecendo a Deus este meu sofrimento pela felicidade do povo de Meruoca e pelo clero de Sobral”.

Estas foram as últimas palavras pronunciadas por Monsenhor Furtado, pois dois dias depois entrou em estado de coma, permanecendo por 10 dias sem mo-

ver-se ou abrir os olhos. Até que no dia 11 de março de 1998, por volta das 8h da manhã, Monsenhor partiu dessa vida para a eternidade, concluindo, portanto, sua trajetória. Segundo os médicos, a causa de sua morte foi diverticulite⁴. Seu corpo foi levado para ser velado em Alcântaras durante o dia, pois tinha também uma forte ligação com o povo desse lugar. Durante a noite, foi levado para a Meruoca, onde foi celebrada uma missa de corpo presente que contou com a presença do Bispo Dom Valfrido e de Dom Aldo de Cillo Pagotto, além de vários padres que também foram prestar as últimas homenagens àquele que serviu de exemplo para muitos deles. Em seguida, houve o sepultado no lugar que ele mesmo havia escolhido para o repouso eterno. Hoje, quem entra na igreja matriz de Meruoca, na parte lateral esquerda, pode prestar homenagens àquele que é um dos mais importantes nomes da história local (ver figura abaixo).

Figura 31 - Túmulo onde está sepultado Monsenhor Furtado



Fonte: J.W.L.Soares, 2019

2.22 Rodovia estadual CE 440 – 240

Entre as inúmeras homenagens após a morte de Monsenhor Furtado, seu nome foi conferido à rodovia que liga os municípios de Sobral e Meruoca, através da Lei nº 14.167 de 15 de julho de 2008, assinado pelo então governador, Cid Ferreira Gomes. A partir de então, a estrada passou a ser chamada oficialmente de

⁴ Diverticulite é uma inflamação caracterizada principalmente por bolsas e quistos pequenos e salientes da parede interna do intestino (divertículos) que ficam inflamados ou infectados.

RODOVIA ESTADUAL MONSENHOR JOSÉ FURTADO CAVALCANTI⁵ (ver figura a seguir).

Figura 32 - Lei que definiu o nome da Rodovia que liga Sobral a Meruoca



Fonte:: Diário Oficial do estado, 2008

2.23 A elevação de Meruoca à categoria de Município

Referir-se à Meruoca é compreendê-la como Serra, Município e Cidade, pois a serra da Meruoca é uma unidade geoambiental de grande importância para o contexto semiárido da região Norte-noroeste do Ceará. Sua situação geográfica associada à altitude e às formas de seu relevo proporcionam aspectos que as tornam diferente das áreas de seu entorno, principalmente no que se refere aos aspectos pluviométricos (chuvas), ao clima ameno de serra (quente-úmido) e à vegetação, que é o grande diferencial. Seus solos apresentam-se com espessuras profundas e os rios possuem características semi-perenizadas de aspectos intermitentes (rios temporários). Além disso, ela é um ambiente propício para a vida selvagem.

Suas temperaturas variam de acordo com a altitude do relevo, porém, onde há concentração humana, as paisagens tendem a apresentar características morfologicamente degradadas e, em alguns casos, dissecadas. Do ponto de vista geomorfológico, trata-se de um planalto residual onde as paisagens relacionam-se com as

⁵ Ver diário oficial do Ceará de 18 de Julho de 2008.

dinâmicas geoambientais da depressão sertaneja, específicas do bioma Caatinga. Sua biodiversidade é extraordinariamente inconfundível em relação às áreas de seu entorno, com destaque para os ipês, os palmeirais, as bromélias, as maçaran-dubas, o sabiazal e os bambuzais, além das inúmeras quedas d'água (cachoeiras-cascatas) que escorrem temporariamente pelos rios que nascem nas quebradas da serra. Há que se mencionar também inúmeras estruturas rochosas e cachoeiras que dão formas e significados aos lugares, como por exemplo: o Morro do Caiado, em Santo Elias, a Pedra do Bocão, na área urbana da Meruoca, cachoeira Veu de Noiva (São Bento/Pintos), a Pedra do Frade, em Santo Antonio dos Fernandes, cachoeira do Quebra (Sítio Quebra), a Pedra do Bento, em Anil, e cachoeira Buraco da Velha (Sítio Lages) dentre outras (ver figuras).

Figura 33 - Morro do Caiado - Santo Elias

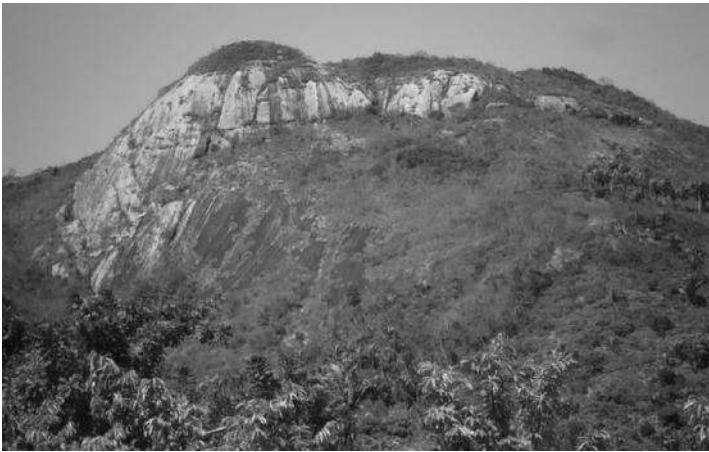


Figura 34 - Pedra do Bocão - área urbana da Meruoca



Figura 35 - Cachoeira Vêu de Noiva - Sítio Pintos - São Bento



Figura 36 - Pedra do Frade - Santo Antonio dos Fernandes



Figura 37 - Cachoeira do Quebra - Sítio Quebra - Meruoca



Figura 38 - Pedra do Bento, em Anil



Figura 39 - Cachoeira Buraco da Velha - Sítio Sobradinho/Lages



Fonte: J.W.L.Soares, 2018

Diante disso, o município da Meruoca passa a ser compreendido como uma das áreas politicamente delimitada que se localiza no ambiente serrano da Meruoca, juntamente com os municípios de Alcântaras (na parte elevada), Sobral e Massapê (no pé-da-serra). O município de Meruoca é um território onde há uma relação de poder e peculiaridades distintas, que se localiza nas imediações de Sobral, com quem mantém relações históricas e econômicas de forma aparentemente inevitáveis. Por isso, dizemos que não há Meruoca sem Sobral, nem Sobral sem Meruoca, ambos se completam. Sobral possui os melhores serviços e equipamentos, por exemplo: educacionais, saúde e comércios, sendo para onde os meruoquenses costumam dirigir-se durante a semana. Enquanto isso, Meruoca oferece os atrativos naturais, lugares de descanso, lazer e o clima ameno que se configura como atrativo juntamente com os banhos de cachoeiras, a gastronomia e culinária oferecida nos restaurantes e churrascarias espalhados por todo o mu-

nício. Como disse Soares (2012), é para onde boa parte dos sobralenses costuma direcionar-se, especialmente nos finais de semana e feriados.

Antes de Meruoca ser definitivamente elevada à categoria de município, outras denominações fizeram parte de seu contexto, por exemplo: “Serra dos Reíús”, “Beruoca”, “Serras das Moscas (meruanhas)”, “Serra das Águas”, “Serra das Cachoeiras”, “Serra dos Palmeirais”, “Povoado São José”, “Freguesia de Nossa Senhora da Conceição”, “Distrito de Paz”, “Floresta dos Babaçuzais”, “Freguesia de Meruoca”, “Distrito de Sobral”, “Vila de Sobral” e, por fim, Meruoca que tem seu significado atribuído as moscas (meruanhas) que deu origem ao termo “MERU” e as Ocas (casas dos índios) que originou o termo “OCA”.

Algumas dessas definições foram atribuídas seguidas de leis próprias, enquanto outras eram apenas definições criadas pelos próprios meruoquenses. No caso da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, esta existiu em torno de 1833, mas só foi reconhecida em 1879 através da lei nº 1.799, sendo que esta mesma lei também resultou na criação do Distrito de Paz, que ocorreu em 10 de janeiro do mesmo ano. Posteriormente, passou a ser chamada de Distrito de Sobral. Essa última definição significava aceitar a existência de um núcleo urbano próprio. Isso é confirmado por Araújo (1979), quando disse que Meruoca foi alçada na sua hierarquia religiosa antes de adquirir autonomia política, pois “aprovado o projeto da Assembleia, foi enviado ao Presidente da Província, o sobralense Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, que sancionou a Lei Provincial nº. 1.799 de 10 de janeiro de 1879, o que criou a freguesia da Meruoca” (ARAÚJO, 1979, p. 95).

Depois disso, foi elevada à categoria de Vila no dia 13 de Novembro de 1885, através da Lei 2.090, pela qual passou a ser chamada, na ocasião, de Vila de Sobral. E somente com a sua emancipação política, que ocorreu através da Lei n. 1.153 de 22 de novembro de 1951, assinada por Raul Barbosa, governador do Ceará na época, sua autonomia política e administrativa foi reconhecida definitivamente, possibilitando assim a criação de um mandato governamental próprio. Ressalta-se que o primeiro mandato de prefeito e os integrantes da Câmara de Vereadores só ocorreu em 1954. Na ocasião, por intermédio do Padre José Furtado, foi necessário fazer acordos entre Alcântaras e Meruoca, pois o contingente populacional da Meruoca não era suficiente para tal finalidade. Foi então que José Furtado conseguiu reunir lideranças dos dois lugares e definiu as atribuições que cada um deveria seguir e assumir. Nessa época, não havia vice-prefeito, e caso o prefeito necessitasse passar dias fora do município, quem assumia o governo municipal era o vereador que tivesse sido mais bem votado na eleição.

A primeira prefeitura e a câmara de vereadores funcionaram numa residência ao lado da casa onde hoje reside a Sra. Gorete Sampaio, especificamente no lado direito da residência. Depois de algum tempo, a prefeitura foi transferida para a casa que fica bem em frente ao comércio do Sr. Inácio (*in memorian*). Tempos depois, foi transferida para o outro lado da rua, exatamente onde hoje é o comércio da família do Sr. Inácio, mudou apenas de lado. Anos se passaram e novamente foi transferida de lugar, dessa vez para uma casa que fica vizinha ao atual beco da cultura, no exato lugar onde funcionou o antigo posto da Coelce. Depois disso, foi transferida para o prédio onde funcionou a antiga Teleceará, o prédio que atualmente encontra-se ocupado pelo Conselho Tutelar. Mas foi por volta de 1968 que o Sr. José Davi, então prefeito da época, construiu um prédio próprio. Tal prédio era aquele onde funcionou até bem pouco tempo o Banco do Brasil. Atualmente, a Prefeitura funciona no bairro da Caucaia, na Avenida Pedro Sampaio, exatamente nas proximidades da área onde existiu o extinto “apiário”. Havia também nessa área um chafariz e um poço profundo que servia para as necessidades básicas das famílias que lá viviam. E a Câmara de vereadores, que sempre esteve ao lado da prefeitura, hoje funciona ao lado do Complexo Multiuso de Meruoca.

O município de Meruoca tem suas particularidades, porém, uma delas diz respeito aos nomes da maioria de suas localidades, pois possuem denominações de santos da Igreja Católica, o que se deve ao processo de ocupação territorial que sempre esteve ligado à religiosidade. A intenção era associar as características dos lugares e dos meruoquenses às práticas desenvolvidas pela Igreja. Por mais que isso não deixe transparecer, mas foi uma maneira encontrada de impor e agregar valores católicos aos povos da Meruoca, além de delimitar áreas de influências do catolicismo.

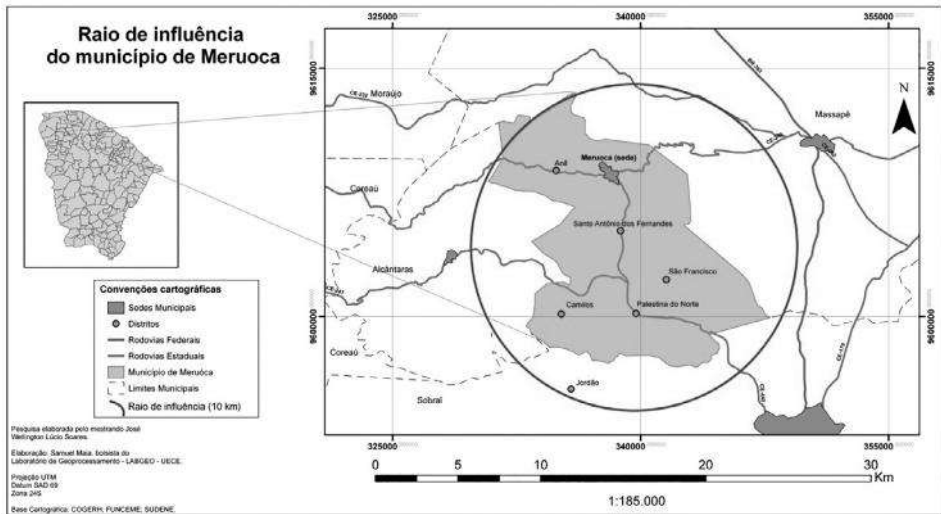
As localidades são: Santo Antônio dos Melos, Santo Antônio dos Fernandes, Santo Elias, Sítio Anjo, Santa Úrsula de Cima e Santa Úrsula de Baixo, São João das Almas, Santa Cruz, Bom Jesus, São Daniel, São Francisco, Santo Antonio dos Camilos, São Gonçalo, São Vicente, São Rafael, São Bento, Santa Clara, Santa Rosa, São Pedro e Santo Inácio.

Com o passar do tempo, devido à diminuição das ações desenvolvidas pela Igreja, outras denominações passaram a ser atribuídas às novas localidades que iam surgindo, por exemplo: Olho d’água, Nova Floresta, Mata Fresca, Anil, Serra Verde, Cajueiro, Boa Vista, Bela Vista, Baixa Grande, Cachoeira, Mato Grosso, Olho d’água das Pombas, Cipó, Lagoinha, Palmeiras, Pintos, Sítio do Meio, Barra, Alegre, Saco dos Passarinhos, Recife, Sítio Monte e Palestina.

Além disso, diversas passaram a ter denominações referenciando mitos e lendas locais, por exemplo: Caiana, Caranguejo, Coité, Buraco da Gia, Saco dos Lopes, Sítio Almas, Manutença, Pedra Furada, Baixa Grande, Sítio Quebra, Lages, Sobradinho, Frecheiras da Boa Vista, Frecheiras do Bom Jesus, São João de Cima, Almas e Furnões, dentre outras.

Atualmente, o Município de Meruoca está dividido em seis distritos, sendo eles: Palestina do Norte, São Francisco, Anil, Santo Antônio dos Camilos, Santo Antônio dos Fernandes e a sede, cada um com especificidades, valores e características próprias. O mapa abaixo mostra as limitações e área de abrangência municipal com seus respectivos distritos (ver mapa).

Figura 40 - Mapa do Município de Meruoca



Fonte: Soares, 2012

Palestina do Norte

Palestina foi elevada à categoria de distrito de Meruoca através da lei nº 7.167, de 14 de janeiro de 1964, sancionada pelo então governador Virgílio Távora, abrangendo assim as localidades de Mata Fresca, Floresta, São Pedro, São Gonçalo, Santa Maria e Saco dos Lopes.

São Francisco

São Francisco foi elevado à categoria de distrito através da Lei nº 7.158 de 13 de janeiro de 1964, sancionada pelo então governador do estado do Ceará Virgílio

Távora. Fazem parte de seu território as localidades de Santo Elias, Santo Antônio dos Melos, Juazeiro, Santa Úrsula, Croatá, Cajueiro, Santo Inácio e Olho D'água.

Santo Antônio dos Camilos

Camilos, como é conhecido, foi elevado à categoria de distrito através da Lei Estadual nº 7.159 de 14 de janeiro de 1964, sancionada pelo então governador Virgílio Távora. Com isso, passou a abranger as localidades do Sítio Amparo, Forquilha, Saco do Armador, São Miguel, São Cipriano, Manutença, Estivas, Recife e São João das Almas.

Santo Antônio dos Fernandes

Foi elevado à categoria de distrito em 1964, através da lei estadual nº 7168, de 14 de janeiro, também sancionada pelo então governador Virgílio Távora, abrangendo as localidades de Almas, Água Branca, Sítio do Meio e Sítio Boa Vista. Na atual configuração de Meruoca, este distrito é o menor em distribuição socioespacial.

Anil

Anil foi elevado à categoria de distrito no ano 2005, através da Lei municipal nº 629 de 08 de novembro de 2005, assinada pelo prefeito João Coutinho de Aguiar Neto, passando a abranger as localidades de São Vicente, Gameleira, Mato Grosso, São Rafael, Baixa Grande, Coité, Poções, Pau D'arco e Alto Alegre.

Sede

A Cidade de Meruoca também é considerada distrito, sendo este o distrito sede, entretanto, com características distintas dos demais, tanto nas questões estruturais, quanto na sua organização espacial. Assim, ao se referir à cidade de Meruoca estaremos tratando da área urbana, e não do município, por exemplo, podemos demonstrá-la através de uma fotografia, pois possui área bem menor, como pode ser visto na figura a seguir.

Figura 41 - Área urbana da Meruoca



Fonte: J.W.L. Soares, 2018

Soares (2012) explicou que “Meruoca é uma típica cidade de pequeno porte que está localizada no município da Meruoca, nas áreas elevadas da Serra da Meruoca”. É um lugar rodeado por montanhas, sendo assim propícia a ocorrência de inundações proporcionadas pelas cheias do riacho Itacaranha, como a que ocorreu no ano de 1974 (ver figura baixo).

Figura 42 - Centro da cidade inundado pelas cheias ocorridas no riacho Itacaranha em 1974



Fonte: F.E.L. Soares, 2019.

As figuras a seguir mostram alguns aspectos da cidade de Meruoca na década de 1980, possibilitando-nos compará-las com o atual cenário de sua área urbana, sendo possível redefinir os recortes espaciais com percepções e ângulos aproximados. Neste caso, as delimitações mostram-nos que o lugar foi transformado

pelos sujeitos através de suas materialidades, sobretudo nas construções arquitetônicas e no vernáculo das paisagens (ver figuras).

Figura 43 - Av. Luiza Távora- Meruoca (1983)



Fonte: IBGE/cidades – 1983

Figura 44 - Avenida John Sanford no ano 2019



Fonte: J.W.L. Soares, 2019

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca

Figura 45 - Rua Mons. Furtado no ano de 1983



Fonte: IBGE/cidades – 1983

Figura 46 - Rua Mons. Furtado no ano de 2019



Fonte: J.W.L. Soares, 2018

Figura 47 - Praça da Santa no ano de 1983



Fonte: IBGE/cidades – 1983

Figura 48 - Praça da Santa no ano 2019



Fonte: J.W.L. Soares, 2018

2.24 Alcântaras: o outro fascínio de Monsenhor Furtado

Alcântaras é um dos municípios cearenses que compõem a serra da Meruoca, localizado na mesorregião Noroeste do estado do Ceará. Dispõe de uma extensão territorial próxima dos 138,598 km², com altitudes médias que podem variar entre 660m a 700m acima do nível do mar. Seu clima predominante é o tropical de altitude, que varia de acordo com as estações seca e chuvosa que ocorrem no ambiente serrano. Sua população em 2010, segundo o IBGE, era de 10.771 habitantes, entretanto, estima-se que em 2020 possa chegar próxima dos 15.000 habitantes.

Seu território limita-se com Sobral, Moraújo, Coreaú e Meruoca, com quem possui laços históricos marcados principalmente pela presença de Monsenhor José Furtado. O acesso a este município pode ser feito através da CE-364 (Alcântaras - Coreaú), ou pela CE- 241 (Meruoca - Alcântaras), a partir da CE-440 (Sobral -Meruoca).

A origem do termo Alcântaras diz respeito à família Alcântara, porém, sua história é marcada pela trajetória de povos indígenas que viveram na região serrana até o início do século XX, como os Rerius, Irarius e os Ararius (DIOGO, 2016). Inicialmente, foi chamado de Sítio São José, no entanto, seu primeiro donatário foi o português José de Araújo Costa, que provavelmente migrou de Pernambuco para o Ceará, juntamente com sua esposa, Brites de Vasconcelos, filha do Capitão-Mor Manoel Vaz Carrasco e Madalena de Sá (irmã do Coronel de Sá Barroso).

De acordo com Araújo (1979) e Diogo (2016), os primeiros brancos chegaram à região por volta de 1757, cerca de 33 anos após o Coronel de Sá Barroso e dona Cosma Ribeiro de Sá terem chegado à Serra da Meruoca, o que ocorreu por volta de 1724.

Posteriormente, o então Sítio São José passou a ser chamado de Sítio São José dos Alcântaras, fazendo referência à família Alcântaras que há tempos residia na região. Após a definição de Sítio São José dos Alcântaras, passou a ser chamada apenas por Alcântaras, nome que o acompanha até hoje. Portanto, o termo Alcântaras, segundo Diogo (2016), se deve ao número de pessoas com sobrenome Alacântara que residiam na região. Atualmente, o município está dividido em seis localidades: sede do município (Alcântaras), Ventura, Carmolândia, Santa Bárbara, Rosápolis e Silva, além de algumas pequenas localidades.

Seu relevo corresponde aos “stocks” Graníticos da Serra da Meruoca, porém, seu solo é podzólico vermelho-amarelo. Sua vegetação caracteriza-se pela presença de florestas subcaducifólias e mata seca, além de aspectos florestais subperenifólias, que se encontram dispersas por toda a Serra da Meruoca, com destaque para as áreas de mata plúvio-nebular (SOUZA, 1988).

Assim como Meruoca, Alcântaras também é uma cidade de pequeno porte que dispõe de postos de saúde, hospital, mercantis, comércios varejistas, escolas (municipais e estadual), praças de lazer, igrejas e capelas, espaços para práticas de esportes, bibliotecas, dentre outros. Seus eventos culturais de maior expressão estão relacionados à tradicional festa da padroeira (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), que é realizada no mês de outubro, e ao Festival Junino de Quadrilhas, que é realizado entre os meses de junho e julho. A base de sua economia está relacionada à agricultura através do cultivo de caju, milho, feijão e plantio de mandioca, além de algodão e café, mas em pequena escala. Na pecuária, trabalha com o cultivo bovinos, suínos e avícolas.

Monsenhor José Furtado, enquanto pároco de Meruoca e Alcântaras, que na época não tinha igreja, e sim uma capela, não se limitou apenas à área urbana, pois direcionou suas ações também para as localidades de Ventura, Rosápolis, Prata e até para a região do Boqueirão, nas proximidades da Sobral. Não foi por acaso que, segundo Diogo (2016, p. 292), Monsenhor Furtado “[...] no dia 14 de outubro de 1948 fundou a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da capela de Alcântaras”. Isso explica o carinho, respeito, dedicação e afeto que tinha pelos alcantarenses. Não obstante, suas obras e serviços foram de imediato reconhecidos ao ponto de receber o título de honorífico cidadão alcantarensense no dia 02 de dezembro do ano de 1969 (DIOGO, 2016).

Monsenhor Furtado, além de ter sido padre, era também um exímio homem preocupado com a vida do próximo. Em sua trajetória na região de Alcântaras, conseguiu realizar a construção de pequenas barragens e açudes, assim como fez em Meruoca. Havia com ele certa preocupação sobre a saúde, educação e os trabalhos das pessoas, é tanto que costumava reunir a população em forma de mutirões comunitários para realizar plantios de árvores frutíferas, feijão, milho e mandioca, para que na época da colheita todos pudessem ter o que comer. Nas áreas onde havia terrenos úmidos, especialmente nas proximidades de rios, costumava incentivar para que fizessem plantios de cana de açúcar. A ideia era produzir mel e rapadura, pois serviriam tanto para a comercialização, quanto para o consumo das próprias famílias. Incentivava também a construção de casas, cacimbas e cacimbões. Foi ele quem iniciou a construção das estradas que liga Alcântaras ao Sítio Maia, Ventura e a localidade do Boqueirão, passando pelo Sítio Santa Rosa, bem como a que liga Alcântaras à Meruoca através do Sítio Norte e Baixa Grande.

Assim como na Meruoca, os alcantarenses tinham Monsenhor Jose Furtado como pastor, amigo e homem de respeito e coragem. A notícia de sua morte, em 1998, fez com que os alcantarenses lamentassem profundamente a perda daquele que havia sido um dos grandes benfeitores em toda a região serrana. A notícia chegou como algo inacreditável, pois não se admitia saber que aquele homem de palavras duras e sinceras, semblante forte, de caráter simples e responsável havia falecido. Os alcantarenses choravam sua perda.

Monsenhor José Furtado havia escolhido Alcântaras para ser sua segunda casa, pois tinha grande afinidade com aquele lugar onde, segundo ele: “Fiz boas amizades, tenho enorme carinho pelo povo de lá. Não é à toa que me sinto em casa quando estou lá! Se não morasse em Meruoca, seria Alcântaras o lugar escolhido!” Tinha os alcantarenses também como filhos, irmãos e amigos. Não era por acaso que costumava pronunciar a seguinte frase: “Tenho duas irmãs de pai e mãe, e um outro apenas de mãe, mas em compensação, tenho inúmeros irmãos e irmãs de coração e afinidades. A intenção dele era mesmo ajudar e servir ao povo.

2.25 Batizados e Casamentos realizados por Monsenhor Furtado entre 1948 a 1996.

Ano - Batizados	Ano - Casamentos
1948 944	1948 157
1949 1038	1949 171
1950 1009	1950 160
1951 1099	1951 133
1952 1032	1952 145
1953 1060	1953 134
1954 1117	1954 143
1955 992	1955 157
1956 1101	1956 211
1957 1127	1957 164
1958 1184	1958 91
1959 857	1959 68
1960 881	1960 123
1961 885	1961 89
1962 939	1962 173
1963 967	1963 183
1964 1029	1964 146
1965 962	1965 107
1966 970	1966 122
1967 1028	1967 114
1968 947	1968 97
1969 906	1969 96
1970 873	1970 114
1971 768	1971 145
1972 932	1972 155
1973 903	1973 196
1974 841	1974 143
1975 880	1975 148
1976 802	1976 142
1977 752	1977 143
1978 745	1978 154
1979 820	1979 160
1980 705	1980 144
1981 626	1981 151
1982 625	1982 145
1983 695	1983 137
1984 630	1984 151
1985 647	1985 145
1986 645	1986 154
1987 647	1987 134
1988 579	1988 137
1989 598	1989 104
1990 571	1990 147
1991 552	1991 133
1992 538	1992 125
1993 584	1993 117
1994 568	1994 156
1995 590	1995 127
1996 101	1996 24

3. Monsenhor Furtado: história em fotografias e depoimentos



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



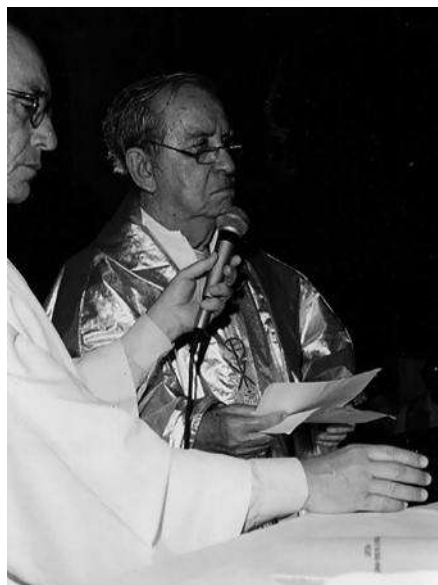
Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular

Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

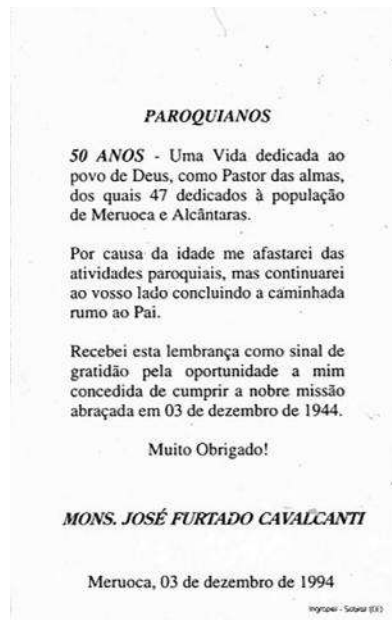
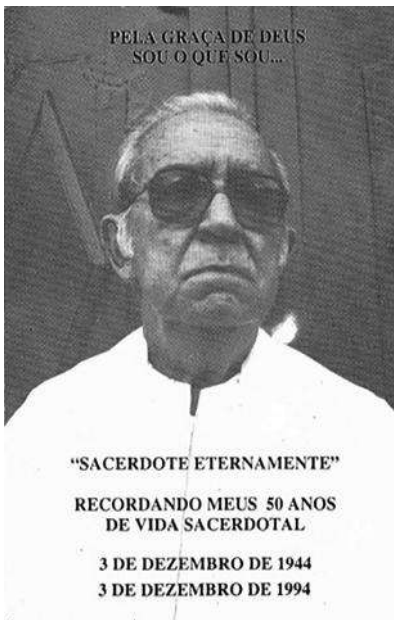
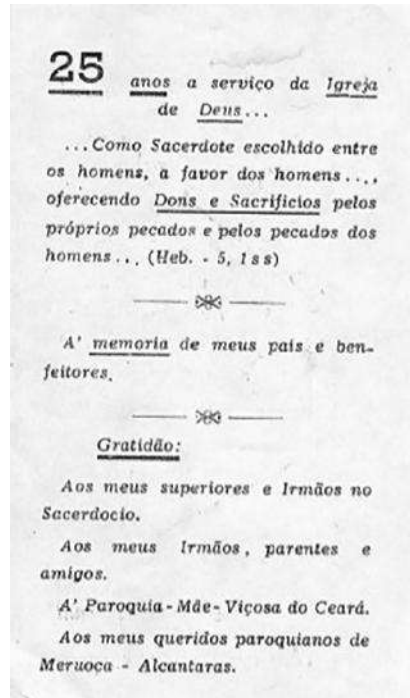
Monsenhor José Furtado Cavalcanti
sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular

Monsenhor José Furtado Cavalcanti

sua história de vida na história de Meruoca



Fonte: Custódio, 2019. Arquivo particular.

3.1 Trecho do diário escrito por Monsenhor Furtado no dia 24 de janeiro de 1988, época em que ele completou seus 40 anos como vigário de Meruoca.

Banco de Idéias

24 de Janeiro de 1988.

Data antecipada dos meus 40 anos de Vigário de Meruoca: 25 de Janeiro de 1948 e 25 de Janeiro 1988. (A Comunidade Paroquial, reunindo Autoridades Municipais, funcionários do Estado, Associações: Pinheiros, Congregação Mariana, Vicentinos, O.B.V.S (Obra Benfícias da Vocação sacerdotal) O. C. S. (Obras Sociais em geral: A daltos, movimentos de Casais, Cruzadas, grupos de jovens, adolescentes e crianças e sobretudo a POVÃO, incluindo, Famílias, Comerciantes, motoristas e profissionais liberais, todos Unidos com a valiosa orientação dos Irmãos Josefinas, Professoras, tendo à frente Maria de Fátima Custódio Martins que com a ajuda de Agesslan Faustino Literato, Colaborador, e filho adotivo e sobrinho adotivo, assessoraram o muito querido, De Fernando Freire Afonso, elaboraram um vasto programa para esta comemoração: Programar muito, com impressos, Fotos-lançamentos, livros e canções referentes à data, etc. Tem-se arquivado todo o material usado no dia 24 de Janeiro, domingo. Estiveram presentes: Dom Walfrido Teixeira Vieira, De José Leônidas Pontes, Mons. Raimundo Cleão Noronha, Pároco de

Banco de Idéias

Gravinas; Cônego João Baptista Ribeiro, Chancelor
de Cúria Diocesana, Sr. Fernando Furtado Aguiar, coordena-
dor das festividades, Sr. Francisco dos Chagas Albuquerque
Sr. presidente de "UM TRIDUO VOCACIONAL"
com patrocínio esponsado: 1º dia: mon. Sabino Guimarães
Korol, pároco do batonário de Sobral, 2º dia: Sr.
Francisco dos Chagas Albuquerque, pároco da Paróquia
de Meruoca, e finalmente Sr. Francisco da Paróquia de Massa-
pê e Vice-Reitor de Seminário Diocesano; 3º dia:
Sr. Fernando Furtado Aguiar, Reitor da UVA - Sobral.
Estiveram presentes os sacerdotes incluído o Bispo Di-
ocesan e o pároco, mon. José Furtado Cavalcanti.

Estiveram presentes: o Senhor: Prefeito de Meruoca,
Carlos Marques dos Santos e Sr. J. J. Sousa, Professor, Ceta-
rnia de Almeida Santos, organizadora do Plano, o
apresenta ao aniversário, autoridades civis e mil-
itares e convidados especiais, vindo de Sobral, Maracá,
Fortaleza, Parauara, Teresina, no Piauí, Sr. Prefeito
de Alcantaras e esposa, José Paulo Furtado e Maria

o Sr. Prefeito e vice-prefeito de So-
bral: Joaquim Barreto e esposa, Antônio Felix Albuquerque
e esposa, vereadores de vários municípios, Professor José
Olimar Fagundes Campos e Sr. Cleide Dias Campos, Sr. Pá-
roco de Sobral e esposa, Sr. Manoel Fagundes, nome de
Alberto Ferreira Aguiar e Euzébio Alencar Aguiar
e sua mãe Dalva Alencar Aguiar e família; Car-
melita da Paz Furtado, vice-reitor e amiga, representando
a família em Parauara e Teresina e muitos outros
pessoas. Estiveram presentes muitas solistas, Sr. Brígida
de Oliveira que muito colaborou na organização e Sr. de
Mafra e casa Paróquia e todos Paróquia, a Sr. de
Vila Rica e Sr. de Vila Rica

Notas do dia 24/01/89 **Programa-se** Continuação

a festa de gala. Refe programada.
A sobrinha Maria de Almeida Vá, cancela, b, benc's,
esposa de Odalton, Agostam Furtado Vibration em
sua caçula, Aurea Vá cancela b, benc's e por último
muito querida irmã, Inês, esposa de Placido Cavali
canti que nos omite há 20 anos, depois
que muito não morreu.

As irmãs Josefina que trabalham na paróquia
há mais de vinte anos, que colaboram com tu-
dos os movimentos, educacionais, catequese e comu-
nitários e que se aclaram anuais por causa do
"Capítulo" do Conselho que estava reformando
os estatutos e eleições de nova madre, exati a
irmã Mary Lita, organizou que conseguiu dar
presença naquela dia.

Por coincidência no dia 24 de Janeiro, domingo,
foi um dia de muita chuva que depois
o propôs para se confiado de inverno.

A festa começou de véspera com serenata
fogos e alegria de todos.

A parte litúrgica foi muito bonita
e emocionante. Em pessoalmente, me libere
de recordações e a noite.

Na celebração estavam presentes: D. Walfrido
Despeze Vieira, Bispo Diocesano; o Celebrante,
Mons. José Furtado Cavalcanti; De João Vitorino
Pontes, Mons. Nelo Clecun Moreira, Sacerdote de
Guaraná, Cônego João Batista Ribeiro de Curitiba
Diocese, De Fernando Tric Afonso, Coordenador
novo de festa; De Francisco dos Chagas
Albuquerque. O panegírico foi de D. Fernando

Peça o Fôlho Dica Tilibra sobre Organização Pessoal ao Nosso Departamento de Marketing.

é grátis. Caixa Postal, 21 - Cep 17013 - Bauru - SP.

Programe-se

Fala o Exm. Sr. Dom Walfrido e mais alguns outros com o professor José Olina ligadas ao curso, refer. programação de música. Entre outras coisas, ainda estava presente o meu grande amigo de longa data, Sr. Paulo de Paula de Souza com uma filha. O comerciante e farmacêutico, Jacson de A. Araújo e sua esposa Volante.

Para recordação de meus Furtado foi lido este acontecimento em 28 de Agosto de 1997 tudo ele gostado bastante.

Vaga adjunti
Alguns relatórios a respeito
de Wilson Furtado

Fonte: Arquivo particular, Tereza Martins, 2019

3.2 Lembranças, Depoimentos e Memórias

Viver, interagir e coabitar com Monsenhor Furtado não significava apenas estar ao seu lado no dia a dia, era mais que isso, era um aprendizado [...].

Lembranças, depoimentos e memórias são considerados como possibilidades para releituras sobre a produção ou reprodução de alguma coisa que esteja voltada para a história ou situação vivenciada por alguém, ou mesmo sobre a cultura de

determinado lugar, sendo assim possível, a partir de análises, reconstruir o passado de maneira mais próxima possível do que realmente foi.

Entender a memória de um indivíduo é o mesmo que valorizar seu passado, sobretudo aquilo que pode ter condicionado sua forma e maneira de perceber o mundo que esteve à sua volta. A memória é o momento vivido que se encontra aparentemente nítido perante as mudanças que podem ter ocorrido ao longo do tempo. Por isso é tão importante valorizar as pessoas, as coisas e os lugares, pois muitos poderão não deixar vestígios ou registros que evidenciem ao certo suas reais histórias.

Concordamos com Seemann (2003) quando explicou que, ao se trabalhar com base na memória das pessoas, é essencial que isso seja feito através de relatos, diálogos ou depoimentos, pois assim fazendo, esses registros “[...] não devem se restringir apenas ao ambiente aconchegante da sala de estar, por que muitas das lembranças encontram-se lá fora, na rua, na fazenda, na vizinhança, no bairro, afinal, no espaço” (SEEMANN, 2003, p. 46).

A memória deve ser compreendida a partir das relações que as pessoas possuem com determinado lugar, coisas, objetos, pessoas e situações, o que poderá proporcionar inúmeras formas de interpretar as histórias de vida, pois tais interpretações surgirão através das ações acumuladas ao longo do tempo. Dessa forma, basear-se apenas nas representações histórico-culturais dos lugares não é suficiente para compreender a memória das pessoas, sendo, portanto, necessário perceber qual contexto existe em cada relato, depoimento ou descrição. Neste sentido, é fundamental que haja registros, ou outra forma que propicie buscarmos proximidade com a realidade.

A princípio, basear-se apenas na oralidade ou em documentações escritas não é o suficiente, pois é necessário perceber o visual enquanto reflexo de uma realidade, é o que chamamos aqui de “lugar-memória”. Maurice Halbwachs (2003) é um estudioso que se dedicou aos estudos das formas de manifestação da memória dos indivíduos. Segundo ele, a memória poderá conter tanto traços individuais quanto coletivos, pois as lembranças sempre estarão direcionadas à presença de alguma coisa. Logo, “[...] um pensamento é tão invisível quanto a atmosfera que respiramos. Na vida normal, só reconhecemos sua existência quando a ela resistimos” (HALBWACHS, 2003, p. 46).

Pensando assim, entenderemos que a memória de um indivíduo poderá estar relacionada a uma escola, igreja, família, ao trabalho, aos amores, à vida social,

à vizinhança, ou até mesmo à maneira de viver isoladamente. Nesses casos, por mais que algumas lembranças pareçam-nos tão reais, elas não são idênticas aos momentos vividos, pois foram alteradas pelas experiências que se acumularam ao longo de nossas trajetórias de vida. Isso é explicado através de nossa maturidade, pois esta encarregou-se de alterar nossas percepções sobre as coisas. Isso é explicado também pela autora Ecléa Bosi (1994) quando ressaltou a forma como vemos algo pela segunda vez, pois não será mais igual como na primeira vez. Ela explica referenciando a maneira como lemos algum livro novamente, pois segundo ela:

A impressão inicial é a de um reencontro com o frescor da primeira leitura. Na verdade, antes de reabrir aquelas páginas seríamos capazes de lembrar poucas coisas: o assunto, algumas personagens mais caracterizadas, este ou aquele episódio mais pitoresco, emocionante ou engraçado e, às vezes, a imagem de uma gravura. [...] Mas, se fizermos uma análise objetiva da situação em que se desenvolve a releitura, teremos de reconhecer que não é isso que se dá. Parece que estamos lendo um novo livro ou, pelo menos, um livro remanejado (BOSI, 1994, p. 57).

Sempre que ouvimos alguém falando, narrando ou descrevendo algo do passado, fazemos inicialmente nossas interpretações e observações que, consequentemente, se tornarão passíveis de compreensões e análises. Logo passaremos a externalizá-las, condicionando-as às nossas visões de mundo. Bosi (1994) acrescenta que:

[...] a memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítido que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

A lembrança tende a ser mais nítida nas pessoas com idades avançadas, pois possuem papel fundamental na reconstituição e reconstrução de espaços vividos através dos sentimentos e modos de vida. Neste caso, além de procurarmos pes-

soas com idade mais avançada e/ou que tiveram aproximação com Monsenhor Furtado, pois entendemos que as lembranças podem passar muito tempo confiadas, porém, em algumas situações, estarão apenas em silêncio, podendo assim serem transmitidas de geração em geração.

Assim sendo é importante desconfiar daquilo que inicialmente aparece como verdade. Por isso é tão importante acessar o passado através de registros, como entrevistas, fotografias, livros, jornais ou revistas, mas sem esquecer da história viva, pois como disse José Carlos Sebe B. Meihy (2011):

[...] os que se valem da história viva, feita por meio de entrevistas, enfrentam brechas preconceituosas daqueles que entendem que o labor intelectual não produz sequer reformas, ainda mais revoluções. [...] a diferença vibrante, situa-se no fato de nos valermos de pessoas que ‘no presente’ vivenciam processos deflagrados no passado imediato ou remoto (MEIHY, 2011, p. 37).

Foi isso que nos levou a buscar depoimentos e relatos para melhor compreender quem foi Monsenhor José Furtado e qual sua importância na vida e história dos meruoquenses. Ver depoimentos a seguir:

Dona Ritinha

Monsenhor tinha um jeito peculiar de ser. Era um modo áspero de falar. Era a cultura da época, falar em tom mais direto e com aparência de grosseria, mas era o jeito dele. Quase todos obedeciam, pois o que ele falava estava falado. Na Meruoca, ele foi um pastor muito zeloso. Ele fazia de tudo para mandar os jovens para as congregações. Só da minha família foram 18 pessoas. Ele tinha um carinho diferenciado pelas vocações e juventude. Para ele, todos os jovens deveriam seguir a religião, sendo que os homens eram direcionados para serem padres e as moças para serem freiras. Não suportava ver um jovem se corrompendo, seguindo a vida da perdição.

Tinha um carinho à parte pelas famílias. Não admitia ver os casais se separando, vivendo em conflitos. Para ele, os casais não deveriam destruir aquilo que era o bem mais precioso, a família. Era impressionante o cuidado que ele tinha para com os meruoquenses. Ele era o médico, o advogado, o delegado. Era uma pessoa respeitada pela sociedade. Morei mais de 10 anos com ele e o que mais me impressionava nele era a forma como nos tratava, pedia inclusive para que nós, que convivíamos mais de perto com ele, chamássemos a mãe dele de vovó. Nós éramos tratados como filhos. Acolhia qualquer pessoa na casa dele. Quando alguém chegava pedindo alguma coisa a ele, não gostava de dizer não para ninguém, não queria que ninguém

soubesse das dificuldades dos outros. Ele dizia que não gostava que soubéssemos o que ele fazia.

Para ele, o que a mão direita desse, a esquerda não podia saber. O que me impressionava muito nele era que não tinha apego algum a bens materiais. É tanto que morreu e não deixou nada de bens materiais, apenas seu legado de homem bom e comprometido com seu povo. Deixou um legado extraordinário! Era um homem sincero.

Hoje eu considero ele como um santo, pois tive uma experiência na minha vida que senti a presença dele naquele momento. Aconteceu que certo dia precisei passar por uma cirurgia, pois tive que colocar uma prótese de platina em meu joelho, só que após esse ocorrido comecei a sentir fortes dores. Certo dia, estava me preparando para dormir, o que não era fácil, pois sentia muitas dores, especialmente quando estava fazendo frio e não estava conseguindo dormir. Foi então que comecei a lembrar dele e a suplicar que ele intercedesse por mim. De repente, comecei a adormecer e sentir a presença dele, de modo que me deu logo uma sonolência que até hoje não consigo explicar como isso aconteceu. Na verdade, eu comecei a sonhar com ele. Estava indo a uma viagem com ele para Viçosa, pois ia visitar sua mãe. Nesse sonho, nós íamos dentro do Jeep dele, e ao meu lado estava a Dona Gleise. Ele dirigia muito bem! Quando estávamos na viagem, eu comecei a conversar com ele e a dizer que estava sentindo dores na perna. De repente ele começou a dirigir apenas com a mão esquerda, me pediu licença e colocou a mão direita em cima de meu joelho. A mão dele era lindíssima, parecia que eu estava realmente viajando com ele. Ouvia ele conversar como se vivo estivesse. Naquele instante eu comecei a sentir que toda a região onde a mão dele estava cobrindo começou a ficar dormente. Dava pra sentir a mão bem quentinha passando por cima de meu joelho. O impressionante disso foi que quando acordei não estava mais sentindo dores no joelho. Ele veio até mim através de um sonho! (Depoimento, 2019. Rita de Cássia Albuquerque, moradora de Meruoca).

Zé Tarcísio

Monsenhor Furtado foi um dos homens mais bem respeitados em Meruoca. Na época, eu prestava serviço à paróquia através da prefeitura, pois era funcionário dela. Eu fui um dos motoristas dele. Ele gostava muito de ficar sentado na cadeira em sua calçada como forma de descansar e sentir o vento úmido ao entardecer. Passava horas observando a pessoas. Era um homem muito respeitador. Quando eu ia com ele para uma festa, só entrava quando eu estacionava o carro, pois eu teria que entrar com ele. Não admitia que ninguém que o acompanhasse ficasse de fora

ou fosse humilhado por alguém, era muito sincero e caridoso. Era muito prestativo! Se ele falasse alguma coisa que ofendesse alguém de maneira exagerada, costumava sempre pedir desculpas! Não tinha ganância. Não ficava satisfeito em ver alguém sofrendo por alguma coisa que ele pudesse ajudar (Depoimento, 2019. José Gomes Neto, morador de Meruoca).

Chico Luíz

Morei 33 anos com ele. Meu trabalho era cuidar dos engenhos e zelar os sítios próximos à casa dele. Nos engenhos da paróquia eu era encarregado de produzir rapadura e cachaça. Nós vendíamos para pagar os trabalhadores e ele pegava o dinheiro para dividir com as famílias mais pobres. Toda semana ele ia prestar conta comigo. Ficava feliz quando as vendas davam boas, pois ele iria ter dinheiro para comprar arroz e feijão pra dar ao povo. Era muito bondoso.

Tinha uma farmácia em casa. Ele mesmo preparava os remédios com ervas medicinais que ele mesmo plantava no quintal de casa. Às vezes ia buscar na Gameleira ou nos sítios da Meruoca. Era um pai, um amigo, um conselheiro. Gostava que todos respeitassem ele. Era educado, mas se precisasse, ele agia com ignorância. Perguntava logo quem era o pai da pessoa e tirava satisfação, pois queria que os pais educassem os filhos em casa.

Ele dizia que Viçosa era muito bom, mas a Meruoca era o lugar que ele havia escolhido para morar eternamente. Quem ia à procura dele não saía sem que o problema fosse resolvido. Ele tinha prazer em ajudar as pessoas (Depoimento, 2019. Francisco Luiz dos Santos. Morador da Meruoca).

Zé Augusto

Trabalhei com José Furtado durante 14 anos. Foi ele quem me batizou e fez minha crisma. Só não realizou meu casamento, pois já havia falecido. Monsenhor, além de ser padre, foi um grande amigo, um pai. Devido ao período que estive próximo a ele, tive a oportunidade de conhecer a personalidade dele, pois agia igualmente com todos, não tinha distinção. Atendia a todos onde quer que estivessem. Só não quando estava celebrando, pois era muito exigente nessas horas.

As moças não podiam ir à igreja com roupas curtas e muito menos para conversar. Ele prestava assistência religiosa em todas as capelas da redondeza. Ora estava no Aiuá, no Salão, na Ventura. Ora estava na Palestina, Camilos, Boqueirão, Santa

Rosa. Era uma luta, mas para ele era uma satisfação fazer tudo aquilo. Nesse tempo, não tinha energia nas capelas, e nós andava sempre com um motorzinho que funcionava à base de gasolina. Era dele mesmo. Então eu instalava a caixa amplificadora e os bicos de luz dentro e fora da igreja. Assim ele realizava as festas religiosas durante três dias, e nós ficávamos lá até o final.

Ele não media esforço para ajudar as pessoas. Uma certa vez estávamos indo para Ventura (Alcântaras) e bem no início da subida da ladeira nos deparamos com uma senhora que esperava por ele, pois sabia que nesse dia ele iria celebrar na capela de lá. Então ela pediu socorro e ele, para que eu parasse o carro, e logo desceu e foi ao encontro dela. A criança estava quase morta! Não sei o que era. Só sei que ele conversou com ela e colocou a mão dele na cabeça da criança e abençoou ela. Olhou para mãe e disse: “Você acredita em Deus?” Depois fez a recomendação do corpo da criança, mas saiu dizendo que ela voltasse para casa e fizesse um remédio e desse imediatamente pra ela. Para nossa surpresa, uma semana depois passando novamente pelo mesmo lugar, lá estava a mesma senhora à espera dele. Ocorreu então que ela acenou e pediu para falar com ele dizendo: “Padre, quero lhe agradecer pela cura de meu filho, pois está bonzinho. É aquele ali que está brincando!” Percebi naquele instante que ele havia feito um milagre.

Não tinha lugar para consultar, pois não era médico formado, mas devido possuir conhecimentos nessa área, não media esforços para ajudar aqueles que o procurasse. Podia ser na casa dele, na rua, dentro do carro ou na igreja, principalmente após as missas (Depoimento, 2019. José Augusto Florêncio, morador da Meruoca).

Jandira Brandão

Cheguei à Meruoca no ano de 1966, em 18 de abril daquele ano, por intermédio dele (José Furtado). Eu era atendente de enfermagem. Inicialmente morei no Patronato. Fui convidada por ele para trabalhar no posto de saúde que funcionava ao lado da igreja. Nesse tempo, o médico daqui era Dr. Olavo Rangel, era que atendia lá. A dentista era a Maria do Socorro Miranda Valente. Ela havia sido contratada pelo seu Zé Davi, prefeito da época.

Depois do Patronato, eu fui morar na casa dele. Ele dava toda assistência para quem morasse com ele, só queria que tratássemos o povo com dedicação e responsabilidade. Meu pai morava em Coreau e toda semana mandava alimentos para Meruoca, e isso era motivo de satisfação para o monsenhor, pois adorava ter o que doar. Se fosse preciso, ele tirava até a roupa do corpo para dar para alguém que ti-

vesse precisando. Ele dizia que o único lugar onde ele poderia fazer aquilo era aqui na Terra, e que poderia ser a última oportunidade dele. É tanto que ninguém saía sem solução para os problemas.

Trabalhei muito tempo na maternidade que tinha bem na frente da igreja matriz, era tudo comandado pelo monsenhor. Era eu e a Frasca que trabalhava lá. Os medicamentos para serem usados na maternidade era todo comprado por ele. O prefeito também ajudava. Ele tinha um problema de garganta muito sério. Quando ele ainda não tinha carro e precisava sair nas bandas da serra para fazer confissões ou celebrar missas nas capelas, era de cavalo que ele ia. Saía sozinho e onde chegava costumava descer do cavalo e conversar com as pessoas. Muitas vezes almoçava nas casas dos sítios, comia o que dessem para ele. Tomava café, e às vezes tirava um rápido sono debaixo das mangueiras e dos cajueiros. Era muito corajoso, e sempre andava de batina e chapéu.

Um dia ele estava celebrando uma missa e em volta da igreja estava havendo um amontoado de pessoas observando os jogos, então ele se sentiu incomodado e, do jeito que ele estava, saiu da igreja e deu-lhe um chute na banca e perguntou se o banqueiro havia gostado, pois ele estava exigindo respeito naquele momento. Foi engraçado porque o povo todo saiu atrás dele porque sabia que ele iria acabar com a festa dos banqueiros. E aí de quem fizesse alguma coisa com ele. Naquele tempo, era Deus no céu e Mons. Furtado na Meruoca. Todos tinham respeito para com ele. Ele não aceitava bagunça! Ele cuidava muito bem do povo, mas na hora que ele dissesse alguma coisa, gostaria que obedecesse ele.

Ele não gostava de luxo, não era egoísta. O quarto dele era bem apertado. Gostava muito de dormir de rede. Havia em seu quarto uma cama, um pequeno guarda-roupa e alguns livros que gostava de ler. Não era muito de exigir certas coisas, por exemplo: ele mesmo arrumava o quarto e dobrava suas roupas. A casa dele era simples, pois também gostava de cozinhar no fogão a lenha.

A vida dele em Meruoca foi toda em benefício da população. Proporcionou muitas coisas boas. Não tinha riqueza e muito menos ganância. O desejo dele era mesmo cuidar do povo dando assistência a quem precisava. Quando ele chegou em Meruoca, boa parte da população estava sofrendo com a ferida braba, era a tal da leishmaniose. Aí ele chamou o Dr. Tomaz Aragão para dar assistência ao povo e, com isso, ele mesmo cuidava das pessoas. Passava pomada e fazia limpeza no lugar infectado. Não tinha dificuldades para ele. Só queria ajudar as pessoas. Era muito simples e caridoso.

Certo dia, precisei passar por uma cirurgia nos rins, nesse período ele já tinha morrido. Isso ocorreu em 2011 em Fortaleza. Aconteceu que eu estava na sala me

preparando para começar a cirurgia, pois eu estava na UTI. Então comecei a pensar nele e a rezar pedindo que tudo ocorresse bem. Então naquele instante a enfermeira organizava os aparelhos e eu subi em cima da maca para começar os procedimentos. A cirurgia foi complicada. Assim que os médicos e a enfermeira que me acompanhava saíram da sala, entrou uma pessoa toda de branco e bem arrumada. Não deu pra ver bem, pois eu estava sem óculos, mesmo assim, tomei um baita do susto. Então essa pessoa olhou para mim e começou a gesticular, como se estivesse fazendo uma benção em mim. Fiquei sem entender e assim que a enfermeira voltou para sala eu perguntei: “Você esteve aqui agora há pouco?” E ela educadamente respondeu: “Não senhora, por quê?” Então eu respondi: “Porque acabou de sair uma pessoa daqui, estava olhando para mim”. Aí ela falou: “não entrava ninguém daquele jeito, apenas os médicos e ela, pois ali era a UTI.” Eu estava acordada e tenho certeza que ele foi lá onde estava. Ele me salvou! Não é à toa que ele sempre dizia para nós que nunca iria nos abandonar. E hoje tenho certeza que isso foi um milagre, pois os médicos ficaram surpresos pela rapidez com que fiquei curada (Depoimento, 2019, Jandira Brandão Moreira. Moradora de Meruoca).

Tia Lili

Tenho 33 netos, 35 bisnetos e 14 tataranetos. Filhos, foram 7, só que já morreram 4 e só tem 3 vivos. Já fui tudo no mundo: rezadeira, tiradeira de roupa, raspadeira de mandioca. Fui parteira de umas 50 crianças. Não tinha hospital por aqui na época e o parto era feito nas casas. De repente eu tava aqui em casa e chagava alguém chamando pra fazer um parto, e eu ia, só pegava mesmo a tesoura e um paninho para limpar a criança. Hoje eu tenho mais ou menos 70 afilhados só de batismo. Todos me chamam de tia Lili ou madrinha Lili [...].

Uma vez vieram me chamar para rezar numa criancinha que tava pra morrer, aí eu disse: “tem que levar pra ser batizada, se não vai virar pagã e assombrar a todos à meia noite, com um choro agonizante, e só vai parar quando alguém batizar ela, mesmo estando enterrada!” Então levei o menino pro Mons. Furtado ver, aí ele disse: “cumade, cadê os padrim?” Ai eu falei: “não tem! E nem tenho dinheiro para pagar o batismo, monsenhor!” Nessa hora ele disse: “os padrinhos serão nós dois, cumade, pois essa criança não pode morrer pagã até o final do dia, tá certo?” Então ele fez o batismo e, pra nossa surpresa, a criança não morreu, e ainda hoje está viva! A partir daí comecei a rezar mais frequente nas pessoas e em voz alta, porque antes eu só rezava em silêncio. Mas isso só porque o monsenhor me autorizou! Nesse tempo, nascia tanta criança aqui na Meruoca e nos sítios que não dava nem pra saber quantas eram, eram muitas! [...] (Depoimento, 2018, Francisca Lili do Nascimento Alves, moradora de Meruoca).

Tio Alberto

Logo que Monsenhor Furtado chegou à Meruoca percebeu que o cemitério não estava comportando a quantidades de pessoas que morriam. Morria crianças, jovens, adultos e idosos. As causas das mortes, ninguém sabia dizer! Foi um período que morria tantas crianças que às vezes no patamar da igreja ficava de cinco caixões com as criancinhas dentro esperando o padre fazer a recomendação. Algumas das causas das mortes eram atribuídas a problemas intestinais, pois era comum as pessoas comerem coisas estragadas. Não tinha energia em toda parte e muito menos geladeira. Então José Furtado resolveu aumentar o cemitério pelo fato de que as pessoas eram enterradas quase sempre dentro do mesmo buraco. E isso, para ele, não era certo.

Ele era um homem experiente na área da saúde, e sua preocupação era que as pessoas não viessem a se contaminar ao cavar os buracos para fazer os sepultamento. Segundo ele, isso poderia estar sendo uma das causas pelas quais estava havendo muitas contaminações seguidas de mortes. Nessa época tinha também uma doença que dava nos pés das pessoas, era uma ferida que demorava a ser curada! Às vezes as pessoas morriam porque ela aumentava de tamanho e atingia os órgãos internos. Tinha também uma doença que era chamada de febre amarela. Então essas foram algumas das causas que levaram Monsenhor Furtado a aumentar o espaço do cemitério, já que havia espaço sobrando para trás. Da metade para trás foi construído por ele! Ele sempre dizia que era uma maneira para que o povo não se contaminasse quando fossem cavar a cova para enterrar o ente querido. A capelinha foi feita por ele também, era lá que ele gostava de celebrar as missas de finado! Teve um tempo que quando morria uma pessoa não tinha sequer um lugar pra ser enterrada. [...] muitas criancinhas morriam com o bucho inchado e bem alvinha, da cor de algodão! Às vezes era vomitando muito! Era muito triste, as pessoas não sabiam o porquê. Monsenhor Furtado lutou para mudar essa situação, pois fazia papel de médico, era um pouco de tudo! Foi então que ele passou a buscar resposta pra o que estava acontecendo na saúde dos meruoquenses. A partir disso, ele passou a proibir o sepultamento em cima de outro. Segundo ele, era necessário que deixasse passar de cinco anos a dez para que o corpo pudesse se decompor. Ele dizia que esses problemas só diminuiriam quando a população começasse a ter zelo pela sua saúde e começasse a comer comidas que não fossem estragadas (**Depoimento, 2018, Antônio Alberto Martins, morador de Meruoca**).

Tereza Martins

No início, Mons. Furtado procurou integrar certos espaços diretamente às atividades religiosas, complementando-os com alguns serviços de abrangência social,

como os da saúde através de atendimentos simples que ele mesmo realizava, assim como os de educação. Na época, boa parte dos meruoquenses não sabiam sequer escrever, quanto mais ler! Com seus conhecimentos avançados, Mons. Furtado procurou ajudar no crescimento intelectual do povo de Meruoca. Atuava como médico, psiquiatra, advogado e professor. Não media esforços para ajudar as pessoas mais necessitadas. Fazia isso por prazer, a gente via a felicidade estampada no rosto dele! Quando não conseguia ajudar alguém, ficava horas e horas procurando um jeito para resolver o problema. Quando o caso era doença mais séria, chegava até a colocar a pessoa para passar dias na sua casa, era uma forma de tratar as enfermidades para que não viessem a se espalhasse entre as pessoas.

Tinha o prazer de construir residências para as pessoas que não tinha moradias dignas. Ele fazia isso sempre através de mutirões. Foi assim que ele conseguiu reformar o pequeno centro de saúde que tinha ali perto do Patronato, bem na esquina da casa do Seu Doca Santos. Construiu também as torres da igreja matriz. Ele realizava casamentos e batizados acreditando que assim fazendo iria agregar bons valores à cultura dos meruoquenses. Costumava fazer doações de pequenas áreas de terras para que as famílias construíssem suas casas e lá pudessem fazer uso também nas suas práticas agrícolas. Nesse tempo, essas práticas eram comuns na Meruoca (Depoimento, 2019, Tereza de Jesus Martins, Moradora de Meruoca).

João Soares

Mons. Furtado foi considerado pai, padrinho e amigo. Foi o maior benfeitor das reconfigurações estruturais que Meruoca teve ao longo dos tempos. Hoje é considerado como um “santo”. Sua vida na Meruoca representou avanços e desenvolvimentos. Todo esse tempo corresponde a um período de quase 50 anos como benfeitor em todos os sentidos. Foi através dele que a Meruoca foi emancipada como município. Quando em vida, deixou muitos ensinamentos e marcas profundas nas gerações que conviveram ao seu lado. Suas benfeitorias ainda hoje fazem os meruoquenses chorarem de saudade. A geração de hoje não sabe quem foi ele, sequer conhecem sua história! Os maiores exemplos podem ser vistos nas formas de representar, evangelizar e conviver respeitando as diferenças e os níveis de classes sociais. Ele se preocupava com as melhorias na parte estrutural da nossa igreja, pois dizia que tudo aquilo era para receber as pessoas em um ambiente saudável e aconchegante. Sem dúvida ele foi um grande homem na Meruoca [...].(Depoimento, 2019, João Soares de Oliveira, morador de Meruoca).

Zé Ferreira

Na época em que fui casar, tive a honra de ser casado por Monsenhor Furtado, mas esse dia recebi uma lição que nunca na minha vida havia recebido! Ora, fui

para o casamento só de camisa, calção e tênis. A mulher foi de vestido, mas o padre não entendeu que nós éramos pobres, até demais! Ele era muito duro nas palavras. Ai me perguntou: “O que tu veio fazer aqui?” E eu respondi: “Ora, casar seu padre!” Então ele disse: “Pois eu não vou fazer seu casamento”. Fiquei assustado e perguntei: “por que não, seu padre?” A resposta dele foi a seguinte: “Isso é roupa para você estar na igreja, e ainda mais para casar? Isso não é roupa de homem, rapaz!” Então fiquei embravecido e falei que aquilo era devido minhas condições, eu era muito pobre! Ai ele disse: “Não, desse jeito eu não farei seu casamento, vá embora!” Ai eu respondi novamente: “É, seu padre, eu vou, mas tem uma coisa: eu não voltarei mais aqui pra casar e o pecado ficará no seu espinhaço!” Nessa hora o homem ficou enfurecido e pediu para que eu saísse da frente dele e só voltasse quando resolvesse casar como homem e que fosse bem arrumado, porque casamento era uma coisa séria. Então fui embora e passei a morar junto com a mulher, mesmo sem estar casado.

*Se passaram alguns dias, e de repente, chegou na minha casa uma mulher que morava aqui próximo dando um recado mandado por ele. Segundo ela, eu teria que me preparar, pois o casamento seria na igreja da Floresta, mas que eu fosse de roupa decente! Ai eu disse pra minha mulher: “como é que esse padre faz um negócio desse com a gente! Manda avisar de última hora”. O problema é que o casamento iria acontecer no sábado pela manhã e o recado chegou na quinta-feira à tarde! Então pensei, não tenho nada pra oferecer aos convidados e muito menos roupa adequada, mas quando Deus quer, dá-se um jeito! Então, como ele queria que eu fosse de calça, peguei a que eu trabalhava no roçado, lavei e fui com ela mesmo. A camisa eu pedi emprestada a um primo meu. Deu certo, pois foi ele fez nosso casamento que até hoje continua sendo abençoado. Isso aconteceu no ano de 1961, mas nunca me esqueci da personalidade dele e muito menos da lição de vida que me deu. Ele perguntou se eu queria mesmo casar, pois o verdadeiro homem é aquele que tem apenas uma palavra, é honesto e responsável. Me falou ainda que casar não era simplesmente morar junto e ter filhos, mas honrar e respeitar a vida do próximo. Se assim eu fizesse, podia ter certeza que o amor iria reinar eternamente entre eu e a minha esposa. E não é que ele tinha razão? Hoje eu posso dizer que somos o casal mais feliz do mundo. Temos Monsenhor Furtado como um exemplo de vida (**Depoimento, 2019, José Ferreira do Nascimento, morador de São Francisco**).*

Fátima Custódio

Falar de um homem extraordinário como Monsenhor José Furtado Cavalcanti não é tarefa fácil. Foi um homem de Deus, repleto de muitas virtudes, carismático e rígido ao mesmo tempo para poder as coisas ocorrerem da maneira mais certa possível. Era um homem altamente preocupado com seus paroquianos, os progressos

religiosos-sociais, o desenvolvimento da educação, a saúde através das doenças que atingiam a população. Passava noites em claro tentando encontrar soluções para resolver esses problemas. Para isso, procurava se aprofundar na área da medicina, através da cobertura do saudoso médico Dr. Tomaz Aragão, a quem tinham boa afinidade, assim como de sua irmã (Margarida), que tinha experiência com manipulação de drogas medicinais, pois trabalhou por um período próximo dos 40 anos na farmácia dos Pinhos, em Viçosa do Ceará. Ela conhecia as soluções profundamente, e isso era o bastante para complementar a incansável luta que Monsenhor José Furtado fazia contra as lepras, feridas “brabas”, febre amarela, impigens e outras doenças, como vômitos, verminoses e coceiras, que assolavam a população naquela época. Isso era bastante para atender a população sem precisar da presença médica, a não ser quando o caso era mais grave, que as pessoas eram encaminhadas para o Dr. Tomaz. Quanto aos remédios industrializados, todos eram oferecidos por médicos que o instruíam para receitar e eram amostras grátis. Fazia tudo com o consentimento médico. Os remédios caseiros, ele mesmo costumava produzir em casa.

Monsenhor Furtado foi um grande protagonista no desenvolvimento de Meruoca. Pouco se preocupava com sua própria pessoa. O negócio dele era salvar as crianças das mazelas e os pais de famílias que trabalhavam no dia a dia. Esses, quase sempre o procuravam com enfermidades que já estavam em estado bastante avançado. Alguns ele conseguia resolver o problema, mas outros não. E isso para ele era algo negativo, pois tinha o prazer de ouvir alguém dizer que havia sido curado de tal mazela. Foi um homem que não gozava de confortos e luxos. A vontade era mesmo de lutar pelos meruoquenses. Ainda hoje continua jorrando graças nas pessoas que confiam nele e alcanças extraordinárias bênçãos através de sua espiritualidade. Aprendi muito com ele, principalmente a ser melhor, a ser humilde. A minha gratidão e admiração. De sua filha de coração, Fátima Custódio. (Depoimento, 2019, Maria de Fátima Custódio Martins, moradora da Meruoca).

Edson Martins

Relembrar e escrever sobre Monsenhor Furtado é vê-lo como um homem santo e de bom Coração. Padrim, era como eu o chamava, outros chamavam de Zé Furtado, ou mesmo Monsenhor Furtado, e tantos outros nomes que eram atribuídos a ele, mas sempre com respeito, pois costumava atender a todos com carinho. Ainda hoje me faz falta as vezes que eu ia até sua casa para lhe fazer companhia em seu gabinete e poder sentar na cadeira giratória enquanto ele falava de sua vida e lembrava momentos de dificuldades e alegria, tanto na sua família de Viçosa, quanto em sua

vida de paroquiato. Recordo que perguntava de “tudo”, inclusive sobre a Imagem de N. Sra. do Carmo, que estava sempre no seu gabinete. Ele sempre ria, mas não conseguia explicar completamente o porquê, pois era sempre interrompido quando alguém chegava para ouvir uma conversa amiga ou pedir algum conselho. Uma dessas pessoas era sempre a Dona Ursulita, esta que foi uma pessoa muito humilde, cheia de Deus e que também ajudou bastante no período do paroquiato dele. Recordo que ela tinha um zelo muito grande na confecção das alfaias litúrgicas. Também nossas conversas eram interrompidas quando a Tia Tereza, que trabalhou com ele, o chamava para almoçar, jantar ou tomar algum remédio, pois ela era quase a “mãe dele”, se preocupava com tudo.

Não esqueço das vezes que ele pedia para que eu fosse abrir a porta para que os padres que chegavam em sua casa em busca de ouvir conselhos, aprendizados e ensinamentos, dentre eles Pe. Correia, Cônego Eguiberto, Mons. Sabino, Cônego Joviniano, Pe. Fernando Frota, e até Dom Walfrido. Aquilo, para mim, era uma satisfação. É inesquecível, pois sempre me lembro desses momentos em minha vida. Sua casa era aberta para o povo. Foi ele que em 19 de setembro de 1994, ano de seu jubileu Sacerdotal, pediu ao Francisco Passarinho para vestir uma túnica em mim e ajudá-lo na missa de seu aniversário natalício, e como a túnica era grande demais, prendeu a veste com um cingulo (alguns o chamam de cordão de São Francisco). E lá fui eu, sem saber o que fazer nem sequer como tocar a campainha. Ainda recordo que derrubei o cálice em cima do altar porque eu era muito pequeno. Senti medo, e ele só fez rir! Foi daí que meu amor e meu serviço à Igreja iniciou.

Dia 03 de dezembro de 1994 fiz minha primeira comunhão, e quem realizou foi o Pe. Edmilson Eugênio. Neste dia, Monsenhor Furtado, juntamente com sua sobrinha, dona Noeme, e minha madrinha, Fátima Custódia, fizeram uma grande surpresa, foi uma festinha com direito a lembrancinhas. Foi então uma alegria para todos nós. Após a nomeação do Frei Almeida como pároco de Meruoca, Mons. Furtado passou a ser pároco emérito, mas residindo em Meruoca e na mesma rua onde ficava minha casa. Com isso, passei a ser mais presente e ajudar a ele no que podia. Todas as tardes rezávamos o terço em sua residência e, em seguida, ele distribuía a comunhão para os presentes.

Recordo com carinho tia Raimunda, dona Margarida, sua irmã, e dona Noeme, sua sobrinha, que ornamentavam a igreja. Terezinha Rocha, Lígia Marques, Francilene Alberto e tantas outras que também acompanharam os trabalhos paroquiais de nosso querido pai espiritual e amigo Mons. Furtado. Recordo também da bênção do sino da capela do Norte, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das últimas viagens que fui com ele. Para nossa surpresa, ele foi acometido por uma enfermidade. Lembro-me daquele dia terrível em nossas vidas, quando ainda manhã,

por volta das 6h, ele teve uma crise de diverticulite. Aquilo se tornou um momento eufórico e sufocante para todos nós que convivíamos ao lado dele. Após isso, pelo período em que passou hospitalizado, nós em cada missa, em cada novena, em cada oração, tínhamos o coração cheio de esperança em vê-lo novamente sorrindo, conversando e transmitindo paz e alegria.

Quando na noite de 24 de janeiro de 1998 ele entrou em estado de coma profundo, infelizmente não voltou mais. Dia 11 de março eu estava na escola quando senti algo estranho, meu clima corporal ficou diferente repentinamente, me bateu uma tristeza. Então, momentos depois me veio a pior notícia que eu poderia receber, a de que ele havia falecido. Meu mundo caiu, senti a dor da perda de um pai, de um amigo, de alguém muito importante que conheci. Quando seu corpo chegou na Meruoca, em um carro de bombeiros, todos da Meruoca correram para ver pela última vez o corpo daquele que até então havia sido seu maior pastor, que educou para a vida e para a esperança. Eu particularmente perdi um mestre, um pai! A dor era grande, foi como se uma lança tivesse perfurado meu coração.

Para grande surpresa, o carro do corpo de bombeiros parou por alguns instantes em frente à sua residência, era onde eu estava juntamente com tia Tereza. Fiquei desesperado, pois era algo que não tinha explicação naquele instante, parecia que ele estava a nos olhar de algum lugar! Dali foi levado até a igreja matriz, onde ocorreu seu velório. As pessoas queriam vê-lo pela última vez, era uma fila enorme, mesmo assim eu ainda consegui ver seu corpo estendido dentro de um caixão. Não conseguia acreditar que aquilo era real. Foi uma experiência inexplicável, mas bem pior mesmo foi no momento do seu sepultamento, pois foi seguido da oração Salve Rainha entoada por Dom Aldo e todos do Clero. Em seguida, cantamos a música do Roberto Carlos, Amigo, que era uma das músicas que ele mais gostava.

Todos da Meruoca que o tinham como pai espiritual choravam, não dava para conter as lágrimas. Havia naquele momento uma solidão total, um vazio. Hoje tenho a esperança de que ele nunca nos abandonou, pois sinto que ele intercede por nós. Como disse Dom Aldo na Missa de 7º dia: “Peçam ao Monsenhor Furtado o que vocês precisarem, porque agora o trabalho dele será interceder por nós, Ele, junto de Deus, terá forças de ajudar ainda mais vocês quando vocês pedirem a ele, no céu ele não tem limites, no céu será o trabalho dele, de pedir por vocês”. Do céu, padrinho, interceda por nós, seus afilhados, filhos e irmãos em Cristo. Por sua Meruoca, que tanto amou e se doou sem medida. Nós te amamos e serás sempre vivo em nossos corações (Depoimento, 2019, José Edson Martins, morador de Alcântaras).

Joaquim Silva

Convivi diretamente com Monsenhor Furtado durante 3 anos em Meruoca, durante os anos de 1985 a 1988. Foi um tempo de muitos aprendizados. Nessa época, a Pastoral da Juventude estava em alta, tanto em Alcântaras, como na Meruoca, tudo sobre as suas influências. Nessa época, em Alcântaras, só uma simples capela no mesmo local onde foi construída a igreja matriz. Na época, a paróquia dominante era a de Meruoca, então, tudo se resolvia lá. Eu era um dos representantes da Capela de Alcântaras e por isso estava sempre ao lado dele. Era comum eu acompanhá-lo nas missões evangelizadoras nas outras capelas da região. Participava também, juntamente com ele, das formações de jovens, das romarias que ele levava para as festas religiosas de Sobral e Meruoca. Nessa época, eu tinha o desejo de ser padre, pois ele me fazia admirá-lo e me sentir bem. Ele foi uma pessoa muito especial na minha vida.

Enquanto pastor na capela de Alcântaras, nossa terra, ele era muito esperado e aguardado pelos alcantarenses. Quando ele chegava, vinha sempre alegre, demonstrando felicidade e com belas e sábias palavras. Estava sempre aberto para conversar, confessar e aconselhar. Seus ensinamentos eram esperançosos e não havia sequer uma pessoa que não quisesse vê-lo, dar um aperto de mão e ouvir seus incomparáveis sermões. Não gostava de ser atrapalhado nas horas que subia ao altar para realizar as celebrações e missas.

Era costume dele passar de 2 a 3 dias nas comunidades nos períodos das festividades, pois para ele, estar próximo do povo era motivo de satisfação e compromisso com aquilo que ele sempre pregava através de seus ensinamentos enquanto homem sincero e de visão próspera. Suas atribuições não se limitavam apenas ao clero, pois fazia questão de servir também como médico e professor. Suas lições, remédios caseiros e explicações faziam com que as pessoas ficassem curadas, sendo essas apenas algumas e de suas inúmeras habilidades. Era muito estudioso e estava sempre lendo algum escrito. Gostava de ler e escrever poemas.

Alguns remédios eram produzidos por ele mesmo. Quando as pessoas iam até os políticos levando algum papel escrito com o nome de remédios para serem comprados, eles não conversavam muito, pois nem que fosse caro, sabiam que teriam de comprar, pois sabiam que iria resolver o problema das pessoas. De fato, curava mesmo. Ele foi um servo de Deus que passou em Alcântaras e deixou seu legado e exemplo de grande homem que honrou a missão que lhe foi atribuída pela Diocese de Sobral, que era cuidar da paróquia de Meruoca. Sua maior pretensão era mesmo fazer o bem sempre. Alcântaras deve muito a ele. Hoje temos uma rua em sua ho-

menagem, assim como o nome do auditório do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mas ainda é pouco. De toda forma, e em nome dos alcantarenses, muito obrigado por tudo que fez e continua fazendo por nós, Monsenhor Furtado. (Depoimento, 2019, Joaquim Severiano Silva, morador de Alcântaras).

Elza Trajano

Monsenhor Furtado era considerado como pastor, médico e até advogado. Meu contato com ele se fortaleceu ainda na década de 80, pois na época eu morava no sítio Santa Rosa de onde me deslocava diariamente para estudar e muitas vezes participar de reuniões da catequese, e aos domingos, pela manhã, para participar das missas que eram realizadas por ele. Sempre tive carinho, admiração, atenção e respeito por ele. E isso era recíproco por parte dele. Era considerado com pai espiritual e pastor zeloso preocupado com a vida dos mais necessitados e carentes. Várias vezes me aproximei dele para conversar na intenção de ouvir boas palavras, ensinamentos e conselhos, pois fazia bem demais. Toda as vezes que o procurava para dialogar sentia meu coração leve, pois falava o que realmente eu precisava ouvir. Seus ensinamentos contagiavam a todos. Hoje estamos colhendo tudo o que ele planejou. São frutos de uma vida cercada de fraternidade, caridade, amor e respeito aos meruoquenses e alcantarenses. Foi um digno ser humano. Monsenhor Furtado foi o maior benfeitor da Serra da Meruoca. É atualmente uma referência a ser seguida enquanto homem Santo que roga por nós meruoquenses (Depoimento, 2019, Elza Souza Trajano, moradora da Meruoca).

Gorete Sampaio

Monsenhor Furtado era dono de uma simplicidade incomparável. Quando o vi pela primeira vez, imaginei que era um homem de poucas palavras e muito centrado nos afazeres da igreja, porém, era algo mais que isso. Com o passar do tempo, pude vê-lo como um homem de moral e palavras sinceras que causavam respeito e admiração por tudo que fazia. Era um cidadão que respeitava a todos, não tinha indiferenças, classes e nem cor. Era digno do que fazia através do seu caráter compreensivo e dedicado. Tudo que fazia era em prol de seu povo e sua paróquia. Tinha os meruoquenses como irmãos. Era considerado como pai, amigo e companheiro daqueles que as vezes deixava seus afazeres para conversar, aconselhar e solucionar os problemas das pessoas. Não aceitava ver o meruoquense sofrendo, sentindo dor,

fome ou sendo maltratado por alguém. Era daqueles homens que tomava a frente dos problemas dos outros e sabia como solucionar. Era muito comunicativo e tinha solução para tudo. Era também o médico, o advogado, o conselheiro, o construtor, o professor, o padrinho, dentre outras especificações. Não media esforços para atender ninguém, pois sempre dizia que só podia fazer alguma coisa pelas pessoas enquanto estivesse vivo. Para ele o futuro era algo incerto e o presente era o mais importante. Ele se preocupava até com as questões financeiras e de moradias. Se não tivesse onde morar era só ir até ele, pois se sentia bem em fazer doações de terrenos que pertenciam à paróquia. Segundo ele, cada pedaço de terra que eram doados as famílias que se encontravam em situações não agradáveis, estaria fazendo isso em nome de Nossa senhora da Conceição e em nome de Deus, pois este era o dono de tudo. Muitas vezes ele mesmo construía as casas com ajuda das pessoas. Era muito preocupado com a saúde e educação dos meruoquenses. Acreditava que um dia a Meruoca (cidade e distritos) iria viver em melhores condições. Era um homem completamente ligado a Deus. Era destemido e corajoso, não temia valentia e muito menos arrogância. Se não gostasse de alguma coisa dizia logo, não era de guardar mágoas. Por tudo que foi, fez e representou, considero-o hoje como um Santo, pois várias histórias que são relatadas sobre suas benfeitorias através dos milagres estão sendo comprovadas diariamente pela sociedade meruoquense. Isso me orgulha demais por ter tido o prazer de conhecer e conviver próximo dele (Depoimento, 2019, Maria Moreira Sales, moradora da Meruoca).

3.3 Crônica ao Padre Menino

Quando o Monsenhor aqui chegou, eu tinha apenas sete anos e alguns meses, mas lembro como se fosse hoje. Neste dia, todos os paroquianos vieram lhe receber e conhecer aquele homem que havia recém chegado. Eu também estava no meio do povo, ao lado de minha avó Joana, quando ouvi alguém falar: “Este é o padre que veio para ficar aqui em Meruoca? Este padre é um menino! Ele não vai demorar nada, porque não vai aguentar. Os outros, que eram mais velhos, não aguentaram, imagine este que é um menino”!

Quando ao celebrar a sua primeira missa, sem energia elétrica, sem microfone, a sua voz era tão forte que causou admiração, parecia que até as palmeiras pararam para ouvir aquela voz que entoava profetizando seu primeiro sermão. Foi tão

profundo e emocionante que a gente olhava uns para os outros e só via a lágrima cair nos olhos das pessoas. Daquele dia em diante começava sua luta. O padre menino, que ao chegar à casa paroquial olhou para um lado e outro, respirou forte como quem estivesse recebendo a luz divina que vinha do além para nos dar a energia que estava precisando para enfrentar todas as necessidades de um povo que estava sofrendo em todos os aspectos.

Era como se ele tivesse encontrado uma máquina velha, toda desmontada, e suas peças espalhadas por todos os lados. Ele teve que juntar peça por peça, montar e colocar para funcionar. Para começar, a casa paroquial, sem condição de morar. As paredes sem reboco, portas quebradas, o chão sem piso. Não havia mesa e nem cadeiras. Não tinha pratos, nem filtro para colocar água. No lugar do filtro havia apenas uma jarra de barro chamada moringa. O fogão era a lenha e existia apenas duas panelas de barro e dois potes também de barro, apenas isso.

Lembro que na casa paroquial havia um mistério. Toda vez que saía um padre, os objetos que eram deixados por lá desapareciam. É tanto que o padre menino, quando chegou à Meruoca, foi acolhido pelo casal José Laureano e dona Ana Maria, os pais de dona Ursulita, até que fosse possível reformar a casa onde ele deveria morar. Por ser tão grande a necessidade do povo meruoquense, Monsenhor não tinha sossego. Era de dia, de noite, na chuva, no sol, cedo ou tarde, mas estava sempre disposto a atender a quem o procurasse.

Naquele tempo, tudo era muito difícil. Não tinha estradas e o único transporte que ele utilizava era um cavalo que havia comprado para fazer suas andanças. Conseguiu também comprar um motor “rolante”, que gerava energia das 6 às 10h da noite. Em suas visitas pela serra, ele observou e pôde conhecer a condição de cada família da Meruoca. A mortalidade infantil, na época, era muito frequente. Tinha semana que havia até 12 sepultamentos de crianças. Era algo bem apavorante! Monsenhor, vendo tal situação, procurou logo saber qual era a alimentação que os pais costumavam dar para as crianças, então descobriu que era angu de farinha feita com água e açúcar, às vezes era com sal, porque algumas famílias não tinham sequer açúcar em casa.

Daí em diante ele começou a arranjar um tipo de leite que parecia até com o leite moça de hoje em dia, aí pagava uma mulher chamada de “Neném Bezerra” para que ela ficasse encarregada de dissolver aquele leite e colocar em litros para serem distribuídos entre as famílias mais carentes, foi dessa forma que a tal mortalidade infantil começou a diminuir na Meruoca. Foi a partir daí que conseguiu trazer a Cáritas, que vinha para cuidar das crianças e das pessoas que necessita-

vam de atendimentos e alimentações saudáveis. Tudo isso por intermédio de suas orientações e ensinamentos.

Quem passou por tudo aquilo está aí hoje para contar a história, assim como eu estou contando. Ele enfrentou um período onde a população convivia com muitas doenças contagiosas e perigosas, tipo: verminose, tracoma nos olhos, bôba, tuberculose, hepatite, sarna, calazar, lastrina, lepra, caxumba, catapora, sarampo, leishmaniose, varíola, doença de chagas, coqueluche e outras, que no momento me falha a memória. Nesse tempo não havia posto de saúde, nem hospital, nem farmácia, nem médico, foi então que ele mesmo passou, juntamente com sua irmã Margarida, a medicar o povo, e todos com as graças de Deus iam aos poucos ficando curados.

Contra o analfabetismo, Monsenhor fundou a escola paroquial que funcionava nos três turnos, a fim de atender todas as idades. Foi exatamente naquela maravilhosa escola que eu estudei da primeira à quarta série, no exato lugar onde hoje está o salão paroquial. Continuando seu combate ao analfabetismo, trouxe o MEB, que significava Movimento de Educação de Base. Era uma escola radiofônica que funcionava através do rádio, que era transmitido pela rádio Educadora do Nordeste. Monsenhor espalhou esta escola tanto na Meruoca como em Alcântaras, de modo que nos deixou um saldo muito compensador no tocante à educação como um todo.

Depois de ver a necessidade das pessoas que passavam o dia todo trabalhando, trouxe o Mobral, que quer dizer Movimento Brasileiro de Alfabetização, que funcionava somente à noite. Era uma escola muito valiosa com suas orientações, pois ele mesmo era o presidente e, às vezes, professor. Aqui, no que se refere à organização religiosa, só existiam algumas catequistas, que eram Regina, Maria Pinto e dona Mariana, todas sem nenhuma preparação. Então ele resolveu preparar uma catequese no estilo que está ainda hoje, que são verdadeiras evangelizadoras. O pior de tudo foi ele ter de enfrentar o gene forte do caboclo rude, doente, desunido, analfabeto, ignorante, sem princípios, sem noção. Com seu jeito de amar as pessoas, ele conseguiu “domar” os valentões que só sabiam esfaquear, esbofetear, chutar, machucar e matar uns aos outros.

Era muito difícil um final de semana que não chegasse um morto ou esfaqueado vindo dos forrós que aconteciam às vezes em Meruoca ou em Alcântaras. Monsenhor, por onde ia, costumava deixar sua palavra de amor e seu exemplo de homem sério, sincero e honesto. Ele conseguiu realizar, lutar, organizou tudo, mas nunca teve mordomia. Sempre será feliz aquele que segue seus exemplos e ensinamentos, pois como ele dizia: “Ninguém começa nada, apenas continuamos”.

Monsenhor José Furtado Cavalcanti

sua história de vida na história de Meruoca

Texto lido no dia em que Monsenhor Furtado completou 25 anos de paróquia na Meruoca. Autora: Rosa Maria do Nascimento (Esposa do Sr. Mariano - in memoriam).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Livia Afonso de. A memória das paisagens: reflexões sobre a série Orogeneses de Joan Fontcuberta. *In: Intercom* - Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da Comunicação. Recife-PE, 2011.

ARAGÃO, Mario Henrique. **Meruoca 300 anos de História**. 1999.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **História religiosa da Meruoca**. Sobral: Fundação Vale do Acaraú, 1979.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COELHO, Modesto Siebra. Uma Rurbanização nos Contrafortes da Meruoca. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, ano 1. Nº 1 (1999).

CUSTÓDIO, Fátima. **Acervo fotográfico de Monsenhor José Furtado**. Fátima Custódio. Meruoca-Ceará. 2019.

DIOGO, Bertoni Vasconcelos. **Alcântaras: III séculos de História**. 1ª ed. Alcântaras- Ce. 436p. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edição, 70. 1990.

IBGE - **Cidades**: Panorama Meruoca e Alcântaras (CE)-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/meruoca-alcantaras/historicos>. Acesso em: 01 set. 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Context, 2011.

NASCIMENTO, Manoel Rodrigues do. **Meruoca no contexto planetário. 3,2 séculos de história.** Manoel Rodrigues do Nascimento. Meruoca-CE: Ed. do autor, 2015. 340p.

NASCIMENTO, Rosa Maria do. **Crônica ao Padre Menino. 25 anos de paróquiato de Monsenhor Furtado.** Meruoca.Ceará.1969.

PINTO, Pedro Francisco. **Dados referentes à permanência de Monsenhor Furtado em Meruoca.** Novembro de 2005.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: Senac, 2009: 72-77.

SECRETARIA PAROQUIAL DE MERUOCA. **Batistérios e Matrimônios - 1948 a 1996 / Biografia dos Vigários.** Meruoca, 2019.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: Algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 45-53, 2002/2003. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php>>

SILVA, Josier Ferreira da. **Barbalha: gênese urbana – o processo de formação da cidade de Barbalha no contexto regional.** 1992. Monografia (Especialização em Análise Ambiental Urbana) – Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1992.

SOARES. Francisco Edson Lúcio; SOARES, José Wellington Lúcio. **Textos, Históricos e desenhos de Meruoca-CE.** Literatura local, Produção: Max cópia, Sobral – 2008.

SOARES, José Wellington Lúcio. **Meruoca: cidade de lazer, turismo e possibilidades no sertão cearense.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará - Uece. Fortaleza-CE, 2012.

SOUZA, Marcos José Nogueira de. **Análise ambiental e ecodinâmica das paisagens do semi-árido.** Ver. de geologia, (1): 73-91, junho, 1988.

XIMENES, Terezinha. **Jubileu de Prata-25 anos de Sacrifício, Doação e Serviços de Mons. Furtado. Irmãs Josefinas.** Meruoca-Ceará. 1969.



Este livro foi composto em fonte Minion Pro, no formato 16 x 23 cm,
com miolo em papel off set 75 g e capa em supremo 250g,
tiragem de 100 exemplares em janeiro 2020.

Falar sobre a história da Meruoca e não mencionar Monsenhor Furtado, ou falar sobre a trajetória deste religioso sem mencionar a Meruoca é ocultar os capítulos mais importantes de ambos. O município e Monsenhor Furtado tiveram seus caminhos entrelaçados por mais de meio século, o que tornou o protagonista deste livro mais do que um homem da Igreja, mas um homem do povo da Meruoca. E quando se fala no impacto do pároco naquela comunidade, não é apenas no alento que trouxe com suas palavras, reforçando a fé do povo local, mas na soma de todos os seus atos, que ultrapassaram as fronteiras religiosas, marcando a saúde, educação e infraestrutura até mesmo dos rincões daquela serra. Os autores trazem de forma inteligente a história da Meruoca, destacando a atuação de Monsenhor Furtado, permitindo aos leitores constatarem o motivo do nome deste personagem figurar em destaque nos monumentos e, principalmente, na memória do povo que teve sua vida influenciada por ele.

“É certo que algum dia morreremos, mas se por acaso ouvirem algum sino ribombando nesse dia, ou mesmo um rádio ou jornal anunciando nossa morte, saibam que embora julguem nossa alma por algo que fizemos ou deixamos de fazer, nossa sombra, juntamente com a destreza, sabedoria e dedicação, estarão sempre aqui!”

*José Wellington Lúcio Soares
Francisco Edson Lúcio Soares*